



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS XIV – CONCEIÇÃO DO COITÉ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

ALBERT HENRIQUE DE JESUS SILVA

LINHA 02 – CULTURA, DOCÊNCIA E DIVERSIDADE

**CENAS DE FICÇÃO E DESEJO: CARTOGRAFANDO OS TRAÇOS DO
CURRÍCULO-DESEJANTE CEMEVIANO**

CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA

2024

ALBERT HENRIQUE DE JESUS SILVA

**CENAS DE FICÇÃO E DESEJO: CARTOGRAFANDO OS TRAÇOS DO
CURRÍCULO-DESEJANTE CEMEVIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, Linha de Pesquisa 02: Cultura, docência e diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité-BA, para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Iris Verena de Oliveira


CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA
2024


FOLHA DE APROVAÇÃO
**"CENAS DE FICÇÃO E DESEJO: CARTOGRAFANDO OS TRAÇOS DO CURRÍCULO-
DESEJANTE CEMEVIANO"**

ALBERT HENRIQUE DE JESUS SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, em 27 de março de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:


Professor(a) Dr.(a) IRIS VERENA SANTOS DE OLIVEIRA
UNEB
Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos
Universidade Federal da Bahia


Professor(a) Dr.(a) ROSANE MEIRE VIEIRA DE JESUS
UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia


Professor(a) Dr.(a) THIAGO RANNIERLY MOREIRA DE OLIVEIRA
Ufrj - UFRJ
Doutorado em Educação
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Silva, Albert Henrique de Jesus

Cenas de ficção e desejo: cartografando os traços do currículo-desejante cemeviano.

/ Albert Henrique de Jesus Silva. – Conceição do Coité, 2024

111fls.il.

Orientadora: Profa. Dra. Iris Verena de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação – Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade

Contém anexos

1. Currículo-Desejante. 2. Negritude. 3. Cartografia. 4. Rabiscos/Borrões. 5. Ficção. I. Oliveira, Iris Verena. II. Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação Campus XIV. III.Título.

CDD: 375

AGRADECIMENTOS

Sinto que rabisquei páginas soltas, aleatórias. Sinto em meu corpo vários outros corpos, cada um com muitos braços, pernas e cabeças. Vários corpos em um só ou um único corpo em expansão. Por isso, agradeço as pessoas que fazem parte do meu corpo, produzindo novos modos de existir (re-existir) neste mundo e em vários outros.

Agradeço em especial a meu avô, Mário Pocidão da Silva, por estar presente em meu corpo e em tudo o que faço. Agradeço às mulheres que estiveram em mim durante todo o processo de escrita: minha mãe, Rosilene de J. Silva, por tornar o mundo possível; meu amor, Caislana Raila O. Lima, por me fazer experimentar a vida de uma maneira corajosa e desejante; minha avó, Maria Augusta de J. Silva, por me fazer criança no mundo de adultos; minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Iris Verena Oliveira, por me fazer perceber que angústia é pulsão de vida; e a todas as mulheres da família Silva e Lima.

Agradeço aos queridos amigos e todas as boas conversas que tivemos: Adriel Silva de Aquino, pelas experiências com música, filmes e diálogos desordenados sobre o universo; Jameson T. F. Silva, pelas orientações clandestinas e os longos áudios sobre pesquisa, filosofia, psicologia e a árdua vida de um professor-pesquisador no Brasil. Agradeço aos espaços de re-existências que me tecem: o CEMEV, por me fazer experimentar outras possibilidades de educação; o grupo de pesquisa, *Currículo, Escrivivências e Diferença*, por tantas trocas de afetos e vivências; o MPED, pelo espaço tão fértil e que fez brotar uma turma, em 2022.1, capaz de mudar o mundo; às bancas de qualificação e defesa, ambas tecidas por Thiago Ranniery e Rosane Vieira, por me fazer sentir o desconforto de crescer no processo de escrita.

Agradeço por saber que nunca estou só. Por saber que sou cada uma dessas pessoas e desses lugares. Sinto os traços de todos vocês em mim. *Em cada um, um milhão*. Nossos corpos, sendo um, carrega um mundo só nosso. Por tudo e por tanto, *obrigado!*

*All these places had their moments
With lovers and friends (...)
In my life, I've loved them all*

The Beatles. In my life. Álbum: Rubber Soul, 1965.

RESUMO

A presente pesquisa aciona um currículo em movimento a partir do território existencial do Centro Municipal de Educação de Valilândia (CEMEV), isto é, um currículo-desejante coexistente com as performances/improvisações da negritude *cemeviana*. Desejo, neste contexto, mobiliza-se enquanto produção, excesso, criação de mundos outros. Logo, um currículo-desejante se manifesta em sua não-localização, acontecimento que *estar-sendo* experimentado por personagens negros *cemevianos* como um meio de rasurar uma concepção ontológica/epistemológica de sujeito moderno-colonial. Para isso, busco acionar uma cartografia dos rastros deste currículo-desejante, manifestadas por meio dos rabiscos e borrões produzidos nas paredes brancas do CEMEV e que se estendem por todo o seu território físico-existencial. A cartografia, neste cenário, é produzida por linhas de fuga que estão em constante movimentação, ou seja, os rabiscos nas paredes dos banheiros, salas de aula, cadeiras, mesas e muros da escola que se conectam, num movimento ficcional/imaginativo, com as movimentações dos personagens *cemevianos* por estradas de chão e espaços físicos do território de Valilândia. Deste modo, uma cartografia que rompe com uma lógica representacional da linguagem, desvirtuando o movimento interpretativo e, por isso, criando os seus próprios conceitos. Em suma, trata-se de questionar uma noção de humanidade que coloca o homem branco num lugar confortável, enquanto os corpos negros estão delegados a uma não-humanidade/não-ser, fora de uma concepção ontológica de ser humano. Logo, manifestam-se performances que encenam um mundo para além deste que conhecemos por meio do movimento de ficcionar/inventar mundos outros, mundo negro. Para isso, tenciono um diálogo entre o pensamento de Deleuze e Guattari, visando mobilizar conceitos de uma filosofia da diferença/esquizoanalítica e o pensamento negro radical, sensibilizando os escritos estético-políticos de Fred Moten, Denise Ferreira da Silva e Frank Wilderson III. Por fim, proponho acionar a fotografia dos rastros do currículo-desejante como meio de ficcionar mundos e produzir outros modos de existência.

Palavras-chave: Currículo-desejante, negritude, cartografia, rabiscos/borrões, ficção.

ABSTRACT

The present research activates a curriculum in movement from the existential territory of the Municipal Education Center of Valilândia (CEMEV), that is, a desire-curriculum coexisting with the performances/improvisations of Cemevian blackness. Desire, in this context, mobilizes itself as production, excess, creation of other worlds. Therefore, a desire-curriculum manifests itself in its non-localization, an event that is being experienced by black Cemevian characters as a means of erasing an ontological/epistemological conception of a modern-colonial subject. To do this, I seek to create a cartography of the traces of this desired curriculum, manifested through the scribbles and blots produced on the white walls of CEMEV and which extend throughout its physical-existential territory. Cartography, in this scenario, is produced by lines of flight that are in constant movement, that is, the scribbles on the walls of bathrooms, classrooms, chairs, tables and school walls that connect, in a fictional/imaginative movement, with the movements of Cemevian characters along dirt roads and physical spaces in the territory of Valilândia. In this way, a cartography that breaks with a representational logic of language, distorting the interpretative movement and, therefore, creating its own concepts. In short, it is about questioning a notion of humanity that places white men in a comfortable place, while black bodies are delegated to a non-humanity/non-being, outside an ontological conception of human being. Therefore, it is necessary to perform a world beyond the one we know through the movement of fictionalizing/inventing other worlds, a black world. To this end, I intend a dialogue between the thoughts of Deleuze and Guattari, aiming to mobilize concepts from a philosophy of difference/schizoanalytical and radical black thought, raising awareness of the aesthetic-political writings of Fred Moten, Denise Ferreira da Silva and Frank Wilderson III. Finally, I propose using photography of the traces of the desired curriculum as a means of fictionalizing worlds and producing other modes of existence.

Keywords: Curriculum-desire, blackness, cartography, scribbles/blots, fiction.

LISTA DE FIGURAS

IMAGENS

Imagem 1: Retirada da internet e exposta em Mil Platôs, vol. 1. de Deleuze e Guattari (2011)	61
Imagem 2: Capa do disco África Brasil de Jorge Ben (1976)	65
Imagem 3: 2021: Feitiço para ser invisível (spell to become invisible). Jota Mombaça (2021) na 34º Bienal de São Paulo.....	95
Imagens 4 e 5: 2021: Feitiço para ser invisível (spell to become invisible). Jota Mombaça (2021) na 34º Bienal de São Paulo.....	98

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Performances do tempo, ser-tempo e não-ser.....	32
Fotografia 2 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	86
Fotografia 3 e 4 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	87
Fotografia 5 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	88
Fotografia 6 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	89
Fotografia 7 e 8 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	92
Fotografia 9 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	93
Fotografia 10 - Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	95
Imagem 11: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.....	96

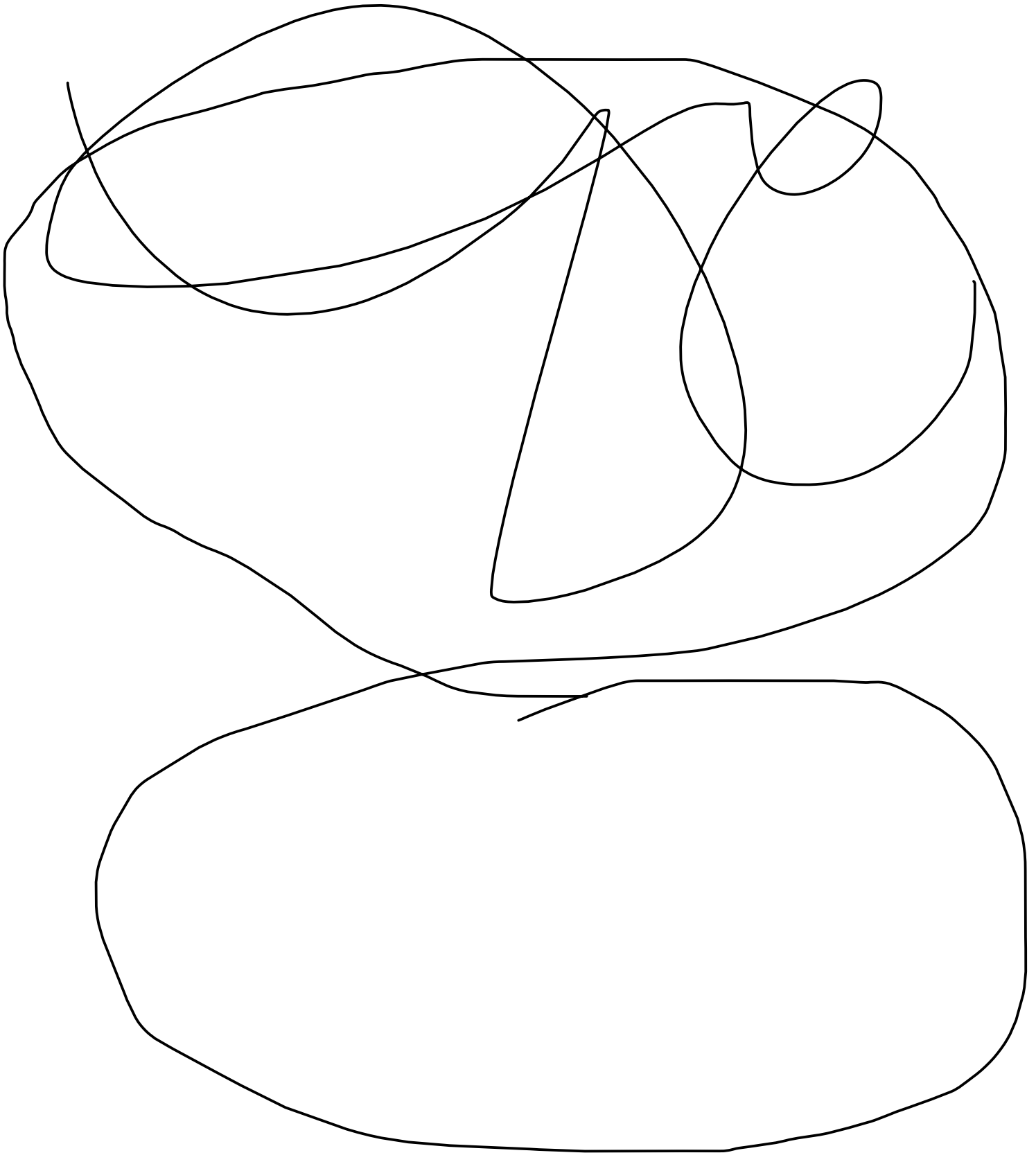
DESENHOS

Desenho 1 – Artimanhas do Im/possível, Albert Henrique de J. Silva, 2024.....	11
Desenho 2 – Performances do tempo, Albert Henrique de J. Silva, 2024.....	22
Desenho 3 - Torções imaginativas e performances desejantes, Albert Henrique de J. Silva, 2024.....	46
Desenho 4 – Performances do olhar, Albert Henrique de J. Silva, 2024.....	84
Desenho 5 – Cenas de Ficção e desejo, Albert Henrique de J. Silva, 2024.....	100

SUMÁRIO

1. ARTIMANHAS DO IM/POSSÍVEL	11
1.1. REINVENTANDO O IM/POSSÍVEL	12
1.1.1. O IM/POSSÍVEL.....	12
1.1.2. UMA (OU VÁRIAS) PSICOLOGIA IM/POSSÍVEL.....	13
1.1.3. RETRATOS E PERFORMANCES IN/VISÍVEIS NO/DO CEMEV	17
2. NOTAS PERFORMADAS DA NEGRITUDE: CURRÍCULO-DESEJANTE E A ESCOLA DO FIM DO MUNDO	22
2.1. PLANO DE IMANÊNCIA E CRIAÇÃO DE CONCEITOS	23
2.2. RASURANDO O SUJEITO (ONTOEPISTEMOLÓGICO) DO CURRÍCULO	26
2.3. PERFORMANDO UM CURRÍCULO IM/POSSÍVEL	37
2.4. BORRÕES, RABISCOS E PERFORMANCES.....	41
3. EXPERIMENTANDO TORÇÕES METODOLÓGICAS: PERSONAGENS, LINHAS E PERFORMANCES.....	46
3.1. O MÉTODO CARTOGRÁFICO	47
3.2. TRAÇANDO LINHAS, PERFORMANCES E BORRÕES: RASURANDO O “PROJETO DE VIDA” DA BNCC.....	53
3.3. “NOSSO DESTINO É O MOTOR”: CARTOGRAFANDO RASTROS DO CURRÍCULO-DESEJANTE CEMEVIANO.....	58
3.4. RASTROS CARTOGRÁFICOS: NOTAS SOBRE A DIFERENÇA PRETA CEMEVIANA	72
4. PERFORMANCES DO OLHAR: RASTROS DO CURRÍCULO-DESEJANTE E LINHAS DE FUGA	84
4.1. RASTROS DE UM CURRÍCULO-DESEJANTE SEM/EM IMAGENS.....	85
4.1.1. IMAGENS SEM/EM IMAGEM, FOTOGRAFIA E (RE)CRIAÇÃO DE ACONTECIMENTO(S): PERFORMANCES DO OLHAR.....	88
4.1.2. PERSONAGENS CEMEVIANOS SEM/EM IMAGENS	91
4.2. LINHAS DE FUGA SEM/EM IMAGENS: TRAÇANDO ROTAS DE FUGA	94
4.2.1. IMAGEM RASURADA POR IMAGENS EM MOVIMENTO.....	94
4.2.2. UM LIVRO-EXPERIMENTAÇÃO? IMAGEM-MOVIMENTO? O QUE PODE AS IMAGENS DOS RASTROS DO CURRÍCULO-DESEJANTE?	96
5. CENAS DE FICÇÃO E DESEJO: O QUE PODE UM CORPO?.....	100
5.1. O UNIVERSO CEMEVIANO EM EXPANSÃO (E DURAÇÃO).....	101
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXO I.....	111

1. ARTIMANHAS DO IM/POSSÍVEL



Desenho 1: Artimanhas do Im/possível, Albert Henrique J. Silva, 2024.

1.1. REINVENTANDO O IM/POSSÍVEL

1.1.1. O IM/POSSÍVEL

O que constitui um corpo sem rosto? Uma escrita sem palavras? Um corpo sem órgãos? Digo, como escrever sem significantes e significados? Em suma, manifesta-se aqui uma escrita sobre um *isto* que se produz na escola sem forma e conteúdo. O afeto em movimento, fluido, desejanste e em sua dimensão criadora e disruptiva. Um afeto não-localizável, mas que *estar* em todos os lugares ao mesmo tempo. Ou melhor, os afetos *são/estão* todos os lugares ao mesmo tempo – passado-presente-futuro. Todos os lugares, espacialidade, o afeto produz o espaço e, portanto, produz a escola, a dimensão de lugar inerente ao afeto, ao desejo. Por isso, a escola é o próprio rabisco que se apaga e/ou se transforma. Ao mesmo tempo, a/temporalidade não-linear. O tempo do desejo é outro e é tudo. O borrão na parede branca é máquina do tempo – máquina, maquinaria que produz e é produzido pelo movimento do tempo não-linear.

O im/possível, neste sentido, condiz com a im/possibilidade de escrever sobre esse rabisco-escola e borrão-tempo, ou melhor, um espaço-tempo não-localizável e não-mensurável. O im/possível, que denuncia uma multiplicidade dentro do próprio *status* de impossibilidade e que se manifesta na indagação de Matheus Araújo dos Santos (2023): “Como traduzir um in/traduzível, ser fiel ao que não tem origem, decodificar o que se quer opaco?” (p. 23); na tradução do livro de Fred Moten (2023), impulsiona uma necessidade de experimentar uma escrita *com* rabiscos e borrões e escola e tempo... O im/possível é multiplicidade e se produz em seu caráter positivo. O im/possível é criação do não-representado: “o que resta é a improvisação, a invenção, a criação a partir da sensibilidade abismal, conjúntica, o mistério” (SANTOS, 2023, p. 23).

O rabisco que atravessa matéria física e a faz expandir – o banheiro que perde sua localização e se desorganiza através dos nomes riscados, dos borrões “meio apagados” e, por isso, pistas do currículo improvisado pelo desejo... um currículo performado pela diferença. O que representa o pênis em lápis na parede? Precisa representar, interpretar, analisar? São questões que irritam os psicanalistas. Para que serve um texto então? Para que serve um psicólogo? Para experimentar um currículo im/possível e um sujeito borrado – a parede branca que não comporta a diferença preta.

Para que serve um texto? Essa é a questão. Quando Deleuze-Guattari escrevem a série de livros *capitalismo e esquizofrenia*, ambos expõem a necessidade de um livro que deve ser experimentado. O que resta, então, é produzir um anti-édipo psicanalítico, dado que na psicanálise, a *interpretação* clínica nos conduz sempre a um édipo “mal resolvido” (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Um centro, portanto. *Por isso*, a análise de um inconsciente teatral,

representativo. *Por isso*, o desejo que precisa ser preenchido. *Por isso*, os rabiscos que precisam de um significado – de onde vem aquela cena de sexo desenhada na parede? E o espanto conseguinte quando não se pretende simplesmente analisar ou interpretar o que está posto.

Como funciona um texto, então? E a pesquisa? A pesquisa já é, por si, uma produção de currículo. Manifesta-se um acontecimento que a modifica, e outro e outro... Acontecimento do acontecimento. Uma pesquisa sem fundamento se forma e logo em seguida, quase simultaneamente, se desformar e reformar. Assim sendo, uma pesquisa estética na qual forma é conteúdo e este, por sua vez, é um e vários ao mesmo tempo. Esse é o rabisco na parede com uma multiplicidade de linhas visíveis e invisíveis que por si só já é resistência ao currículo-norma.

Os rabiscos são arte, então? Um falso problema. Pra ser arte, precisa ser alguma *coisa*? Os rabiscos *estão* desejo que rasura o sujeito. *Estão* desejo que rasura a brancura e a branquitude. *Estão* desejo e produção dele. A música negra, a imagem fotográfica, a performance, as obras de Kafka, a escrita *queer* em Ranniery, a diferença em Iris, a estética da tradição radical preta e in/traduzível em Moten, a dissertação... Produção desejante. Uma escola-rizoma ganhando em extensão/duração e permanecendo num mesmo espaço geográfico.

Em suma, a escola sentida nos corredores é rasurada e rabiscada, cheia de linhas *negroafetivas* e desejantes. Por consequência, uma escola que coexiste com um currículo im/possível e, deste modo, produz uma escrita também im/possível (in/traduzível, in/visível) e que por sua vez ganha a dimensão de uma escrita-experimentação – produção, acontecimento, improvisação... improvisação é o que maquina a escrita e o que é criado a partir dela, no espaço entre o leitor e a obra. Uma teia sendo *entre-tecida* (MACEDO; RANNIERY, 2018b) continuamente.

1.1.2. UMA (OU VÁRIAS) PSICOLOGIA IM/POSSÍVEL

Uma pesquisa que se propõe acionar a diferença, o desejo, os modos de diferimento e os acontecimentos inerentes a escola, tendo em vista a necessidade de romper com uma concepção de sujeito autocentrado e racional, tem para si o desafio de produzir uma escrita im/possível. Sendo assim, como criar uma escrita sem acionar a concepção de “sujeito”? Ou como acioná-la enquanto fluxo de intensidade? É possível uma escrita-acontecimento? E estando psicólogo escolar, como produzir uma escrita sem sujeito? Ou uma psicologia sem sujeitos?

Ademais, é sabido que em psicologia há uma infinidade de perspectivas epistemológicas, em geral conflitantes e que serão mobilizadas na medida em que o profissional

“escolhe” uma para atuar na clínica, escola, hospital, serviço público, dentre outros espaços. Logo, a própria organização em relação a “escolha de abordagem” legitima um sujeito autônomo e racional, tendo em vista que o limite entre as escolas é bem demarcado. Além disso, é comum pensar a psicologia a partir de um “eu” subjetivo e na manutenção desta subjetividade.

Neste cenário, como *criar* uma psicologia escolar sem estabelecer um centro no sujeito da escola? Destaco, portanto, que o processo de escrita aqui mobilizada encontra-se implicada com uma psicologia-esquizoanalítica, cujo diálogo com o pensamento negro radical tenciona a *destruição* de um sujeito autoanalítico, autônomo e “psicoeducado”. Neste sentido, como assumir o risco de se lançar num espaço constituído por intensidades e experimentar um currículo em difração, sem mobilizar uma psicologia descritiva e/ou explicativa – ou diagnóstica?

Em suma, a psicologia mobilizada nesta escrita dialoga com a esquizoanálise de Deleuze e Guattari, tendo em vista que o seu papel “passa pela destruição, por toda uma faxina, toda uma curetagem do inconsciente. Destruir Édipo, a ilusão do eu, o fantoche do superego, a culpabilidade, a lei, a castração” (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 411). Assim sendo, percebendo-a como fruto do próprio plano em que está sendo acionada, o Centro Municipal de Educação de Valilândia (CEMEV) assume seus próprios meios para buscar essa destruição. Trata-se, deste modo, de “esquizofrenizar” o currículo ao mobilizá-lo (deseja-lo, produzi-lo) enquanto fluxo desejante no CEMEV.

Portanto, mobilizo o CEMEV como esse espaço que im/possibilita a improvisação de um currículo-desejante e, desta maneira, produz um acontecimento que vai além do seu espaço físico-geográfico. Enquanto território existencial (NASCIMENTO, 2022), o CEMEV se expande e se produz em suas torções especulativas, fictícias e reais, constituindo como uma escola em movimento – imanente aos acontecimentos que produzem essa escrita. O CEMEV é o próprio texto *dissertativo-experimentativo* em exposição... confuso.

Com isso, destaco que o diálogo mobilizado nesse espaço entre psicologia e pós-estruturalismo (aqui por meio da filosofia da diferença de Deleuze-Guattari) não está dado a priori, tendo sempre a necessidade de nascer a partir de um plano concreto em que o acontecimento seja inerente à psicologia que se pretende acionar. Na psicologia, o sujeito sempre assumiu um lugar de destaque, sendo a subjetividade humana o *centro* de suas discussões. Foi desta forma que, da psicanálise ao behaviorismo, a psicologia ganhou um corpo humano (bem constituído e com órgãos).

Deste modo, para uma pesquisa (e escrita) im/possível, faz-se necessário a invenção de uma (*sempre nova*) psicologia escolar, invenção esta que dependente das movimentações e

performances manifestadas no CEMEV, dado que re-existências operam neste espaço, possibilitando outras formas de subjetivação (LIBERATO; COSTA; BARROS, 2019). Assim sendo, a psicologia escolar é mobilizada pelo desejo que produz e se movimenta, sem sujeito e sem subjetividade fechada nela mesma, provocando e sendo provocada pelos processos de subjetivação. Por isso é uma psicologia em conexão com tantos outros conceitos e tendo a necessidade de criar os seus próprios para existir.

Então, uma psicologia em operação e movimento, coexistente a outros movimentos que rasuram o sujeito. Um pouco do que se chamou de uma clínica esquizoanalítica queer (CALOU et. al, 2023). Tudo em sua im/possibilidade: a psicologia, a escrita, a pesquisa, o currículo, tudo em seu plano, também im/possível, a escola, o CEMEV. Im/possível, pois, é um espaço em que outro mundo já ‘acontece’, um *mundo* que provoca barulho neste que conhecemos.

No entanto, destaco que os termos utilizados para acionar essa psicologia im/possível não estão fechados neles mesmos. Esquizoanálise, diferença, desejo, performances, improvisação... conceitos operacionalizados para movimentar o espaço do CEMEV, mas intrínsecos a ele, ao mesmo tempo estando em conexão com outros acontecimentos inventados pelo/no CEMEV, a exemplo: currículo-desejante, im/possível, improvisado. Digo, em contato com o próprio Deleuze (1973) que mobilizo conceitos e não palavras e, por isso, se encontram em constante transformação, metamorfose.

Subjetiva-ção, colocar a subjetividade em movimento. Saúde mental? Como pensar saúde sem descrição ou diagnóstico? Os cadernos de saúde e as referências técnicas (CFP, 2019) de psicologia escolar assumem o papel preventivo e de promoção da área, porém, a prevenção é também um modo de inventar um mundo outro, já que a saúde mental não se sustenta num espaço em que existem forças de fixação – de corpos orgânicos em uma identidade, um rosto, uma história, uma (não)subjetividade. As tentativas de normatizar o currículo buscam a fixação de corpos e, neste cenário, mantém intacto o sujeito limpo e transparente produzido pela modernidade (FERREIRA DA SILVA, 2022a). Com isso, torna-se necessário rasurá-lo, isto é, rasurar a subjetividade, desvirtuá-la. Portanto, uma psicologia inerente ao currículo im/possível e performado pela negritude.

Nesta perspectiva, sendo o currículo experimentado em seus modos subversivos, aquilombados, sensibiliza-se, do mesmo modo, uma psicologia performada. Ou seja, uma psicologia rabiscada, rasurada, fazendo existir um espaço em que a idealização do eu, sempre branco e inalcançável pela negritude (SOUZA, 1983) seja destruído e/ou rasurado. Neste sentido, uma psicologia atrelada a luta antirracista é uma via para a escuta das manchas nos corredores, dos gritos abafados nos banheiros, dos afetos produzidos nos intervalos e,

principalmente, nos rabiscos pretos gritantes que marcam as paredes brancas da escola. Uma escrita rabiscada e cheia de borrões constituem essa psicologia.

Deste modo, estar como psicólogo escolar diz respeito a se manifestar como parte do diagrama que se expande na escola e se experimenta na escrita, assim como os demais acontecimentos que são acionados (ficcionalizados): currículo, improvisação, diferença, difração, desejo, negritude, performances, dentre outros. E, por isso mesmo, estar como psicólogo escolar só é possível em seu plano de imanência – isto é, o Centro Municipal de Educação de Valilândia (CEMEV). Os conceitos, neste contexto, apresentam-se em sua materialidade e potência, “não tem coordenadas espaçotemporais, mas apenas ordenadas intensivas. Não tem energia, mas somente intensidades. (...) O conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 29).

Neste sentido, a escrita é im/possível e necessária. Trata-se de uma escrita de conceitos. Porém, a escrita é experimentada, é um processo criativo que vai se produzindo na medida em que é colocada em prática. A escrita também está num constante tornar-se, deixando os seus rastros. Assim como o currículo, a escrita está sendo performada, conduzida por vias da difração. Contudo, sendo a escrita uma performance, encontra-se entre o real e o imaginativo, uma escrita de fronteira – entre o ser e o não-ser, logo, envolve riscos.

Por isso, im/possível. A escrita é a/o/posta. Se os estratos, o currículo, a normatividade produzem modos de difração, isto condiz com uma coexistência entre o molar e molecular, a representação e a diferença. Desta forma, uma (ou várias) psicologia im/possível, pois, enquanto conceito-acontecimento, se torna também uma (ou várias) escrita. Os outros da pesquisa coexistem à psicologia e ao CEMEV, tendo em vista que todos são conceitos cuja condição de existência é inerente a este espaço. Por isso que a negritude, por exemplo, só existe enquanto performances e improvisações – e em diálogo com Moten (2021) e Fanon (2008), sua existência também é inerente ao não-lugar da negritude.

A negritude, neste contexto, enquanto um movimento contrário às políticas de identidade e os modos de representar um “eu” diferente. Numa escrita im/possível, o desejo negro é, ao mesmo tempo, produção e excesso, fluxo que não se categoriza. Trata-se de reencenar uma performance que não pode ser vendida ou representada como uma parte do currículo-norma sobre diversidade. O currículo im/possível, aqui, manifesta-se como rasura e coexiste com as performances borradas/improvisadas da negritude.

Em suma, uma psicologia que dialoga com a esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2010a) e, simultaneamente, experimentando torções imaginativas com autores e autoras negros/as que não escreveram (diretamente) sobre psicologia, a exemplo de Fred Moten, Denise

Ferreira da Silva, Frank Wilderson, Iris Verena Oliveira. Com isso, sensibilizo uma psicologia escolar operando por meio de experimentações especulativas e de improvisação, além de acionar o desejo em excesso, como produção de mundo – e, a partir destas torções que tencionam o fim do mundo.

As pistas de uma psicologia com múltiplas entradas/diálogos permitem acenar uma escola que tem seu modo de existir atrelada a uma teia relacional de corpos constituídos de intensidades, isto é, coexistentes entre si – o processo de reconhecimento sempre em relação com o outro, porém, enquanto um ser que nunca é e sempre estar lançando-se a ser (vir-a-ser). A escrita só existe, neste cenário, através dessas linhas, rabiscos, borrões, rastros de performances. Uma escrita que encene o currículo em movimento se conectando com suas pistas – uma escrita-cartográfica, um modo de produzir um mapa com possíveis rastros do currículo não-localizável.

Em resumo, a escrita produz para si seus próprios conceitos, mesmo sendo um conceito inerente ao CEMEV, diante da impossibilidade de significar esses fluxos que estarão sendo cartografados. Logo, mobilizar uma escrita do acontecimento, da ruptura pela diferença, condiz com performar uma escrita ficcional, imaginativa – aciono uma escrita no limite entre o real e o fictício, uma escrita fronteiriça. Por isso, neste contexto, a escrita é inerente ao estar sendo da psicologia escolar no CEMEV, dado a dimensão estética, ética, política e ficcional das suas experimentações. Portanto, forma e conteúdo em coextensão.

1.1.3. RETRATOS E PERFORMANCES IN/VISÍVEIS NO/DO CEMEV

A negritude do CEMEV existe na in/visibilidade. Digo, uma visibilidade performada no submundo/subsolo, logo, uma negritude que se faz in/visível para poder existir no mundo: “a negritude [negritude] é invigiável porque não há como vigiá-la sem estar nela, não há como observá-la de fora, ou seja, a partir de seus efeitos antinegros e mundanos” (MOTEN; HARNEY, 2023, p. 85), logo, neste cenário, “como traduzir o intraduzível (...) e o que se quer opaco?” (ARAÚJO, 2023).

Neste sentido, a negritude é mobilizada como a performance em si, àquilo que escapa da representação e escapa do que é traduzido pelas políticas públicas de educação – normativa que permite, por exemplo, a BNCC. Trata-se de um fluxo que borra o possível, já que a possibilidade se apresenta dentro de um limite proposto ou pensado de dentro do real. O im/possível, fazendo-se opaco, escapa da imagem do pensamento e produz um pensamento sem imagem (DELEUZE, 2021). Logo, um risco na parede, sem forma (ou com forma, mas sem

conteúdo *representável*) aciona o im/possível, reimagina corpos, ficciona um currículo, destrói uma psicologia pronta – por isso, performances que tencionam outros modos de existir no mundo e em outros mundos.

No entanto, a negritude se faz, também, estudante. Se faz aluno/a, veste farda e tenta se adaptar ao modelo dado *a priori* para promover a sua destruição de dentro pra fora – eis o aspecto revolucionário da negritude: produzir dobras, curvas e linhas tortas na linearidade imposta pelo currículo normativo. Por isso, uma negritude que hesita em *falar* sobre luta antirracista de maneira direta, mas produz agrupamentos no intervalo para burlar o sinal de retorno para a sala de aula – isto já não é a luta antirracista em movimento?

Em suma, apresento agrupamentos de alunas/os responsáveis pelas rachaduras do currículo. Deste modo, os personagens *cemevianos* e seus ditos agrupamentos constroem uma rede que tende a se expandir, manifestando performances in/traduzíveis, tendo em vista que se trata de um outro mundo, personagens que re-des-fazem ao se espalhar por toda a escola, produzindo novas concepções de espaço-tempo. Neste contexto, a negritude *cemeviana*, sem corpo e sem órgãos, aciona uma série de dispositivos para (re)criar suas próprias linhas de fuga em que cenas se apresentam sempre em borrões.

Deste modo, a negritude do CEMEV se apresenta por meio de/através de adolescentes, majoritariamente negros e provindos do espaço rural de Valilândia, Queimada do Curral, Itareru, Santa Rita de Valilândia, Cipó de Leite, dentre outros, tornando Valilândia uma encruzilhada na qual várias linhas encontram seu ponto de encontro e o CEMEV, neste contexto, manifesta-se como um intercessor, criando para si o seu próprio corpo-encruzilhada, seu próprio currículo-quilombo (SILVA; OLIVEIRA, 2023).

Além disso, são adolescentes interessados/as em futebol, redes sociais, festas e cavalgadas, muitos trabalham no motor de sisal e buscam alinhar isso ao turno de estudo, outros ajudam as famílias nos comércios da região. No geral, a maioria vai para as escolas estaduais localizadas na sede para fazer o ensino médio. Em suma, aciono aqui uma negritude que, por meio dos seus corpos, encenam personagens representados de algum modo pelo currículo – é evidente que a organização do currículo normativo busca se ajustar a realidade da região e que as professoras/es sensibilizam aspectos da cultura regional para potencializar o aprendizado da comunidade escolar.

E o in/traduzível? E o in/visível? E o desejante? O im/possível é inventado por essa mesma negritude, desde os ônibus escolares – que puxam o CEMEV por todas as bifurcações de Valilândia – até a fila da merenda: “O intervalo é muito curto”, dizem, “não dá tempo fazer nada”. O que significa o *nada*? “o que vocês fazem no intervalo?”, pergunto. “*Nada...*”,

respondem. Ou melhor, o que esse *nada* (não)significa? A im/possibilidade é inventada, portanto, através destas movimentações que (re)imaginam um nada e operam a partir dele: “só na fila da merenda a gente fica um tempão”, dizem, e a fila que representa a norma em si (corpo organizado) tem *para si* uma produção do im/possível, o toque, o afeto, a risada, o desejo, o *nada*.

E a fila vai se refazendo em círculos por todo o espaço físico do CEMEV, nas poucas árvores que tem e na grande mesa da cantina. Observa-se o CEMEV performando um imenso quilombo em que corpos pretos compõem a gira – o *nada* sendo (re)criado e, assim sendo, é por meio dele que este quilombo vem à tona na *fala* dos adolescentes, “não tem nada pra fazer no intervalo”, “o que faço no intervalo? Nada!”, ou a “(...) a im/possibilidade de comunicação direta, as ideias da escrita como fala visível e da escrita como algo independente dela” (MOTEN, 2023, p. 84).

Com isso, mobiliza-se uma linha que conecta os rabiscos (não)localizados nas paredes brancas do banheiro com o *nada* produzido nos intervalos e na sala de aula – artimanhas do im/possível e sua própria invenção. Assim, o idioma do currículo-desejante é o *nada* reimaginado pela negritude *cemeviana*, ou melhor, um anti/ante-idioma, “uma reconceitualização ou reinstrumentalização (...) do idioma que permite uma improvisação (...)” (MOTEN, 2023, p. 84). Em outros termos, aciono os agrupamentos que produzem as rodas, o currículo-quilombo, acentuados no instante do intervalo do CEMEV, em que o im/possível se reinventa através dos/nos corpos da negritude e se estendem até os rabiscos que se espalham nas paredes brancas da instituição.

Neste contexto, quem/o que são os/as adolescentes negros do CEMEV? E como operam uma rasura no sujeito (possível) ontológico do currículo-norma? Corpo-quilombo. Adolescentes que operam numa lógica criminal (PINHO, 2014), isto é, adaptando-se à escola moderna para tencionar a sua derrocada. Não à toa que os corpos negros incomodam tanto o bem-estar da escola, dado que os adolescentes negros do CEMEV são os que mais filam aula, riscam paredes, repetem de ano, desrespeitam as normas, conversam durante as aulas e, como consequência, são os que mais frequentam a secretaria – quando isto passará *percebido*? O corpo negro que se movimenta e movimenta também o currículo – passará ileso?

A relação criminal da negritude *cemeviana* se manifesta, portanto, com a indisciplina. A roda de conversa com o psicólogo sobre *bullying* no 6º ano, por exemplo, foi diretamente burlada por duas garotas, ambas negras, já “carimbadas” entre as professoras como as meninas que “não querem nada com a vida”. Uma delas, irmã de mais 6 crianças e adolescentes, todos pretos, todos “carimbados” como filhos de uma mãe conhecida na região, indisciplina –

como esperar uma relação pacífica entre corpos negros e uma instituição moderna? A disciplina, marca registrada da instituição moderna (FOUCAULT, 1987), é burlada, rasurada e, com isso, funciona para docilizar corpos – ou efetivar a sua desumanização. No entanto, a menina (repetente do 6º ano), estudante do turno vespertino, coloca em tensão o bem-estar moderno-colonial para mobilizar outros modos de existir, isto é, trata-se de mobilizar a im/possibilidade da existência de um corpo não-localizado.

Neste cenário, a indisciplina e a recusa de ouvir o que não foi feito para si mobiliza o *nada* experimentado pela negritude – são linhas sendo puxadas e rompendo/rasurando a partitura que guia o ideal de ensino-aprendizagem. Mais um rabisco aparece na parede e nas estradas de Valilândia: a adolescente anda a cavalo, conhece sobre os quefazeres da roça, se empolga com os jogos de futebol, mobiliza agrupamentos na escola para tensionar o que está posto, “é má influência”, dizem as professoras.

No turno vespertino, outras tantas adolescentes desregulam o caminhar do currículo: “escola é lugar de conversar, socializar, namorar”, diz um grupo de adolescentes do 9º ano. Ao mesmo tempo, um tipo de namoro e socialização é legitimado na escola, enquanto outros sofrem com as tentativas de abafamento e aniquilamento: “a menina do 6º ano foi pega namorando com outra menina no banheiro”, dizem. “Tu já viu que a menina do 9º ano anda de mãos dadas com a outra no intervalo, vamos ter que conversar. Chama o psicólogo”, dizem.

O *negroafeto*, as rasuras operadas no modelo branco de se relacionar, o confronto com a heteronormatividade e as várias formas de conter o desejo: “será que a mãe já sabe?”. Logo, a negritude busca experimentar um modo de conversar, socializar e namorar que não cabe nas instituições modernas e que rasura a conversa, a socialização e o namoro permitido e representado no/pelo currículo-norma.

Em suma, o *nada*, por estar sendo *nada*, funciona a partir do desejo e pelo desejo. Como conter o desejo dentro da sala de aula? O desejo preto, corpo-quilombo desejante da adolescente negra que experimenta a recusa na sala de aula e que, movimentando-se, leva consigo outros corpos, mobilizando e improvisando o currículo-desejante. Artimanhas do im/possível. Toda a representação feita daquele corpo o coloca numa significação marginalizada – a indisciplina, se operada pelo corpo negro, é sempre um desvio de conduta, alguma classificação psicopatológica ou reflexo de desestrutura familiar. Por isso, a adolescente experimenta o desejo que, por ser desejo, rasura o currículo-norma.

Além disso, a mobilização de um coletivo que tece as lutas estudantis se manifesta, também, como fluxo desejante. Digo, adolescentes que rasuram o plano de ensino e de aula movimentam todo um conjunto de corpos não-contemplados pela representação – a indisciplina

generalizada, operacionalizada por corpos negros e que (des)formam os coletivos estudantis. Ou melhor, se a negritude existe na in/visibilidade, como sustentar um movimento organizado, como garantir um corpo *com* órgãos?

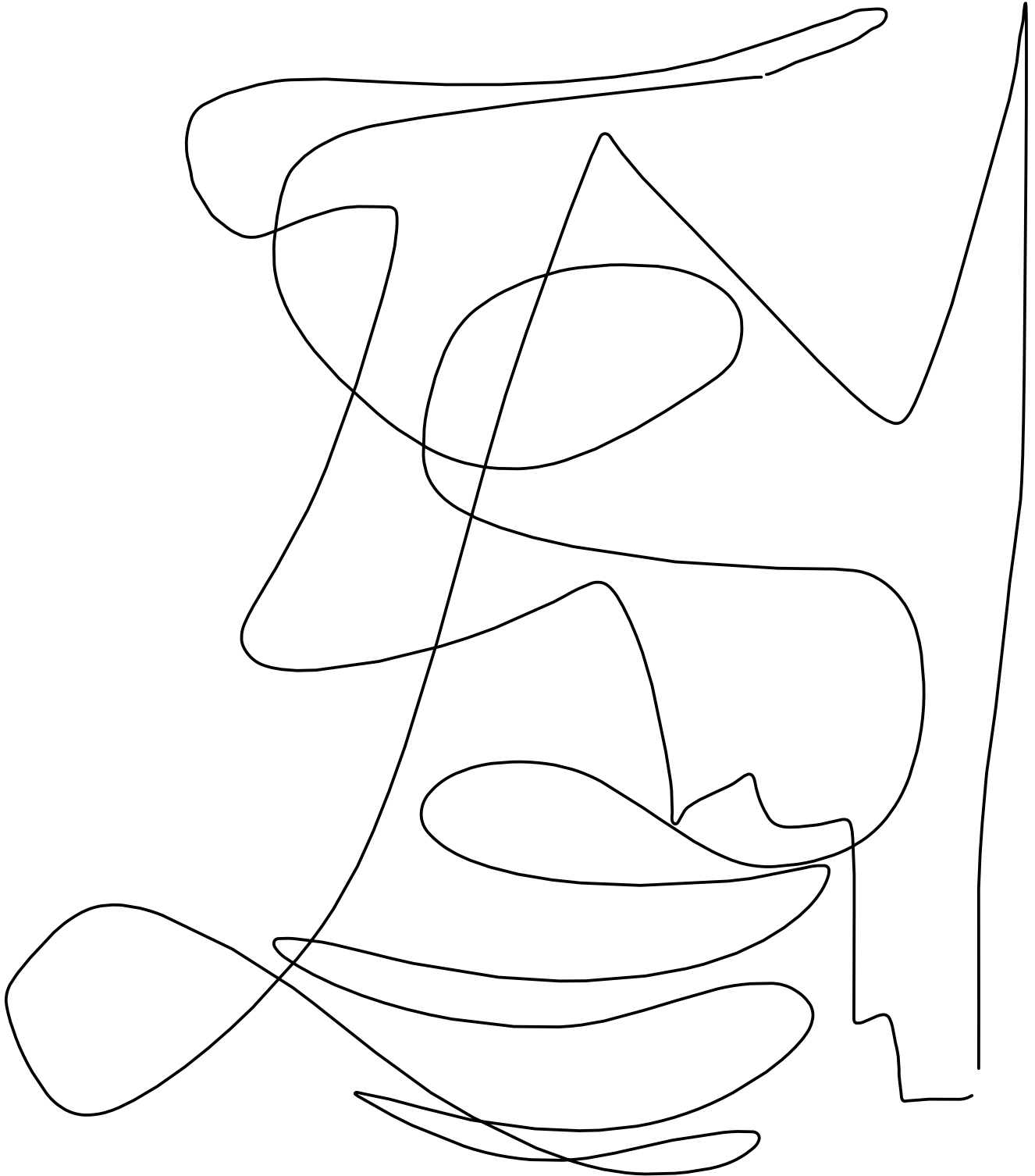
Com isso, o grêmio estudantil existe também na in/visibilidade, no submundo, enquanto movimento *sem* órgãos e, assim, desorganizado. Em síntese, o grêmio estudantil no CEMEV encontra-se, institucionalmente, parado. Porém, a ação política mobilizada pelo desejo se faz em fluxo, por meio das movimentações inerentes aos corpos negros, isto é, a coletividade é acionada por meio de corpos lançados no mundo e nos pátios da escola – o que pode um corpo que se recusa a assistir aula? O que pode um corpo que deseja uma escola para além do que está posto?

“Não tem *nada* pra fazer na escola”. E o *nada* mais uma vez. Adolescentes que sentam na mesa, ficam em pé nas cadeiras, não deixam a professora dar aula, “escrevem errado”, gritam na sala, filam aula, namoram nos banheiros, riscam pênis nas privadas e mijam no chão... “parece que fazem de propósito”, reclama a direção.

Isto é, a rasura do *ser* ontoepistêmico: Como o CEMEV funciona? Como o desejo negro reinventa o CEMEV? E quais os meios utilizados da própria instituição para resistir a esse funcionamento? Refiro-me a ação política da negritude por meio das múltiplas adolescências que burlam o comportamento esperado *a priori*. O que fazer do/no *nada* como uma ação política de reinvenção do mundo – a roda de conversa do psicólogo se estendendo e se desformando e os banheiros sendo um espaço para além do que foi pensado. O banheiro para além da imagem. O banheiro enquanto um lugar de experimentação, de desejo, de re-existência.

Por isso, a dimensão fantasmática dos adolescentes negros *cemevianos*. O CEMEV opera na fronteira entre a ficção de *estar sendo nada* e a realidade representada no currículo. O im/possível sendo experimentado na recusa do que está posto, isto é, um currículo-desejante inerente aos corpos negros de adolescentes em fuga, adolescentes que constituem uma relação criminal com a escola. A negritude, deste modo, invigiável, in/visível, funciona destruindo a escola e permitindo, portanto, um outro modo de existir e de estar-escola. Com isso, a reinvenção do im/possível.

2. NOTAS PERFORMADAS DA NEGRITUDE: CURRÍCULO-DESEJANTE E A ESCOLA DO FIM DO MUNDO



Desenho 2: Performances do tempo. Albert Henrique de J. Silva, 2024.

2.1. PLANO DE IMANÊNCIA E CRIAÇÃO DE CONCEITOS

Todo currículo é produção de uma teia de relações que se desenvolve num espaço. Ou melhor, o próprio currículo é a teia de relações, sensações, desejos e performances que se produzem num determinado espaço escolar. Este, por sua vez, não se encontra restrito ao território físico, mas se expande para além dos muros da escola. O espaço escolar do Centro Municipal de Educação de Valilândia (CEMEV), neste contexto, é o que torna possível experimentar um currículo performado pela negritude.

Isto é, um território fértil de criação de outros modos de existência – um fluxo de vida que escapa do que foi estabelecido até então. Aciono o CEMEV, deste modo, como um plano de imanência (DELEUZE; GUATTARI, 2010b) para mobilizar uma improvisação de currículo que coloca em xeque as políticas curriculares e os documentos normativos de educação. Logo, destaco a negritude como sendo o próprio movimento performático do CEMEV, isto é, a negritude enquanto um conceito utilizado para mobilizar aquilo que escapa da condição de “ser” – neste cenário, assumo a negritude enquanto estratégia de linguagem para acionar uma difração negra.

Neste sentido, dialogo com Moten (2021) para sensibilizar a negritude como um *ser nada* e, por isso mesmo, com infinitas possibilidades de produção de existência. Com isso, essa negritude aqui mobilizada só é possível no CEMEV, espaço que transcende a sua territorialidade e se expande em linhas de fuga, espalha-se pelo município de Valente, conecta-se com os outros municípios da região do sisal, provoca torções que rompem com uma sequencialidade, possibilitando modos de existência em que até o humano pode (e deve) ser tirado de cena. Em suma, trata-se de experimentá-lo como um espaço de criação de conceitos.

Para Deleuze e Guattari, “os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte de acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais” (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 46). Ou seja, aciono o CEMEV como um horizonte onde tudo é possível, um espaço onde relações ‘acontecem’ e, com isso, produções de mundos outros tornam-se uma via possível. Todo conceito, neste sentido, é um acontecimento – o currículo é um conceito, logo, um currículo-acontecimento é experimentado. A experimentação, a negritude, a improvisação, o próprio acontecimento, ambos conceitos-acontecimentos. Conceitos que coexistem ao CEMEV, dado a sua *não-localização* e suas múltiplas mutações.

No CEMEV, os conceitos são colocados para dançar e, com isso, operacionalizados em sua materialidade. A negritude é um conceito tal qual o currículo-dançante (PARAÍSO, 2021): um conceito-acontecimento que atravessa a relação entre o real e o fictício, um conceito

constituído por intensidades e que se materializam por meio de performances e improvisações. Por isso, um conceito diz respeito ao acontecimento, é um acontecimento puro (DELEUZE; GUATTARI, 2010b). O currículo, deste modo, enquanto acontecimento, modifica-se constantemente e é experimentado em intensidades e afectos.

Neste cenário, acontecimento é sensibilizado enquanto momentos de quebras, rupturas, sensações *não-localizáveis* que são produzidas e, conseqüentemente, rompem com um estado linear de vida. A negritude é um conceito-acontecimento na medida em que existe e opera por rupturas de uma noção de tempo e espaço moderno-coloniais. Logo, um acontecimento que só existe no momento presente de efetuação (DELEUZE, 1974). Assim sendo, o CEMEV é sensibilizado como um plano constituído por acontecimentos em que rompem com as tentativas de ordem e organização linear da escola.

Em outros termos, um currículo que se manifesta como conceito-acontecimento, como possibilidade de produzir existências que não estejam submissas às delimitações da norma. Um currículo inerente à “estrada de chão”, as produções de sisal, ao trabalho braçal do motor, aos paredões nos fins de semana e aos jogos de futebol no campeonato valentense – um currículo que mescla o laranja do time do América de Valilândia e o rubro-negro do Flamengo de Queimada do Curral.

No plano *cemeviano*, tudo está em movimento... as linhas que se manifestam nas paredes são personagens que im/possibilitam a criação de conceitos, assim como os corpos pretos que *estão-sendo* nos campos de futebol, nos parques de vaquejada, nas bifurcações produzidas pela/a partir das estradas de chão – currículo-desejante e a produção de mundos. Personagens que coexiste ao seu plano de imanência, escola em expansão e movimento. As performances imaginativas da negritude, portanto, existe na medida em que o CEMEV se movimenta no território físico-existencial de Valilândia.

Valilândia, distrito de Valente, encontra-se em bifurcações, encruzilhadas e pontos de intercessão, espaço *entre* outros pontos: Queimada do Curral, Santa Rita de Valilândia, Ichú de Valilândia, Itarerú. Espaços que vão sendo entre-tecidos na medida em seus múltiplos instantes. Neste cenário, conexões se estabelecem e impossibilitam a categorização do que é este espaço – enquanto plano de imanência, Valilândia *estar-sendo*, ou melhor, *não-localizada* entre a ficção produzida por seus personagens e a realidade presente nos dados demográficos de Valente.

O currículo-desejante é parte deste espaço *não-localizado*, conceito sem imagem e constituído de imagens rasuradas... ou melhor, que deixa seus rastros em imagens rasuradas nas paredes brancas. Logo, um currículo coexistente com o espaço improvisado do CEMEV. O

currículo-desejante *cemeviano* se estende até as produções culturais de Valilândia – o futebol, a vaquejada, os paredões nos fins de semana, os idosos jogando dominó na praça principal... performances pretas em movimento, currículo-desejante em movimento.

Em suma, um currículo produzido pelas improvisações/performances da negritude *cemeviana* – um conceito entre o humano e o não-ser, entre o real e o imaginativo. Ou melhor, um currículo sem rosto, conceito em mutação e sem fundamento, dado que a negritude que o produz é, *per si*, intensidade e potência de vida.

O plano de imanência é como um corte do caos e age como um crivo. O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam (...). Operando um corte do caos, o plano de imanência faz apelo a uma criação de conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 53 – 54).

Logo, o CEMEV é um plano particular em que produz seus próprios conceitos imanentes ao seu próprio currículo, coexistentes ao seu caos e necessita de experimentações curriculares próprias para mobilizá-lo. No entanto, o caos encontra-se em destaque justamente por destoar de um projeto moderno-colonial de organização através da separabilidade, sequencialidade e previsibilidade, tripé da ciência moderna (FERREIRA DA SILVA, 2019). Qual o mundo negro *cemeviano* que está sendo produzido por essa *caosmose*? Um mundo cheio de bifurcações, quente, catingueiro, sisaleiro e com performances negras sendo entre-tecidas em linhas desejantes – currículo-dançante, mapa em extensão. O que se espera é produzir uma espécie de caos-dançante por meio de um currículo em movimento.

A escola, neste contexto, passa a ser constituída por multiplicidades, fluxos, intensidades, uma realidade caosmótica/cosmológica e descentralizada. A desorganização é acionada no sentido orgânico, isto é, tendo como pulsão a retirada das funções previamente estabelecidas para os órgãos: o conteúdo, a sala de aula, as filas, as cadeiras, órgãos que são (re)criados pelas cenas performáticas da negritude e ganham novos modos de ser e existir.

Deste modo, o caos do CEMEV carrega consigo outra particularidade: sendo um espaço diferente de si, tendo em vista que mesmo em território, há uma mudança constante, um movimento de “tornar-se”, nota-se um plano de imanência propício para potencialização da negritude que performa o fim do mundo como o conhecemos (FERREIRA DA SILVA, 2022b) – experimenta-se uma dissolução do “Eu” para a emersão do não-ser. O CEMEV (re)cria, neste caso, personagens e conceitos próprios para rasurar, a seu modo, o mundo moderno-colonial e produzir outra coisa... outros modos de existir.

Portanto, o que mobiliza o currículo do CEMEV é a possibilidade de experimentar outros modos de existência em que o sujeito (autocentrado) não está incluído. Logo, trata-se da im/possibilidade de acionar um currículo que esteja disposto a ficcionar o fim do mundo para colocar em perspectiva um horizonte negro.

2.2. RASURANDO O SUJEITO (ONTOEPISTEMOLÓGICO) DO CURRÍCULO

Existe um currículo *não-localizável* sendo mobilizado no CEMEV. Digo, a existência do currículo naquele espaço está atrelada as estripulias dos copos que por ali circulam, movimentam, performam. Um ou vários currículos em constante metamorfose, espalhando-se por todos os lugares da escola, subindo em paredes e lá deixando suas marcas para além dos muros, das praças e das comunidades vizinhas. Um currículo, portanto, que supera tudo o que é minimamente representável.

Em outros termos, um currículo que baila com o espaço-tempo e, por isso mesmo, torna-se imperceptível, sempre imprevisível e que se encontra inerente ao desejo. Por isso, o sujeito se dissipou, o Eu se perdeu. O desejo enquanto produção de mundo e o *desejo-negro* como encenação de um outro mundo – um mundo nadificado, não-humano. O currículo-desejante, deste modo, flerta com este outro mundo não-localizável, experimenta-o na medida em que vivencia a morte do “Eu”.

Isto porque a concepção ‘ontoepestemológica’ (FERREIRA DA SILVA, 2019) de sujeito autocentrado e racional tem raça, cor e identidade própria e não quer ser questionado. Em suma, esse sujeito que “é”, não se sustenta no currículo improvisado do/pelo “não-ser”, mesmo tentando categorizar este corpo com o pretexto de igualdade para garantir o *status quo* da modernidade.

Por isso, o currículo planejado, constituído por conteúdos, disciplinas e orientado por documentos normativos delimitam um “Eu-ideal” que precisa ser alcançado, um sujeito que seja o destino a ser formado. Não à toa que Fanon (2008) destaca o destino branco como o fim idealizado da caminhada – o ego é sempre branco, a representação do “Eu-sujeito-humano” já está ofertada *a priori* e as disputas em torno do currículo também colocam em questão a necessidade de manter intacta, através da educação, a identidade humana.

Segundo Denise Ferreira da Silva (2022a), existe todo um percurso epistemológico nas ciências humanas que justifica a representação *a priori* da figura humana como eurocêntrica e autocentrada que, através do conhecimento provido pela ciência moderna, tende a ‘iluminar’ ou desenvolver um ser. Descartes (2018), por exemplo, delimita que através da dúvida metódica

é possível alcançar a verdadeira certeza do “ser”, o ser que pensa. O que não pensa, o *isto* da loucura, da enfermidade, da promiscuidade ou da homossexualidade, o *isto* da desrazão (FOUCAULT, 2010) fica alocado no nada.

Além disso, uma noção de indivíduo (liberal) foi elaborada para acomodar a ideia de um “Eu” autodeterminado, sob autopreservação divina. Uma noção de Ser que o coloca a par de três princípios básicos, a liberdade, igualdade e propriedade, leis que agora tendem a constituir um Ser universal. No entanto, “o repúdio do corpo humano é tão ontologicamente decisivo quanto é epistemologicamente consistente, com praticamente nenhuma relevância para o conhecimento (...)” (FERREIRA DA SILVA, 2022a, p. 155) e, com isso, o dono do corpo (SODRÉ, 1998), o não-ser encontra-se fora de tais princípios.

Ou seja, o que se observa é uma busca por categorizar o sujeito em princípios e valores que, ao ser demarcada, provoca também a emersão do não-humano. Neste contexto, nota-se que uma identidade humana vai se construindo a partir da representação social de raça – o sujeito humano com uma constituição bem demarcada e, conseqüentemente, características próprias. Logo, uma escalada vai sendo empreendida pelas ciências sociais: o que fazer para o negro ser representado como “humano”? Como proporcionar a garantia de direitos para os povos afro-diaspóricos?

Melhor dizendo, trata-se de uma tentativa de assegurar que todos almejem uma alocação à identidade, mesmo que a noção ontológica de sujeito autocentrado se mantenha intacta. Com isso, outras classificações ganham forma e passam a ser compostas em busca de um discurso universal que todas as identidades têm como pano de fundo a humanidade.

Nesta linha, nota-se que a escola moderna se delineia para buscar, através do conhecimento das ciências modernas, uma forma de proporcionar a igualdade entre os diferentes povos, tendo em vista o discurso universal de direito às diferenças. Desta maneira, é produzido um “Eu” para o currículo no qual toda a sua estrutura é centralizada – o currículo, neste contexto, possui contornos bem regulados e planejado. À vista disso, em nome do “humano” universal, um currículo-norma é justificado e se posiciona em direção explícita ao reconhecimento da identidade humana e as demais identidades que a constituem.

Para tal, na medida em que o “Eu-ideal” se centraliza no quefazer educacional, faz-se presente sempre em relação com o outro, o discurso das “diferenças entre” ganha força nas políticas educacionais justamente pela representação de sujeito social que se forma na relação Eu-outro. Logo, os documentos normativos de educação com enfoque na estruturação de currículo passaram a enfatizar o discurso sobre diversidade, diferenças, identidades, dentre outros termos caros às lutas engajadas pelos movimentos sociais (FRANGELLA, 2020).

Ou seja, a figura do Outro é central para manter intacta a identidade da branquitude e foi criada justamente para prover desta manutenção da noção de humanidade ali posta. Conseqüentemente, um Eu-ideal é criado – isto é, um *ego* branco e eurocêntrico que precisa do outro não-humano para se manter intacto. Assim,

os pretos são comparação. Primeira verdade. Eles são comparação, ou seja, eles se preocupam constantemente com a autovalorização e com o ideal do ego (...). Qualquer posicionamento de si, qualquer estabilização de si mantém relações de dependência com o desmantelamento do outro. É sobre as ruínas dos meus próximos que construo minha virilidade. [ao passo que] (...) como o preto foi sempre um inferior, ele tenta reagir por intermédio de um complexo de superioridade (FANON, 2008, p. 176 – 177).

Por isso, a existência dos complexos de inferioridade-superioridade em Fanon permite a existência dos egos que estão em disputa. Logo, nota-se que se trata de uma manutenção ontológica do Ser enquanto instrumento de fortalecimento do identitarismo branco. Isto significa, portanto, o que está em jogo é justamente a necessidade de assegurar esta busca pelo destino branco e com isso garantir que corpos negros (o *nada* na escala de humanidade) continuem subjugados e objetificados. “É porque o preto pertence a uma raça inferior que ele tenta assemelhar-se à raça superior” (FANON, 2008, p. 179).

Em suma, o lugar da branquitude está muito bem constituído, a humanidade faz parte do “Ser”, enquanto o negro percebe-se no não-lugar, ou melhor, no nada, destituído de quaisquer características de humanidade. Logo, o que se apresenta é a necessidade de implodir com o humano, isto é, garantir a sua derrocada e tencionar a rachadura do “Eu”, pois, em toda identidade representada existe um ou vários modos de diferir (desejo-negro). Nesta perspectiva, o que se lança enquanto experimentação é a possibilidade de acionar o currículo-desejante, estando este em constante difração.

Neste sentido, dialogo com o pensamento negro radical para acionar o não-lugar da negritude – utilizo esse termo para sensibilizar uma performance, um fantasma ou borrão que produz e é sentido – como potência criadora, ou melhor, como possibilidade para sensibilizar o desejo-negro que performa o currículo aqui supracitado. Logo, o não-lugar aparece como um espaço não-localizável em que a negritude produz desejo que performa um mundo para além deste que foi construído para servir unicamente ao sujeito humano da branquitude.

Nesta perspectiva, tenciono uma experimentação para aproximar o pensamento negro radical, a produção deleuziana/guattariana e os rabiscos/borrões produzidos pelo CEMEV acionando um currículo improvisado e em movimento, um currículo que não-é, por isso, um currículo que não cabe à branquitude e que tende a implodir um “Eu-ideal”. Para isso, faz-se

necessário experimentar o diálogo com linhas e modos de existir tencionado por autores/as que fazem parte da tradição negra radical e a psicologia esquizoanalítica que emerge desta discussão.

Digo, por meio das linhas que atravessam todo o espaço escolar do CEMEV, o ideal de humanidade está sendo rasurado e, por meio disso, outros fenômenos estão sendo produzidos, re-existências, mundos outros que desestabilizam as políticas normativas até então hegemônicas – borrões negros em paredes brancas, desejo negro implodindo o Eu-ideal branco. Logo, a destruição do *ego* por meio de encenações e performances da negritude. Em outros termos, destaco os modos de produzir rachaduras ao sujeito se cria no plano de imanência da escola, ou seja, no desejo-negro produzido/sentido pela negritude do CEMEV.

Neste contexto, onde está o sujeito do currículo-desejante? O currículo aqui se movimenta, circula sem direção. O currículo-desejante acontece, apenas. Ou melhor, o diferir do currículo diluiu a possibilidade de representação do mesmo. A produção negro-desejante deste não-lugar fez cena para o fim do mundo, sendo este, possível para o desejo, dado que se manifesta enquanto criação e, “se o desejo produz, ele produz real, se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade e de realidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 43). Logo, desejo e diferença performam em consonância e, por isso mesmo, são motores do currículo-desejante que expurga o sujeito para o restrito lugar da representação.

A representação deixa escapar o mundo afirmado da diferença. A representação tem apenas um centro, uma perspectiva única e fugidia e, portanto, uma falsa profundidade; ela mediatiza tudo, mas não mobiliza nem move nada. O movimento, por sua vez, implica uma pluralidade de centros, uma superposição de perspectivas, uma imbricação de pontos de vista, uma coexistência de momentos que deformam essencialmente a representação (...) (DELEUZE, 2021, p. 86).

Neste cenário, o currículo-desejante faz emergir o mundo afirmado da diferença, isto é, o diferir como potência e criação. Logo, um currículo que faz surgir um mundo novo operado por um desejo-negro, tendo em vista que é a tensão do mundo que se espera. Por isso, se o currículo é esse movimento constante, ou um diferimento contínuo, o que se experimenta da representação condiz com uma tentativa falha de contenção.

É, neste caso, o motivo da negritude não estar no currículo-norma – na tentativa de representa-la, só expõe uma parte, a imagem do pensamento, o significado e visível. A negritude, por sua vez, encontra-se em estado de diferimento e se manifesta como desejo-negro, por isso, não pode ser contida. O que é captado pelo currículo-norma não passa da representação objetificada que fizeram do corpo negro na tentativa de contê-lo. Por isso, o excesso de uma

representação do negro enquanto corpo violentado e escravizado, permitindo sua redução aos dados, estatísticas e arquivos históricos de sofrimento (HARTMAN, 2021).

Logo, o desejo-negro e seus movimentos de diferir, além das linhas de fuga que são produzidas nestes movimentos, provocam rachaduras no *ego* representado, no mundo pré-determinado. O fim do mundo, neste cenário, encontra-se atravessado pelo desejo – o desejo é político, social, estético-performativo. Neste contexto, “não deve causar espanto o fato de que a diferença pareça maldita, que ela seja a falta ou o pecado, a figura do mal destinada à expiação” (DELEUZE, 2021, p. 54). Ou seja, o currículo-desejante experimenta cenas em que a morte do sujeito vem à tona – morre o sujeito ontológico, racional, cartesiano e iluminado.

Em suma, a improvisação do currículo no CEMEV flerta com essas outras possibilidades de mundo que fazem rachar um Eu autônomo e racional, dado as múltiplas formas de produzir afetos que vão além do ideal formativo do currículo-norma. Manifesta-se, deste modo, o que Deleuze (2021) convoca como pensamento sem imagem, ou seja, um modo de pensar/criar outros modos de existir sem um fundamento prévio ou um planejamento consciente. Assim, experimenta-se o currículo em movimento, produzindo conexões e linhas de fuga que provocam um constante tensionar em quaisquer formas de organização e sistematização.

No CEMEV, a rasura do Eu autônomo e racional se manifesta por meio das linhas que se entrelaçam as estradas de chão e do motor de sisal que não cabe no currículo-norma. No contato com adolescentes negros que se movimentam pelas bifurcações de Valilândia, nota-se um fluxo de vida mobilizado pelas brechas (re)criadas no trabalho braçal do motor e no currículo normativo da escola. Em suma, trata-se de produzir um currículo feito de sisal e tecer uma educação de fim do mundo – o que pode um corpo que se acopla ao motor e faz moer os limites da escola? O ideal moderno de educação se faz iluminado, enquanto as movimentações da negritude do CEMEV no motor de sisal se fazem opaco.

Ademais, as performances dos garotos que se agrupam para discutir a inatividade do grêmio estudantil são as mesmas que produzem os rabiscos nas paredes – as reivindicações *cemevianas* se fazem enquanto um corpo (des)organizados, na medida em que se modifica para fazer rachar a norma. As reivindicações potencializadas pela menina que grita e se recusa a ficar na sala de aula, mobilizando um conjunto de outros corpos a fazerem o mesmo, já não é um golpe para a emancipação estudantil? Isto significa que a mobilização política da negritude não se faz visível como pretende os manuais normativos de criação de grêmios e/ou movimentos sociais... a mobilização política da negritude é, *per si*, uma anti/ante-política, tendo em vista que funciona mobilizada pelo desejo.

O Eu autônomo e racional rasurado, manchado, borrado. Deste modo, o futebol e as conversas que *acontecem* no espaço-tempo do CEMEV fazem rachar o ideal moderno-colonial de escola, modifica a educação de dentro pra fora... denuncia a não-suficiência das políticas educacionais. Se fazer opaco, no CEMEV, condiz com um desejo de fazer da escola um fluxo de vida – a resenha no pátio da escola ou nas rodas da merenda não seriam o currículo-desejante acontecendo?

Em síntese, estando o currículo-desejante num modo constante de experimentação da diferença, destaco que um meio de o sentir é sempre através de rascunhos, cenas e ensaios que vão se desdobrando no espaço da escola. Ou melhor, a partir de “movimentos de forças que deixam rastros, [pistas], marcas, traços e linhas” (RANNIERY, 2012, p. 65). Isto significa dizer que o currículo se manifesta de modo coextensivo – o currículo simplesmente acontece.

Percebe-se, portanto, que a morte do sujeito moderno perpassa por um abafamento da concepção de currículo que centraliza no Eu-ideal iluminista o seu fim, o seu projeto de formação. Neste contexto, o que se experimenta é uma possibilidade de diferir através do *desejo-negro*, isto é, das linhas de criação potencializadas pelo não-lugar da negritude. Para isso, assume-se uma condição de não-ser para impulsionar linhas que só são possíveis através de borrões, cenas fantasmagóricas, improvisação (MOTEN, 2023).

Para isso, nota-se adolescentes negros *cemevianos* tencionando novos espaços, (re)criando novos territórios para além do que está posto. A educação se transformando num grande território a céu aberto, com bifurcações, caatinga, sisal, redes sociais e futebol aos domingos. Isto é, num processo de improvisação, tudo encontra-se em movimento, em processo de experimento e modificação em que os significados que constituem a representação não sobrevivem. Trata-se de tencionar, desta maneira, modos de existência (re-existências) da negritude que se manifeste em múltiplas formas e, por isso mesmo, não permaneça estável num intervalo de tempo previsível.

O currículo-desejante do/no CEMEV coexiste, apenas. Coexiste, pois, na medida em que é experimentado, deixa de existir como um “ser” – o conceito de devir, deste modo, é experienciado como aquilo que não é, mas que está constantemente se modificando, tornando-se (DELEUZE, 1992). Em outros termos, experimenta-se uma coexistência com o “presente sentido”, o acontecido no espaço da escola que, ele mesmo, provocou a sua própria mudança.

Ou seja, o currículo-desejante aqui está movido pela diferença, por se tratar do que escapou e, com isso, só pode coexistir através da duração. Em Bergson, vai dizer Deleuze (2012), “a duração é o que difere ou o que muda de natureza, a qualidade, a heterogeneidade, o que difere de si mesmo” (p. 108). Em simultâneo, a improvisação existe no acontecimento, no

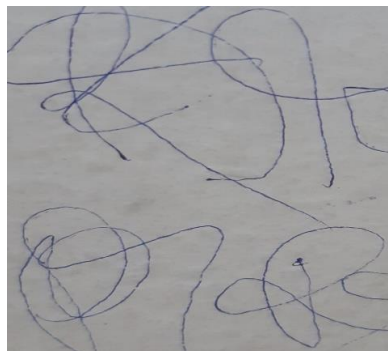
momento sentido, manifestando-se em borrões que não podem ser lidos pela palavra (MOTEN, 2023). Deste modo, experimenta-se o tempo do currículo se curvando e se modificando nele mesmo – o tempo que fez a curva e desvirtuou a linearidade.

Em outros termos, a negritude *cemeviana* experimenta um tempo outro, um tempo-acontecimento tecido em rodas espalhadas pelo espaço do CEMEV, um tempo tecido por linhas e manchas nas paredes dos banheiros e das salas de aula, um tempo tecido por mãos que manuseiam o sisal no motor. Como o tempo funciona no banheiro e na fila da merenda da escola? Como o tempo funciona no *nada* performado no intervalo das aulas? O tempo produzido nas brechas produzidas na rigidez do calendário escolar do município. Performances do tempo *cemeviano*, portanto.

Nesta perspectiva, o que se experimenta no CEMEV é um currículo im/possível justamente por colocar a prova a existência do próprio sujeito – o que resta são performances da negritude, performances não-localizáveis no espaço-tempo linear, performances que se faz em círculos nas paredes e nos pátios da escola, mobilizando um tempo outro por meio de corpos negros, corpos de adolescentes que re-existem e se expandem por todo o território valentense.

A merendeira do CEMEV foi aluna do CEMEV... O porteiro do CEMEV e da escola vizinha, todos estudaram naquele espaço em outro tempo e no mesmo tempo. O que mudou? A negritude do CEMEV performando múltiplas formas de *ser-tempo* e, com isso, nota-se um currículo-desejante que produz sentido para além da sequencialidade (em conteúdo, séries, planos) que se pretende manter intacta no currículo normativo. O tempo-cemev está impregnado nas paredes como rastros... como funciona um risco?

O *ser-tempo* estar sendo o *não-ser* ou o *nada*, ou melhor, um tempo produzido por corpos e produzindo mundos que rompe com uma sequencialidade vigente – as paredes do CEMEV comporta rabiscos, rastros do currículo-desejante, dado que palavras não são suficientes (MOTEN, 2023).



Fotografia 1: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Performances do tempo, *ser-tempo* e *não-ser*

A própria *quebra* na sequencialidade, herança da ciência moderna e que ainda se movimenta por vias discursivas, diz respeito aos movimentos da negritude que possibilitam a rachadura do “Eu” racional e, portanto, no discurso que busca estruturar uma educação formativa. Ou melhor, percebe-se a negritude atravessando a linearidade e experimentando essa coexistência passado-presente, um sob o outro, enquanto potencialidade para romper com a sequência lógica moderna de ciência (FERREIRA DA SILVA, 2019). Uma quebra, portanto, é experimentada por meio dessas estripulias do currículo-desejante, isto é, através dos rastros das performances negras no espaço não-localizável da escola.

Em resumo, o tempo do currículo-desejante é outro e sua coexistência se manifesta enquanto duração, manifesta-se como rastro do desejo-negro e, deste modo, um currículo que não permanece e, por isso, performa-se, transforma-se. Ou seja, trata-se de um currículo que performa o fim do mundo e o fim do sujeito a partir das performances da negritude – diferença preta que se movem como linhas e se expandem como rizoma, coextensão escola-mundo, ou um mundo pós-morte do *Homem branco* em experimento e construção.

Destarte, o currículo rabiscado, borrado, existe no tempo curvado, contorcido, baratinado, tal qual as linhas que se manifestam nas paredes e com a “luminosidade” das manchas que se espalham na superfície física da escola. Tempo, neste sentido, acionado como acontecimento, existindo na medida em que acontece e não em expansão ou sequência – o tempo psicológico (BERGSON, 2015), o tempo que gira e se movimenta ao som dos atabaques nagô (SODRÉ, 2017). Performances que colocam em tensão o pedestal científico da sequencialidade e rigor, ou melhor, que faz rachar a temporalidade de sucessão em que *coisas* ficam para trás para que outras apareçam.

Neste sentido, a negritude performa um tempo que não cabe nas explicações modernas de mundo, pois opera em outro modo – um tempo experimentado ou sentido, afetado. Logo, cenas de um currículo im/possível (improvisado) existe em duração, isto é, como acontecimento inerente ao movimento atemporal do vir-a-ser. Um currículo em fluxo e sempre lançando-se para/no mundo, (re)criado em cada instante e a cada nova performance, a cada giro, som, cena. A repetição sendo experimentada na diferença – cada acontecimento é um novo acontecimento, portanto, um outro acontecimento e outro e outro... por isso, duração com reticências.

A síntese do tempo constitui o presente no tempo. Não que o presente seja uma dimensão do tempo. Só o presente existe. A síntese constitui o tempo como presente vivo e o passado e o futuro como dimensões desse presente. Todavia, esta síntese é intratemporal, o que significa que esse presente passa. Pode-se, sem dúvida, conceber um perpétuo presente, um presente coextensivo ao tempo; basta fazer com que a

contemplação incida sobre o infinito da sucessão de instantes (DELEUZE, 2021, p. 114).

Em suma, o currículo-desejante coexiste ao tempo presente, nele e por ele, tendo em vista sua efemeridade – diferença-tempo em si mesmo. Por isso, consegue ser experimentado em sua concretude (histórica, epistemológica) e imaterialidade (sem órgãos) e, deste modo, o tempo do currículo sempre se ramificando por moléculas – uma micropolítica em expansão. Não à toa que a luta antirracista se manifesta como uma luta antifascista e se expande em seu nível molecular – o pênis na parede do banheiro, o “@” riscado de lápis na privada, as manchas negras *ocupando* a parede branca e tomando para si o que nunca deveria ter sido de outro.

O movimento performático do tempo do currículo-desejante *cemeviano* que im/possibilita o que ainda não é – nada será e tudo *estar sendo*. Passado-presente como uma coisa só, ou seja, existe um “elo entre o passado e o presente, entre o natural e o sobrenatural, entre o tempo histórico original, em África, e o hodierno na América nagô” (NASCIMENTO, 2022, p. 80), um tempo conectado por meio de acontecimentos (não foi e nem será) ou que opera a partir da dinâmica da diferença – escorrendo, fluindo, desejando. Um tempo inerente ao movimento da negritude e, por isso mesmo, o tempo do currículo-desejante e performado por ela.

As performances da negritude do CEMEV, portanto, desterritorializa o tempo colonial e coloca em xeque a noção de futuro que é tão almejada no currículo-norma. Ou seja, o que resta é o agora que está acontecendo, sendo performado, pintado, encenado em sua efemeridade – um pouco do que Thiago Ranniery (2012) aciona com um currículo-teatro. No teatro, por exemplo, o tempo é sempre outro e a cena existe no instante preciso que acontece para depois se modificar em outro fluxo, outra linha, logo, um currículo-teatro.

O mesmo *acontece* com a fotografia, a música e a literatura negra enquanto produções negroafetivas que se manifestam em fluxos desejantes, improvisações de um tempo performático, encenado por meio de uma arkhé, isto é, um elo desejante que Muniz Sodré denomina como força vital (2019) e que rasura toda uma historiografia linear. Assim, assume uma existência que busca romper/desconstruir a modernidade, fazendo emergir as rachaduras do tempo enquanto sequencialidade e linhas de sucessão – portanto, a morte (ontoepistemológica) do sujeito moderno-colonial em curso, sendo experimentada a todo instante pela negritude.

Junto a isso, as linhas afetivas que são explicitadas pela negritude no espaço escolar como manifestação dessas improvisações, linhas essas que fazem referência ao que Suely

Rolnik (2022) aciona como as linhas (diferimento ou diferença) que conectam corpos em movimentos no/com mundo, tal qual as aranhas se conectam por meio de suas teias.

Linhas de fuga e teias de conexão entre corpos sem órgãos. Texturas, experimentações. O tempo em des-re-produção, desformado. Por isso, o tempo do currículo im/possível é espalhafatoso, se expande como um rizoma, espalhando-se por todos os lados e também em constante metamorfose.

A negritude performada por meio de rabiscos, traços negros na parede branca – o branco rasurado é o que se manifesta enquanto pistas do currículo-desejante, marcas do tempo que passou, mas ainda *estar* presente. Em suma, “só produzimos algo novo à condição de repetir uma vez ao modo que constitui o passado e outra vez no presente da metamorfose” (DELEUZE, 2021, p. 130). Ou seja, uma repetição que mobiliza um novo acontecimento – desde o atlântico, o desejo negro produz um mundo outro, um mundo negro.

Um currículo-acontecimento que opera na medida em que aciona o passado-presente. Os rabiscos alinhavados, ramificados, mobilizando a movimentação do próprio tempo do currículo são rapidamente mantidos em sigilos ou assumindo um lugar de possível apagamento e aniquilação, tendo em vista que cada traço aciona um novo movimento temporal. Do mesmo modo que *Dana* (BUTLER, 2019) aciona um passado-presente através do corpo e precisa produzir estratégias para lidar com o homem branco, a negritude do CEMEV performa esses deslocamentos espaço-temporais nos banheiros para despistar a instituição escolar.

É por meio dessas produções estético-performativas que a negritude aciona outros modos de existir (ou re-existir), criando rotas de fugas ou furos na linearidade do tempo moderno. Logo, modos de diferimento que se produzem nos microespaços e por meio de uma micropolítica – a luta antirracista *acontecendo*, o im/possível, a improvisação, o currículo sem órgãos, o acontecimento do acontecimento, passado-presente.

Por isso, a estética negra é radical, pois atua em sua radicalidade, cortando o tempo em múltiplas vias e produzindo novas ramificações. A música negra, do jazz ao blues e ao funk, este último, performado pelos/as adolescentes de Valilândia, ecena um outro tempo, ou melhor, cria novas improvisações de tempo, um não-ser no tempo, assim como cada borrão produz um mundo negro, um mundo que é experimentado “em recitações que nos dão pistas (...) sobre a direção dos nossos próprios encontros e organizações. (...) uma subalternidade sem origem e possível em todos os lugares” (MOTEN, 2023, p. 227).

Assim sendo, noto nas produções estéticas da negritude do CEMEV possibilidades de desformar um discurso moderno-colonial normativo que busca garantir a fixação do sujeito num único ponto, tendo em vista que o sujeito se encontra rasurado pelos próprios rabiscos – o

discurso moderno-colonial fala enquanto a imagem grita e o tempo se contorce. Destaco, mais uma vez, o corpo de Dana em Octavia Butler (2019) que tem em si sua própria máquina do tempo – que corpo-tempo é esse? Que território é esse que permite um passado-presente em conjunto ou simultaneidade? Que tempo é esse que, por meio do corpo-máquina-do-tempo de Dana, das improvisações da negritude e das produções *negroafetivas* do CEMEV, produz multiplicidades de existências para além do que está posto? Aqui, nada existe por si mesmo: passado-presente.

Neste contexto, o corpo se refere a uma instância que descontrói uma linearidade do tempo que o ‘sujeito moderno’ não consegue se desprender, isto é, trata-se de uma corporeidade que se movimenta e mobiliza toda a sua ancestralidade (SODRÉ, 2019). Logo, um corpo-negro-desejante que aciona (e produz) o tempo em suas curvas, um corpo inerente ao passado-presente. Um corpo que sente dor e que parece estar num looping infinito de escravização justamente por estar sempre mobilizando o passado-presente: “É como se de repente você estivesse nos anos 1600, cortando cana num canavial, os pés presos a correntes, à noite fosse arrancado do batuque e levado para ser açoitado, enquanto seus companheiros batiam mais alto os atabaques, como se chorando com você e por você” (NASCIMENTO, 2022, p. 171).

No entanto, é a partir dessa angústia de estar improvisando/performando um tempo outro que a negritude faz rasurar uma noção de humanidade que só existe para assegurar o bem-estar da branquitude, uma manutenção da identidade branca universal. Logo, tendo em vista essas artimanhas de acionar um tempo não-linear por meio da corporeidade e de tencionar a morte ontoepistemológica do sujeito moderno (FERREIRA DA SILVA, 2019), a negritude do CEMEV, por meio de rabiscos e borrões – tanto quanto as múltiplas produções estéticas negras – produzem outros modos de existir para além do “ser-humano” moderno-colonial.

Em suma, acionar o currículo-desejante do CEMEV por meio dos riscos nas paredes brancas é, também, acionar os toques de atabaques no século XVII, as estratégias de fuga dos escravizados nos séculos XVIII e XIX, o Jazz produzido nas plantações norte-americanas no século XX e o pagode baiano de Salvador do século XXI, dado a dimensão não-linear do tempo.

Portanto, “sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse ‘mim’ contém muitos outros, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização” (NASCIMENTO, 2022, p. 96) ou “como cada um de nós era vários, já era muita gente” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 17). Melhor dizendo, o próprio movimento da negritude ao buscar estratégias para traçar linhas de fuga no próprio espaço escolar – buscando produzir rabiscos nos banheiros e corredores – já é, *per si*, um modo de acionar o passado-presente e tensionar a sequencialidade, condição

ontoeistemológica do sujeito moderno-colonial e assim mobilizar todas as performances fugitivas que existem num mesmo instante.

2.3. PERFORMANDO UM CURRÍCULO IM/POSSÍVEL

A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. Os acordes são afectos. Consonantes e dissonantes, os acordes de tons ou de cores são os afectos de música ou de pintura. (...) Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações. Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações. As sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, e o sorriso sobre a tela é somente feito de cores, de traços, de sombra e de luz (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 195 – 196).

O currículo torna-se um ser de sensação e existe em si mesmo. O movimento é inerente a existência do currículo-desejante. Deveríamos, então, pensar no currículo como uma obra de arte? O que é e de onde vem esse currículo? O que está em jogo é como senti-lo. A pergunta, portanto, se produz em “como o currículo produz sensações no contexto escolar?”, tendo em vista que pouco se sabe do que é constituído. Em linguagem deleuze-guattariana, o currículo-desejante seria uma espécie de corpo sem órgãos: “Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 16).

Em outros termos, busca-se experimentar os meios em que o currículo se (re)cria constantemente e, com isso, percebê-lo em seu potencial afirmativo de criar/ser/estar sensações, ou seja, o currículo como o próprio diferimento e sensação. Nesta perspectiva, se tudo é experimentado em seu campo de imanência, a própria escola, o CEMEV, o distrito de Valilândia, se manifestam também como sendo constituídos por intensidades. O currículo-mundo é povoado por essas intensidades e, por isso mesmo, existem múltiplas tentativas de contê-lo. Logo, o que se apresenta aqui é um currículo que está no campo dos afectos e perceptos, ou melhor, como uma espécie de obra de arte sem autor, sem rosto. Os afectos são, neste contexto, as notas performadas pela negritude – os rabiscos, as cores, os sons.

Isto é, as notas encenadas pela negritude se (re)produzem a partir de performances, ou melhor, improvisações, improvisação, movimentos que se criam no mesmo movimento curvado do currículo. Currículo-improvisação-negritude, performances, intensidades, um jogo de forças que as colocam sempre num estado de *quase ser, mas nunca é*. A negritude, também constituída de maneira des-in-organizada (sem órgãos), existe em si mesma e, desta forma, manifesta-se no movimento de se lançar no mundo. Improvisação, ato improvisatório, pois o

mundo não existe a priori. Não à toa que este movimento se encontra inerente ao currículo e, por isso, um currículo-desejante.

Neste sentido, dialogando com Moten, noto que estar-sendo *nada* é condição de existência à pretitude: “O que se exige é algum esforço para se pensar na relação entre fantasia e condição de ser nada – vacuidade, despossessão no porão” (MOTEN, 2021, p. 142), mas, ao mesmo tempo, “ser prete e ser nada” condiz, também, com outras possibilidades de mundo. “A distinção paraontológica entre pretitude e pretes nos possibilita não ser mais capturades pela ideia de que a pretitude é propriedade das pessoas pretas, mas também porque nos permite, no fim das contas, desamarrar a pretitude da questão do ser” (MOTEN, 2021, p. 148).

Deste modo, as performances da negritude se manifestam em vias não-localizáveis do nada – ou do não-lugar – e conseqüentemente, é na inviabilidade de captar este não-lugar que o currículo se manifesta com maior intensidade. Isto significa um currículo anti(pré)ontológico que é experimentado e paralelamente produzido pela negritude – essa coexistência é o que conduz o movimento a uma nova linha e seus múltiplos pontos de fuga no horizonte. Por isso, a possibilidade de sua existência se concretiza por meio da improvisação.

(...) a performance preta sempre foi a improvisação contínua de uma espécie de lirismo do excedente – invaginação, ruptura, colisão, aumento. (...) tal pretitude existe apenas porque excede a si mesma, carrega a fundamentação de um exterior que não pode ser contido. É uma eroticidade do corte, submersa no espaço-tempo quebrado e quebradiço de improvisação. Vida turva e agonizante; amor libertário, improvisativo, danificado; pulsão de liberdade (MOTEN, 2023, p. 62)

O currículo-desejante, deste modo, existe por meio deste ato de improvisação afirmativo, isto é, sempre no ato de romper/produzir mundos. Trata-se, portanto, de um currículo que coexiste com a possibilidade da negritude de subverter o espaço-tempo, de quebrar a representação por meio da improvisação (currículo que pulsa). Se em Deleuze e Guattari (2012) pergunta-se (enquanto meio para romper com o fascismo) “como produzir para si um Corpo sem Órgãos?”, aqui, arrisco dizer, nota-se que um dos caminhos é improvisar. Digo, caminhos estão sendo performados pela negritude, mas com o tom de improvisação, dado que o caminho se faz na medida em que novos movimentos são mobilizados.

Nota-se afectos que se manifestam por vias turvas, agonizantes, incertas. Um currículo-desejante, quebradiço, erótico, sujo e agonizante, submerso no espaço-tempo – pulsão de liberdade. Ou seja, afectos que são performados pela negritude como notas, sons, imagens, rabiscos, linhas. Um currículo sujo e agonizante devido ao seu destino – romper com o humano, tirá-lo de cena.

Neste momento, o que viria à tona é a questão através da qual os mortos se perguntam como tirar os vivos de cena. Um confronto que, [para o afropessimismo, invocando Fanon] só é possível pela desorganização social generalizada e/ou pelo fim do mundo como um programa (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 14).

Com isso, indo além do pensamento deleuze-guattariano, a negritude não só produz para si um Corpo sem Órgãos, como o coloca numa posição cuja potência possibilita o fim do mundo. Mobilizo o currículo-desejante, portanto, enquanto possibilidade de buscar neste espaço sujo e agonizante, meios de subverter o *modus operandi* (ontoepestêmico) colonial para viabilizar outros modos de existir no mundo.

Neste sentido, os borrões do CEMEV se manifestam em seus corpos sem órgãos, isto é, por meio de manchas desorganizadas que se ramificam na medida em que a escola vai se movimentando. Com isso, um currículo im/possível produz para si um outro território existencial que se expande em linhas horizontalizadas – o entrelaçar das linhas negras no espaço escolar. Não à toa que os rabiscos ganham novos contornos cada vez em que a negritude performa modos de re-existir.

O currículo-desejante, portanto, em suas linhas *negroafetivas*, rompem com a previsibilidade (condição científica moderna-colonial) para despontar num outro modo de (não)ser e estar no CEMEV, permitindo experimentações de um mundo pós-humano, descolonial, cuja estética-política *estar*, justamente, nas gingas do corpo negro para lidar com as múltiplas tentativas de aniquilação produzidas pela branquitude.

Isto significa que a negritude, apesar de todo o movimento normativo (currículo-norma, disciplinas, conteúdos, notas, etc...), performa no CEMEV uma descolonização do currículo através do rompimento de categorias psicopatologizantes que estabilizam/docilizam corpos (FOUCAULT, 1987) para fixá-los numa identidade fechada em si mesma.

Em suma, toda performance produzida pela negritude no CEMEV faz surgir uma nova rota de fuga, uma nova linha no horizonte negro do atlântico (GILROY, 2012) que impossibilita a fixação de corpos num centro único – o traço/linha que se perdeu nas paredes do CEMEV e produziu um outro espaço/território existencial. Ou melhor, linhas criativas de afeto, negroafeto, disruptivo, enegrecido, desejante, cuja consequência produziu um corpo indócil e um mundo pós-humano. Assim, a imprevisibilidade e in/viabilidade é o que permite a possibilidade de um currículo que improvisa o fim do mundo ou a existência de outro – mais flexível, mutável e rizomático.

Deste modo, a angústia e a incerteza encontram-se aqui como um meio para alcançar essas re-existências, dado que a *iluminação* almejada pela modernidade só proporcionou a objetificação do corpo negro. Sendo assim, é a sujeira agonizante que ganha notoriedade e se (des)configura neste experimento de currículo: a água turva, o não saber o que está embaixo, a névoa que impossibilita a visão do restante da estrada. É um currículo que se movimenta sem projeto e que abre novos caminhos na medida em que caminha. Logo, um currículo-desejante improvisado pela negritude – a performance é o modo improvisado de criar vida enquanto se vive.

A improvisação faz manifestar, segundo Moten (2023), um borrrrrrão improvisatório (Sic), uma improvisação pela diferença e que se manifesta no acontecimento. É neste sentido que o currículo-desejante é turvo, instável, im/possível, pois as tentativas de conter e objetificar o corpo negro se concretizaram por meio de uma iluminação, uma espécie de conhecimento que ilumina – o projeto de vida como possibilidade de organizar um caminho que os estudantes devem trilhar, orientado pela BNCC (2018), é um desses modos de iluminação pelo conhecimento. Por isso, é inerente às produções da negritude o ato de inviabilizar a *luz branca* que ilumina.

Ou seja, trata-se de um caminho tortuoso, escuro, lamacento e instável que não está sendo dado a priori, tendo em vista sua imanente produção, isto é, o desejo-negro se manifestando como parte constitutiva do currículo. Vale reforçar, neste cenário, desejo como excesso e não como um espaço vazio de falta e, assim, o excesso do desejo se apresentando como múltiplas possibilidades de vias que só existem na medida em que performances ganham corpo e se espalham pelo espaço-escola.

Ademais, destaco que esse currículo improvisado in/viabiliza, também, a palavra e a linguagem, tendo em vista que o uso da palavra é mobilizado na tentativa de significá-lo e/ou representá-lo. “A ausência de qualquer linguagem estável da dor talvez seja sintomática do fato de que não posso separar minha dor da minha expressão. (...) Algumas realidades precisam ser ficcionadas antes que possam ser apreendidas” (DAS, 2020, p. 68), do mesmo modo que a angústia do currículo sujo e agonizante só pode ser experimentado se ficcionado.

Nota-se um currículo que se experimenta por meio de borrões de improvisação, ou melhor, por meio da diferença em si mesma, produzindo afectos performados pela negritude. Com isso, a palavra, enquanto tentativa de significação das linhas que (des)formam este currículo, torna-se inviável ou sem impulso de vida. Digo, assim como torna-se possível acionar um pensamento sem imagem (DELEUZE, 2021), faz-se necessário buscar um currículo sem palavras.

Palavras não chegam lá. É apenas música, apenas o som, que chega lá? Talvez essas notas e frases tenham mapeado o terreno e percorrido o espaço entre o aqui e lá. Palavras não chegam lá: isso implica uma diferença entre palavras e sons; sugere que palavras são, de alguma forma, restringidas por sua redução implícita aos significados que carregam – significados inadequados aos ou separados dos objetos ou estados das coisas que envolveriam. O que também está implícito é a ausência de inflexão; uma perda de mobilidade, deslizamento, curvatura; uma falta de sotaque ou afeto; a impossibilidade de uma depreciação ou fissura e o excesso – ao invés da perda – do significado que implicam (MOTEN, 2023, p. 79).

Por conseguinte, um currículo sem significado e que sobrevive enquanto um processo de criação/experimentação. A improvisação, neste contexto, é mobilizada como processo criativo, assim como o currículo continuará no campo do *estar sendo*. Existem quebras, nesse sentido, que impossibilitam o produto e que revitalizam as curvas que fazem parte do processo de criação. No teatro, na fotografia ou no cinema, os cortes e as rupturas que curvam o processo criativo acontecem como meio possível de produção de sensações. Mais do que a palavra, os olhares, as linhas, o toque, os rabiscos, os sons – sem fundo, sem rosto.

2.4. BORRÕES, RABISCOS E PERFORMANCES

O currículo que parte de uma constante improvisação nos espaços em expansão do CEMEV, apesar de sua impossibilidade de ser tocado, deixa rastros *negroafetivos* e, com isso, pistas do que foi manifestado/experimentado durante os seus múltiplos processos de criação. Digo, linhas que denunciam os seus movimentos, acionam os rastros do desejo – os rabiscos impregnados nas paredes do espaço físico do CEMEV apresentam, portanto, um currículo-tempo sem linearidade.

O currículo, deste modo, é experimentado mesmo que não esteja materializado enquanto um ponto fixo. Os rabiscos são o currículo e seus próprios rastros, dado que o currículo performado pela negritude *não é*, assim como a própria potência da negritude se origina do seu não-lugar (e, assim, não-sendo). No entanto, destaco uma possibilidade de acionar esses rastros como meio para experimentar um currículo efêmero, sem órgãos, improvisado. Ou melhor, aciono esses rastros como possibilidade de fazer uma curva na linha de coexistência do currículo – o currículo-devir, isto é, em constante tornar-se, deixando rastros do que já foi e que ainda está sendo.

Em outras palavras, os rabiscos estão existindo enquanto pistas de um mundo negro em experimento e que deixam marcas dos seus processos de mutação. Um currículo-mundo-desejante constituído por intensidades e meios de ruptura da norma, um currículo turvo e

agonizante, cheio de borrões, denso. Ou seja, rabiscos como emersão das curvas do currículo que denunciam a sua instabilidade e excesso de intensidade. Um currículo que peca por excesso, logo, permeado por manchas que inviabilizam o seu encontro.

Se o currículo não pode ser tocado nem encontrado, isto se deve a quantidade de linhas que o entrelaçam, gerando borrões que implodem as palavras e seus significados. Borrões que o desorganizam, borrões que o instabilizam. “Dobradas. Desviadas. Borrerrrrrrradas (Sic). A imagem é texto, a imagem é escrita, sonora e não visível, embora de uma luminescência brilhante no conjunto do gráfico, do (não) verbal, do aural” (MOTEN, 2023, p. 90 – 91). Diante da ausência de centro, as linhas compõem os espaços e os desestabilizam – O CEMEV está cheio de linhas, nos banheiros, nos muros, nas salas de aula, nas mesas, nas portas, nas janelas e para além dos muros. Linhas que perpassam os limites físicos e atravessam as performances desejanças da negritude.

Ademais, os rabiscos estão como pistas de danças e cenas teatrais, vibrações dos sons e marcas de tintas, além de modos de escrita que transcende o currículo-norma, ou melhor, a escrita enquanto produção estético-política de sensações e meios para buscar possibilidades (outras) de existência (ANZAUDÚA, 2000). Em suma, a escrita-dançante e as linhas sem forma nas paredes e nas mesas tornam visíveis as pistas de um currículo performado pelo desejo-negro na escola – as performances da negritude sobrevivem pelo excesso, desejo-negro em excesso e não-representável.

Dobradas, desviadas e borradas: aciono os rabiscos enquanto performances negras em movimento ou cenas que mobilizam outros modos de existir e estar no mundo. Nesta perspectiva, o CEMEV produz um currículo que existe por meio de/atraves de uma estética (micro)política. Isto é, trata-se de experimentações curriculares em que o desejo-negro se manifesta através de rabiscos que explicitam uma luta antirracista descentralizada, operada em estado molecular, dado a sua experimentação se efetivar através do imperceptível, do que escapou aos olhos de um “macro-curriculo”.

Em outros termos, o CEMEV se apresenta por suas linhas de fuga, suas conexões, modos de expansão através de rabiscos, linhas e borrões performados, encenados e sobretudo sentidos “[atraves de] micropercepções inconscientes, de afectos inconscientes” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 99). Neste cenário, nota-se que a potência das performances negras é impulsionada pelo que escapa aos olhos da representação, da macropolítica, da estrutura, do currículo planejado e organizado. Por isso, o currículo não-localizável, improvisado, performado, só é percebido por meio dos rastros de improvisação e dos acontecimentos que o mobilizam.

Neste contexto, experimentar os riscos em azul, vermelho e preto se entrelaçando com a parede branca do colégio condiz com um modo de fazer/produzir existência sem sequencialidade (linearidade) e fragmentação, tendo em vista que o instável/invisível (o ato fantasmagórico) torna-se vivível, experienciado, sentido – o processo de pesquisa-experimentação, neste cenário, para se conectar com o fantasmagórico, encontra-se atravessada pela especulação, ou seja, buscando meios de acionar o in/visível por meio do ficcional/imaginativo (MACEDO; SILVA, 2021).

Em resumo, trata-se de uma dimensão in/visível do currículo em que o contato visual se deve às pistas deixadas por seus modos de diferir e, ao mesmo tempo, enquanto produção estético-política, existe enquanto cenas *negroafetivas* que sensibilizam um além-mundo humano. Por isso, um currículo com dimensões fantasmagóricas, improvisativas e, por consequência, um modo de fazer pesquisa que provoque uma ruptura na fronteira entre o real e ficcional (OLIVEIRA, 2021).

Neste cenário, o fantasma ocupa este (não)lugar entre o real e ficcional, logo, um currículo-meio, operando em estado rizomático e molecular. Em diálogo com Deleuze, o fantasma aqui se manifesta como “(...) nem imaginários, nem reais, os fantasmas têm impassibilidade e idealidade do acontecimento” (DELEUZE, 1974, p. 218). Logo, trata-se de uma dimensão para além do que está posto em algum desses campos e, por isso, está sendo mobilizado aqui como estes rastros do in/visível. Em outros termos, mobilizo a dimensão fantasmagórica do currículo, tendo em vista o ato desejante/improvisativo da negritude que o CEMEV manifesta – o fantasma, neste contexto, manifesta-se como pista do currículo-desejante, estando inerente às lutas antirracistas que o constituem.

Assim, os traços fantasmagóricos nas paredes (ou a escrita borrada) do CEMEV “não é representação de ação nem de paixão, mas pertence a um outro domínio; por outro lado, (...) o eu aí se dissipa” (DELEUZE, 1974, p. 219). Logo, traços, rabiscos e borrões que nos servem como pistas para um currículo-desejante estão sendo acionados como possibilidade de experimentar as intensidades do currículo in/visível e que existe enquanto fluxo e intensidade. Performances fantasmáticas da negritude? Improvisações de um currículo opaco/turvo/fantasmagórico? Digo, experimentação de um currículo improvisado que é, por si, sensação e, além disso, torna-se percebido por meio de pistas, rastros e borrões no espaço imanente do CEMEV.

Aciono um currículo sem imagem e em diferimento (DELEUZE, 2021), ou uma espécie de improvisação de currículo (MOTEN, 2023) para experimentar um mundo em que os vivos não estejam mais em cena. Por isso, dentre os diálogos estabelecidos e em consonância com

Ranniery/Macêdo (2018^a) e Oliveira (2021) em buscar outras possibilidades de pesquisa pós-estruturalistas em educação, mobilizo uma cartografia deleuze-guattariana (2011) em diálogo com as improvisações performáticas de Moten (2023) para experimentar o currículo produzido pelas improvisações da negritude *cemeviana*.

É uma improvisação através das interrelações complexas de vergonha, música e prostituição e sua conexão com a loucura, a embriaguez, o feitiço e o fascínio: formulações além da razão, de um tom apocalíptico, mantidas às custas de um suspiro ou do som assustador e arrebatador que um trompete ou uma voz fazem em sua extensão, atados na conexão metafísica entre o jazz, a morte, a raça e o espírito (MOTEN, 2023, p. 179)

Logo, tratando-se de um universo caótico de borrões, formas sem imagens, rupturas e dobradiças, torna-se necessário se lançar num espaço aberto, instável e imprevisível. Isto significa entrar em contato com acontecimentos enquanto partes vivíveis de um currículo in/visível. Mas, além disso, experimentar a embriaguez e o tom apocalíptico torna-se inerente a um currículo que não se pretende deixar iluminar pelas políticas de currículo: “Sim, o rosto tem um grande porvir, com a condição de ser destruído, desfeito. A caminho do a-significante, do a-subjetivo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 41).

Ou seja, experimentar improvisações de currículo que mobilizem pulsões de liberdade por meio do nada, do (não)ser negro. Deste modo, trata-se de, através da não-humanidade da negritude e da possibilidade de um corpo desorganizado e constituído de intensidades, buscar meios de cartografar o currículo por meio das pistas fantasmagóricas que se manifestam em imagens sem formas no espaço do CEMEV.

Digo, as improvisações que mobilizam um currículo entre-tecido, afetivo na medida em que existe num espaço *entre*, sem imagem e como fluxo – um fluxo de pensamento, um pensamento em ação, acontecendo a todo instante e ao mesmo tempo. Em outras palavras, a linha negroafetiva que interliga o corpo negro do CEMEV com as manifestações nos quilombos, com os toques de atabaques e o reisado de Itarerú – comunidade vizinha de Valilândia que ainda possui uma forte tradição de reisado, conduzido por *pretos velhos* moradores daquele lugar.

São linhas fantasmáticas e pistas de existência, rastros visíveis de uma linha que transcende e que é inerente ao território físico-existencial do CEMEV. Os rabiscos que se vê não são nem começo nem fim, são rastros de acontecimentos, ou acontecimento de acontecimentos.

Logo, são traços que acionam performances do olhar, tendo em vista que na presença do currículo-norma (visível e bem organizado por natureza) mobiliza-se um currículo movido pela diferença e, portanto, in/visível e im/possível: “Diante da negação do visível, as materialidades negras forjam seu olho quando devoram o próprio visível, quando devoram o invisível que vê, mas que só pode ser visto quando os olhos atravessam os fantasmas sem prender a vibração das imagens à própria oscilação espectral” (GADELHA, 2020, p. 129).

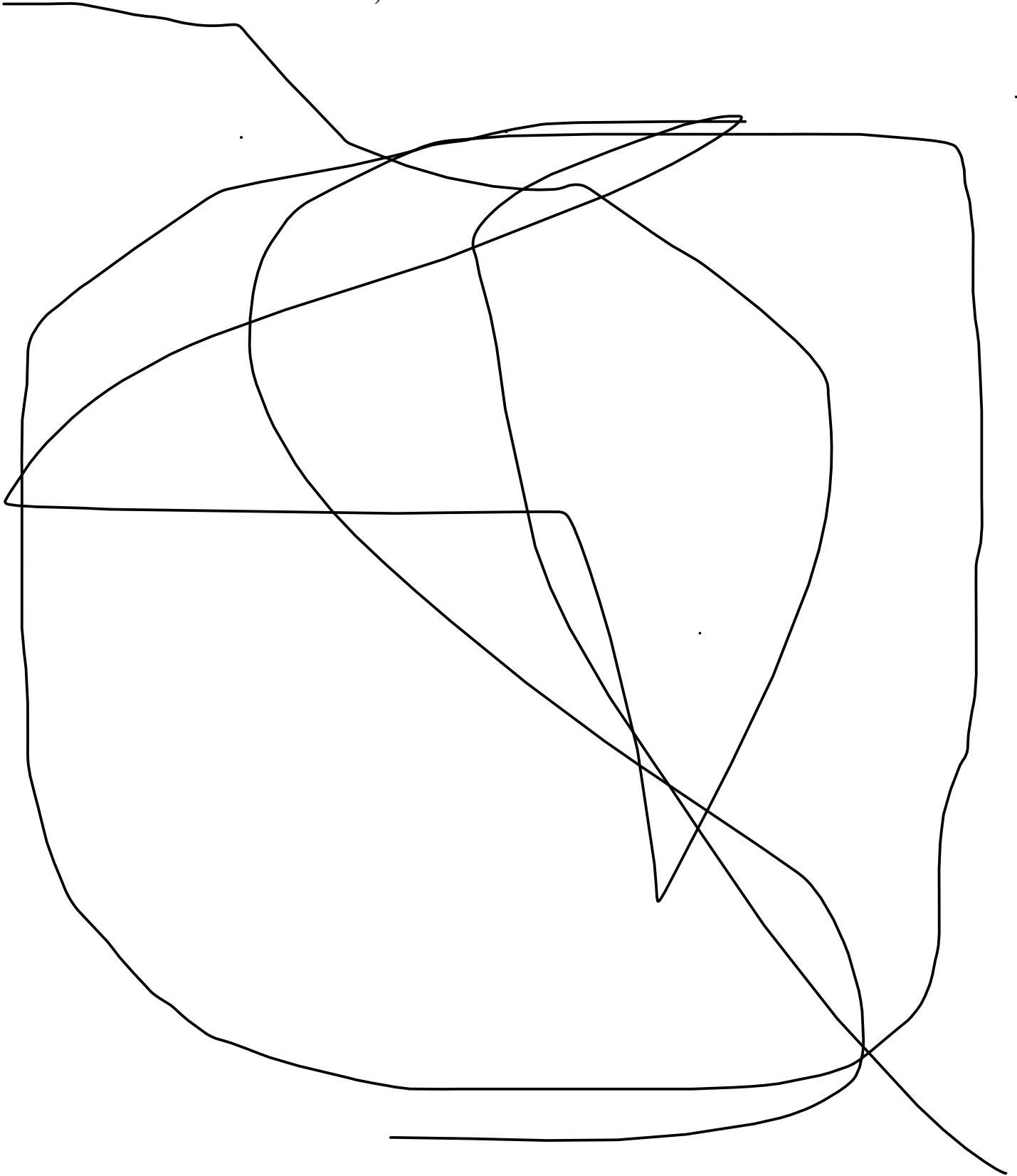
Destarte, toda a linha performada pela negritude, as linhas in/visíveis dos afetos que rompem com a sequencialidade moderna-linear e as vivíveis, ou seja, os rastros em lápis negro na parede branca produzem em si um mundo outro, um mundo negro. Deste modo, sendo constituídos por intensidades des-in-organizadas, cada rastro produz também outros acontecimentos e, por isso, o currículo im/possível nunca para de se transformar – e a escola parece se retirar do seu estado para se lançar a outro constantemente. A estética negra do CEMEV, então, produz em si o seu próprio mundo – mundo-devir, pois não se encontra fixo.

Quem o mundo pensa que é? O próprio território físico-existencial assume a mutação, o rizoma. Sem organismos (a nível de organização), tudo se conecta, diferenciando-se do mundo branco, moderno-colonial. O mundo em sua própria diferença, mundo-preto, diferença-preta. Cada risco solto, cada banheiro riscado, um (ou vários) mundos – pois todo acontecimento produz. Por isso, a necessidade de apagamento ou as tentativas de aniquilação da negritude, pois mesmo os rastros de uma diferença preta é, per si, uma ameaça ao mundo idealizado pela *nata* da filosofia europeia.

Digo, seja o sujeito em sua face histórica, social, moderna, científica – os *homos* em Denise Ferreira da Silva (2022^a) – a estética negra radical do CEMEV se manifesta como perigosa, tendo em vista que o desejo negro e tudo o que é produzido desde então rasura o sujeito, a organização, o idealismo de *ego*. Por isso que Fanon (2022), ao abordar a necessidade de se conectar com outras culturas não-ocidentalizadas, aciona também as estratégias para criar situações de morte ontológica do sujeito moderno-colonial.

Em suma, as performances negras sendo produzidas enquanto fluxos ou acontecimentos fantasmagóricos que tencionam outros modos de existir e estar no mundo – território *negroexistencial* em des-re-construção. A negritude do CEMEV, através de rabiscos, borrões e performances, produzem os seus próprios quilombos, seus espaços de libertação – o impulso de liberdade em si.

**3. EXPERIMENTANDO TORÇÕES METODOLÓGICAS:
PERSONAGENS, LINHAS E PERFORMANCES**



Desenho 3: Torções imaginativas e performances desejanter, Albert Henrique de J. Silva, 2024.

3.1. O MÉTODO CARTOGRÁFICO

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30)

Um currículo im/possível só existe no processo. Por isso, a necessidade de cartografar. O currículo, deste modo, se apresenta na medida em que mapeamentos são construídos – a existência é inerente ao processo de mapear (outras) existências. Ou seja, o currículo im/possível é inventado, improvisado, performado, porque não existe *a priori*. Se nada falta ao desejo, o que resta é inventar. Cartografar, portanto, é correr por fora e se perguntar o que aconteceu. Acontecimento. Cartografar é desejar. A cartografia (re)inventa um mapa para os modos de existir que estão sendo produzidos pela negritude, através das múltiplas performances.

Por isso, a cartografia se materializa no rizoma, nada está posto – pelo contrário, o rizoma desconstrói a organização, os órgãos do currículo, as políticas curriculares. O rizoma se expande de modo horizontal, por meio de linhas que inventam novos caminhos – o rizoma se expande provocando uma *não-localização* do seu início ou fim: conclusão-introdução sem pele nem rosto. Assim, faz-se necessário cartografar, inventar um mapa que possibilite um experimento destes múltiplos territórios que são produzidos pelo currículo im/possível, in/visível, in/viável. Isto é, um currículo improvisado no presente, pois só existe o presente. Cartografar implica um mapeamento destas curvas, destes pontos que provocam torções no tempo-espaço do currículo.

Ademais, busco cartografar o *tornar-se*. Cartografar as linhas que produzem o movimento de vir-a-ser. A subjetividade que cabe ao currículo refere-se ao lançar-se pra frente, a subjetividade estar sendo e, em sua constância, estar se lançando ao *tornar-se*. Por isso, a cartografia é inerente a morte ontoepistemológica do sujeito moderno. A modernidade, as ciências humanas, a representação, o *modo operandi* eurocêntrico, a colonização, a cor da pele, o complexo de superioridade, a identidade e os símbolos nacionais, ambos produziram uma ontologia fechada em si mesma, um sujeito bem constituído e autocentrado. Neste cenário, a cartografia só se realiza no que ainda não é, no não-ser ou nada, na pretitude (MOTEN, 2021).

Deste modo, cartografar exige um certo ensejo performático, improvisativo, dado que se trata de acionar um currículo dançante e dançar junto com ele. Ou melhor, faz-se necessário experimentar os caminhos produzidos por linhas tortas, curvadas, espiralares, desejantes. Como mapear um espaço não-localizável? Como cartografar o *nada*? Trata-se de rastrear as marcas

in/visíveis das performances negras do CEMEV. Em suma, a cartografia que está sendo experimentada como método de pesquisa em educação só pode se realizar por meio dos rabiscos que estão sendo inventados no espaço existencial do CEMEV.

Logo, territórios estão sendo inventados, produzidos, re-criados naquele espaço – um modo de operacionalizar o desejo. A luta antirracista que se produz na medida em que o desejo entra em cena e produz linhas mundo a fora, fazendo surgir a necessidade de cartografar. Cartografar desejos, mapear modos de estar-sendo (GUATTARI; ROLNIK, 1996). É neste sentido que mobilizo um currículo que me apareceu por meio de Iris Verena Oliveira (2020) e Thiago Ranniery (2018), um/vários currículo(s) que existe/m na medida do estar-no-mundo-com-outros, equação que conta com modos de existir no mundo que não estão as-sujeitados como àqueles corpos produzidos pela modernidade.

Em síntese, nota-se um ensaio criativo de currículo(s), acionado em sua dimensão positiva em que outros (novos) territórios são produzidos e experimentados, possibilitando a operacionalização de uma cartografia e, conseqüentemente, a sensibilização de uma diferença preta – *esquizofrenizar, enlouquecer, dinamizar, performar um currículo*. Com isso, a representação sai de cena, dado a sua dimensão neurótica/edipiana. Assim, o currículo “é um excelente sonho esquizofrênico. Estar inteiramente na multidão e ao mesmo tempo completamente fora, muito longe: borda, passeio à Virginia Woolf (nunca mais direi *sou isto, sou aquilo*)” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 55).

Não à toa que a cartografia é experimentada na medida em que se produz outros modos de estar no mundo: *o não-ser, o queer, o monstro, o nada, o louco esquizofrênico...* Por isso, o método cartográfico produz sua própria estratégia de ficcionar o currículo – o CEMEV especula, por meio de corpos não-humanos, outras vias de acesso para o fim do mundo. Deste modo, sendo inerente as movimentações de um currículo performado por corpos que *não-são* no CEMEV, uma experimentação cartográfica produz um mapa sempre em movimento, o mapa-rizoma de um território instável, in/visível e sempre em expansão.

De que são feitos esses corpos? Corpos *não-humanos*, corpos que *não-são*? A negritude, mobilizada nesta pesquisa-experimentação, manifesta-se em sua dimensão ficcional, não-localizada no espaço-tempo linear. Digo, performances da negritude por acionar o *nada* como um não-lugar que permite a produção de mundos outros: esta é a potência da negritude, dado que, *não-sendo* fechada em si mesma, fixada na linguagem, no discurso, na identidade... encontra-se em potência e criação.

Portanto, mobilizo as inquietações de Ranniery (2019) em torno da *cosmoecopolítica queer* para tencionar um currículo improvisado por corpos que desafiam os termos da política

curricular. Deste modo, tratando-se de um espaço performado pela negritude, o CEMEV só pode existir (e existe) por meio de uma ficção especulativa em que não-humanos produzem mundos outros em que a humanidade é extinta para que os que *não-são* possam existir.

A possibilidade cosmoecopolítica *queer* insiste em uma existência emaranhada, em corpos trançados, abertos pelo outro, que, desde sua instauração, apontam para uma malha incomensurável tomada pela incerteza, instabilidade e interdependência entre diferentes espécies de vida e de entidades (RANNIERY, 2019, p. 1450).

Em simultâneo, as políticas curriculares clarificam os corpos, *representam-nos* como transparentes e universais (FERREIRA DA SILVA, 2022a), despolitizando qualquer reação dos corpos não-humanos que implodem categorias identitárias moderno-coloniais. Assim sendo, trata-se de uma pesquisa em que a cartografia é mobilizada em sua im/possibilidade de captar o que não tem rosto.

Neste contexto, a negritude manifesta-se como um fluxo desejante, in/visível e potente, não-localizado: sem identidade, sem gênero, sem cor, sem corpo, sem futuro, sem projeto, sem sexualidade... *não-sendo*, posso ser tudo ou nada. Ou melhor, *não-sendo* uma coisa ou um objeto fixado no tempo-espaço, como sujeito moderno, a negritude pode simplesmente existir enquanto diferença: “isso significa dizer que a diferença está no que é performado, desaparecido ou não é aparente, dado o entendimento de performance dentro do que ou sem o que estivemos operando” (MOTEN, 2023, p. 226).

Por conseguinte, trata-se de mapear a trajetória de algo que nunca estanca, mapear o sangue que sempre escorre no corpo, mapear as linhas produzidas pela negritude na fuga para os quilombos do CEMEV. Quilombo é produzido em movimento, um nomadismo. O desejo produz o quilombo, o currículo-quilombo-desejante. As rasuras, os borrões nas paredes e os quilombos condizem com uma rasura desse sujeito ontológico, epistêmico, para invenção de um outro (não)ser – um *isto*.

Toda performance negra, portanto, é produção de vários territórios existenciais e é constituído por borrões de lápis nas paredes brancas. A performance negra *cemeviana* rasurando a parede branca (o sujeito ontoepistêmico) organizada (cheio de órgãos) e, deste modo, outros cenários são produzidos, mesmo que efêmeros. Os borrões pretos nas paredes brancas assustam o plano de organização (o que aconteceu com a parede?). No CEMEV, os banheiros é que manifestam mais esses rabiscos, dado que é no banheiro que tudo acontece e que o currículo-estrato nunca alcança – o banheiro-quilombo, currículo-quilombo-desejante. Os ecos de Abdias

Nascimento (NASCIMENTO, 1980) soou na escola e a negritude foi produzir seus rabiscos-quilombos nos banheiros da escola.

A cartografia, neste contexto, existe ao mesmo tempo que mapeia essas linhas constantemente produzidas e produzem territórios. Territórios até então inimagináveis – todo mapa tem uma dimensão imaginativa, fictícia, performativa. O banheiro *cemeviano*, enquanto território imaginativo da negritude (modo de re-existir), é produzido pelo desejo, tendo em vista que desejo é criação. Assim, o banheiro (aquilombado) é (re)inventado pela negritude – banheiro performado, improvisado. As linhas, os borrões, as rasuras na parede branca é que expandem o rizoma-escola, mistura-se com cheiro de urina e os inúmeros símbolos (auto)eróticos que estão performados por lá.

Por que tantos nós? Tantos traços alinhavados? As adolescências produzidas pela negritude *cemeviana* reinventa modos de se fazer afeto, um afeto preto, afecto. Na sala de aula, os estudantes re-existem por meio das conversas inapropriadas e das resenhas do final de semana. Estar-adolescentes, neste contexto, condiz com os olhares de desejo e de repulsa, pontos que se atraem e repelem e puxam outras linhas. O namoro se faz no *cemev*, desejo preto em pulsão: menino *a* ama menino *b* x menina *a* ama menino *b*... e vi@do, put@, gostosa, gostoso, garanhão... e mais rabiscos que se espalham no território físico *cemeviano* – o mapa se expande a todo instante.

O corpo-desejante do/no CEMEV movimenta o mapa, expande o mapa. Em síntese, o currículo im/possível, criado no plano de imanência do CEMEV coexiste com esses borrões sem palavras, pênis sem corpo, linhas sem formas. Assim, a cartografia vai se realizando e se conectando com todo o resto. A improvisação negra que se lança no (orí)zonte (NASCIMENTO; GERBER, 1989), símbolos sem significação ou representação.

Destaco, portanto, uma perspectiva que aciona os traços em sua dimensão produtiva e não-representativa, tendo em vista que a esquizoanálise opera como uma máquina – mobilizando, deste modo, uma pesquisa que produz a destruição da política de currículo e, simultaneamente, opera uma improvisação curricular. Por isso, uma esquizoanálise preta, dado que toda performance da negritude rasura um sujeito moderno para fazer surgir um corpo-desejante. Improvisa-se, então, uma esquizoanálise através das performances pretas do CEMEV na medida em que o método cartográfico é experimentado.

Logo, uma cartografia produz suas próprias rotas até então inexistentes, mapeia um currículo im/possível, dado a sua in-existência (ou no seu modo de existir-produzir no presente). Um mapa que traça linhas desejantes, [tornar-se] um *isto* que não pode ser contido ou

assujeitado e, assim, o currículo-desejante passa a ser in/visível pelos modos de subjetivação, sempre em frente, como um fluxo, uma identidade sem rosto, rasurada.

A cartografia corre por fora, contorna a linha do tempo (torna-a quebradiça no mapa) e encontra-se tão deslocada da realidade (assumindo que o lado escuro da lua é o seu) que a ontologia eurocêntrica não há de existir nela, logo, uma cartografia que só consegue mapear o (outro) mundo em invenção – no levantar dos mortos e na saída dos vivos de cena (WILDERSON III, 2021).

Neste sentido, a cartografia operada no CEMEV mapeia essas formações de territórios de existência (modos de subjetivação). Se a negritude está performando/inventando um currículo-desejante *cemeviano*, improvisando um modo de fazer educação e, desta forma, diz-se que o CEMEV experimenta a sua própria produção curricular, então deve-se buscar meios para acionar estes processos de criação. Como esse currículo improvisado e desejante está sendo performado? Na medida em que sabemos de sua existência, o que fazer? Pra quê mapeá-lo? Para que serve uma cartografia nas pesquisas sobre currículo?

Nesta perspectiva, este mapeamento para mobiliza rotas de fugas constantemente criadas pela negritude do CEMEV. Isso é, uma via para sensibilizar um espaço-entre, um sempre-meio de um currículo clandestino (PARAÍSO, 2005) que tenciona outros territórios de existência. Talvez a pergunta seja: qual a potência de um método que se propõe a traçar rotas do desejo negro na escola? *E como se expande o CEMEV?* Noto, portanto, possibilidades de buscar caminhos que não sejam os que tem como destino a branquitude (FANON, 2008) ou o mundo escrito por mãos brancas. É neste contexto que a cartografia só se realiza através da instabilidade performática da negritude.

Em suma, cartografar possibilita contactar rotas em que uma educação se manifesta como possível para a produção de um mundo negro. Por isso, refere-se a um modo de experimentação das rotas que são traçadas pela negritude por meio de suas performances e que, *per si*, já se apresentam como um mundo outro. Isto é, trata-se de caotizar o que até então parecia organizado, um meio para inventar subjetividades e existências sem recorrer à organização, as normas, as instituições.

Além disso, a cartografia assume sua função de descaracterizar o mundo potencialmente eurocêntrico, pois trata-se de mapear rotas de fuga de um mundo organizado, dualizado, ontologicamente refinado. Isto porque só é possível traçar rotas cartográficas no caos, proveniente do *não-lugar* da negritude, acioná-la através das linhas que são produzidas e ficcionar o abandono do ideal de ego do branco (SOUZA, 1983). Ou seja, mobilizar a própria im/possibilidade como meio, o espaço *entre* em que o currículo-desejante produz para traçar

rotas de fuga, em outros termos, prover de um mapa sem fim, em que sua elaboração é constante, imprevisível e instável.

A cartografia é, portanto, uma artimanha do im/possível. Uma estratégia que torna in/visível os caminhos que são performados pela negritude, dado que o objetivo de um método cartográfico é, justamente, apontar para a impossibilidade da pesquisa. Em diálogo com Denise Ferreira da Silva (2022a), nota-se a inviabilidade de compactuar com os anseios das ciências sociais no que diz respeito a buscar garantias para uma emancipação do negro na sociedade, por meio de instrumentos de conscientização ou desalienação, tendo em vista que nesta linha, o sujeito permanece, os dualismos permanecem, a autodeterminação permanece... a representação de um Eu permanece. No entanto, cartografar sinaliza a im/possibilidade dessa emancipação.

Cartografar os rabiscos, borrões e torções imaginativas da negritude explicitam uma luta antirracista sem sujeito, representação, dualismo, autodeterminação, centralização. O que se torna in/visível por meio da experimentação é um universo caótico em que linhas se cruzam e produzem vários centros, numa espécie de filosofia afro-diaspórica que se espalhou pelo espaço aberto do oceano e ganhou proporções inimagináveis, produzindo num só mundo vários outros. São essas linhas que a branquitude ainda tenta apagar por temer o seu poder: como sustentar uma identidade branca/universal se existem tantas linhas? Como garantir que o futuro viável é o projeto de vida branco se nem futuro há? Pra onde vão todas essas linhas?

Assim como o tráfico negreiro, os documentos normativos do currículo já possuem rotas bem definidas e lineares. Do primeiro ano do fundamental I até o terceiro ano do ensino médio se tem uma linha bem esticada, reta, progressiva – com um intervalo de tempo pré-estabelecido, tanto quanto a linha oceânica entre Angola e Brasil. Nesta perspectiva, a negritude rompe com a linha, produzem uma quebra (um corte sexual) na organização (MOTEN, 2023) por meio de eventos imaginativos, cosmopoéticos, performáticos. Por isso, tantas linhas são produzidas e a parede branca se torna um território alinhavado – e o sujeito, rasurado. Poesia visual.

De todas as linhas que são produzidas na parede branca oceânica do CEMEV, nenhuma é reta, progressiva ou linear – todas estão em nós e alinhavadas como grandes teias deformadas. As performances negras produzem fluxos que se expandem – criação de territórios existenciais infinitos e em constante mutação. E, havendo mudanças, os movimentos de des/re/territorializar também é operacionalizado constantemente. O oceano é infinito, pois as linhas que ainda transitam por ele não param de produzir novos territórios físicos e existenciais – por isso, a coexistência de uma cartografia.

Por isso, um currículo-desejante e im/possível. Infinito em extensão. Sempre meio. Oceânico, transatlântico. Por isso, uma cartografia *cemeviana* só pode existir para/com a negritude, tendo em vista o seu desinteresse pela linha reta. Só há possibilidade de cartografia no rizoma. Como forma de experimentar um currículo-sem-órgãos, um corpo sem conteúdo pré-estabelecido. Performances negras nas paredes dos banheiros. Entre rabiscos, borrões e traços performáticos, mapas com rotas de fuga deste mundo para a emersão de outros.

3.2. TRAÇANDO LINHAS, PERFORMANCES E BORRÕES: RASURANDO O “PROJETO DE VIDA” DA BNCC

Para Carolina Maria de Jesus, escrever, em frente ao seu barraco na favela do Canindé na manhã de 1955, era uma rota de fuga. Uma mulher negra, uma profetisa. Em meio à fome. Ao desejo. À degradação que o autodesprezo impunha aos moradores. Sempre o fato da negritude...”. *Sentei-me ao sol para escrever. A filha da Silva, uma menina de seis anos, passava e dizia: - está escrevendo, negra fedida!*” O “general 53ntagonismo” e a centralidade ontológica da raça. Como em Marcus Garvey, profeta: “*I see before me a new world of black men.*” (PINHO, 2014, s/p).

No prefácio de Osmundo Pinho, *undercommons* no Brasil: o muro e o débito (2014), a relação da negritude com a universidade é um tanto dialética, dado que a mesma é uma máquina de perpetuação da hegemonia branca e, ao mesmo tempo, um espaço de refúgio, uma linha de fuga da negritude. Logo, estabeleço uma conexão com as linhas produzidas no CEMEV, linhas de fuga que se espalham pelo espaço escolar e partem para o horizonte em sua tensão com o currículo-norma.

No CEMEV, personagens negros que criam cenas expondo o desejo homoafetivo nos porões (áreas do fundo, pontos-cego, no canto do muro...) produzem rotas de fuga. Nas paredes das salas, cartazes com desenhos de crianças jogando bola, sete pedra e esconde-esconde – cenas de Valilândia no passado-presente. As turmas do 9º ano produzem rotas de fuga que vão de uma escola a outra – sempre um fotógrafo registra os últimos momentos da turma naquele espaço físico do CEMEV, abraços e gritos de *graças a Deus* se entrelaçam com o choro da saudade... currículo-desejante deixando rastros imagéticos para que outros personagens pretos continuem ficcionando as linhas *cemevianas*.

Pontos de intercessão são formados sob as poucas árvores que restam: “vamos psicólogo, faz a roda de conversa ali”, dizem. “Aqui está calor, é melhor voltar pra sala”, dizem. O que aconteceu? Currículo-acontecimento em movimento. “E você, já sabe se torce para o América ou Flamengo?”, questionam os personagens *cemevianos* de Valilândia e Queimada do Curral. O mapeamento é cartografado na medida em que é produzido – numa sala, barulho de várias outras, rabiscos de várias outras... todas numa só, multiplicidade de linhas no pátio, nas

salas, nos banheiros e na cozinha que fica do outro lado da escola. Linhas nômade, proibidas, de cuidado e cheias de dor.

Linhas, portanto, produzidas de forma maleável e molecular, imperceptível, micropolíticas desejantes: entre a ponta do lápis que risca e a parede branca que suja, existe um mundo negro, quilombo, desejante e que se manifesta em formas arredondadas, pontiagudas, des-formadas. Digo, forma-se uma espécie de rastro do desejo nas paredes: riscos in/traduzíveis e que produzem outros e outros e outros riscos... e a escola vai se produzindo em linhas – um emaranhado de teias que conduzem/produzem desejo.

Perceber (...) que essas linhas não querem dizer nada. É uma questão de *cartografia*. Elas nos compõem, assim como compõem o nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma. Certamente não têm nada a ver com a linguagem, é ao contrário a linguagem que deve segui-las, é a escrita que deve se alimentar entre suas próprias linhas. Certamente não tem nada a ver com um significante, com uma determinação de um sujeito pelo significante; é, antes, o significante que surge no nível mais endurecido de uma dessas linhas, o sujeito que nasce no nível mais baixo (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 84).

Logo, uma *linha de fuga* que aciona outro mundo e, em simultâneo, sacode este que conhecemos. A linha de fuga produzida pela negritude do CEMEV, portanto, produz a si própria em suas próprias linhas: negritude, linhas de fuga, quilombismo, corporeidade... forças em coexistência. Por isso, o currículo-norma busca o sujeito e não acha – e produz o seu próprio sujeito *branco, eurocentrado, organizado...* e produz também uma imagem-objeto para se contrapor e manter intacta a imagem-humana e o mundo ao seu redor. Enquanto isso, *linhas de fuga* que destroem a imagem-humano em pedaços, “*mata de raiva*”, com a não-humanidade desejante da negritude. Como pensar, neste cenário, *um mundo depois do fim do mundo? Pistas para um mundo riscado, rabiscado, des-órgão-nizado.*

É assim que Carolina Maria de Jesus, corpo-desejante em seu barraco, incomoda tanto: este é uma reação *quase-natural* frente ao mundo que se destrói. Como o branco reage ao fim do mundo? Apagando os riscos nas paredes para que se mantenham sempre brancas e limpas? Carolina Maria de Jesus produziu suas próprias linhas de fuga (PINHO, 2014) e que não eram só suas... já que no mundo rasurado por *linhas de fuga desejante*, tudo está em conexão: a negritude é, *per si*, o próprio terreiro, o ritmo do samba, uma filosofia impregnada no corpo (sem órgãos), a toque de atabaques (SODRÉ, 2017).

Duas jovens negras vagando no pátio do CEMEV, recusando-se a assistir aula e inventando a sua própria escola de fim de mundo incomoda tanto: quais tipos de leituras estão sendo produzidas por jovens negras que fazem do pátio uma sala de aula? E a sala de aula a sua

própria casa? E a casa uma extensão do CEMEV? As professoras costumam dizer que as meninas “não querem nada com a vida” ... “logo aparecem grávidas”, dizem. Ao mesmo tempo que produzem suas próprias linhas de fuga: “a professora demora de entrar na sala para ficar batendo papo com os alunos no pátio” ... sala de aula sendo produzida em outros espaços – o universo em expansão. Discursos sendo produzidos... linguagem... significados... e alguma coisa escapou.

Neste cenário é que “não tem nada a ver com um significante, com uma determinação de um sujeito pelo significante” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 84). A linguagem é que está sendo produzida pelas rasuras e rabiscos e borrões e linhas... a linguagem é que se produz a partir das rotas de fuga da negritude no CEMEV. É deste modo que passa a ser uma questão de cartografia, dado que os mapas estão sendo criados e desvirtuados pelas produções sempre *neste instante* e este mundo após o fim se manifesta em duração – *nunca* em extensão (BERGSON, 2014).

Por isso, a necessidade de conter as linhas por meio de um caderno de caligrafia e documentos organizados, cheio de órgãos, sistematizados e bem fundamentados em estruturas *eurocientíficas*. Também, a necessidade de colocar pra dentro da sala os meninos que fazem o CEMEV pelo *fora da sala*, costurando e operando de fora pra dentro e de dentro pra fora. Quanto mais o movimento da negritude produz um currículo-desejante, im/possível, políticas curriculares ganham forma, buscando estabelecer meios para manter o *status quo* humano-colonial: produtividade, empreendedorismo, projeto de vida, BNCC... E, ainda assim, a negritude do CEMEV está produzindo suas rotas de fuga: Fugindo de quê? Pra onde? Com quem?

O projeto de vida linear, dotada de *normalidade*, planejada e executada à risca se rompe com as voltas que um jovem preto que está sempre na escola, mas nunca na sala de aula faz. Logo, as juventudes do CEMEV se fazem rasurando a itinerância que liga uma ponta a outro da vida escolar do aluno. A linha do projeto de vida se perdeu dentre tantas outras linhas que estão alinhavadas na parede e nos corpos produzidos pela negritude.

Ou melhor, como sustentar um projeto de vida se o que está sendo inventado pelas juventudes são, dentre tantas coisas, linhas sem significados e representações? Ou, além disso, como o projeto de vida *funciona* quando colocada em xeque pelo corpo que se recusa a sentar e assistir uma aula inteira? E o que as linhas pretas da negritude têm a ver com isso? E Valilândia? E o CEMEV? Digo, as rotas vão sendo estabelecidas na medida em que o *normativo* ganha força e se estabelece num discurso altamente operacional. O discurso militarizado,

homogêneo, ditador, heteronormativo, brancocentrado, uma macropolítica fascista que tenciona múltiplas rotas de fuga.

Em resumo, manifesta-se as rotas de fuga que *estão sendo* traçadas no CEMEV, tendo em vista um debate curricular que mais ganhou corpo nos últimos anos, principalmente depois dos governos Temer-Bolsonaro, a respeito da BNCC, documento normativo que propõe direcionar a política curricular das escolas de educação básica, a fim de chegar a uma base *comum* de conhecimento (BRASIL, 2018). O que há, portanto, de *estranho* num documento que se propõe *normativo* e ao mesmo tempo, *comum*? Ou melhor, trata-se de uma manobra homogeneizante que propõe configurar o currículo numa única nota, universal e totalizante.

No entanto, as linhas performáticas da negritude do CEMEV desvirtuam o *projeto do projeto de vida* da BNCC, manifestando linhas tortas, borradas, turvas: o *ego* desfeito, rasurado. Nas paredes do CEMEV, o projeto de vida encontra-se rasurado, corta-se o projeto e resta a vida, desforme, desterritorializada, cheia de cor – fazendo um contraponto a transparência iluminista. O corte (sexual) produzido pela multiplicidade das performances da negritude (MOTEN, 2023) rompe com um ideal de futuro pré-determinado. Por isso, uma relação criminal com a instituição (PINHO, 2014), tendo em vista que a negritude busca estratégias para *roubar* um projeto que não lhe cabe.

É possível projetar a vida? “Nosso futuro é no motor, foi assim com a nossa família inteira”, diz um personagem negro *cemeviano* numa roda de conversa. “Mas você sabe que o motor é algo ruim, é um trabalho da peste”, diz outro aluno do turno vespertino. “Rapaz, pelo menos eu tenho um dinheirinho no fim de semana, e ainda vou poder comprar uma moto”, a réplica do primeiro. O currículo-norma tende a desconsiderar essas falas como projeto de vida e, ainda assim, representam os corpos negros num ponto fixo da pobreza – destacando algumas exceções, com o discurso meritocrático de que é possível vencer na vida. Tudo isso está acontecendo no presente: passado-presente-futuro como um único instante (BERGSON, 2014). Currículo-desejante em movimento.

Neste cenário, o *ego* foi esvaziado e a vida agora é manejada sem um corpo orgânico. Enquanto representada, criaram uma *imagem* de vida com sujeitos a serem preenchidos com o conhecimento moderno-colonial. Porém, enquanto movimento, fluxo, desejo, improvisação, performance... produziu-se um pensamento sem imagem (DELEUZE, 2021), um corpo sem imagem, um mapa sem imagem. Algo escapou. A diferença preta produziu nas paredes do CEMEV um pós-mundo em que o projeto de vida branco-normativo se encontra rasurado. Com isso, a improvisação im/possibilita a não-localização da negritude, do currículo-preto-desejante, a não-localização do corpo no mundo idealizado pelo projeto de vida da BNCC.

Além disso, o documento normativo da BNCC (des)gasta e esvazia conceitos relacionados a diversidade em todo o seu corpo, porém, exime-se de propor uma política que mobilize explicitamente as questões de gênero e sexualidade (OLIVEIRA, 2020b). Com a mesma intensidade, gênero e sexualidade encontram-se estampados nas paredes do CEMEV, corpos sem órgãos no sentido de se desorganizarem do *ideal de gênero e sexualidade* que o silêncio da BNCC propõe. A negritude do CEMEV, ao encenar um quilombismo (NASCIMENTO, 1980), rasura toda a espécie de ideal (moderno-colonial).

Nas paredes e no espaço existencial do CEMEV: pênis sem corpo no banheiro, corpos sem genitais, corpos *queers* pretos, corpos lésbicos e *gays*, não-humanos, corpos negros, negritudes, corpos não-representáveis. Corpos que existem por performances e só por meio delas – mais uma vez, relação criminal: não-humanos tendo que *burlar* o espaço escolar para usar como refúgio, para produzir (produção desejante, *negroafetiva*) suas próprias rotas de fuga.

Nesta perspectiva, as improvisações da negritude denunciam a impossibilidade de *estruturar* uma escola fundada por vias modernas-coloniais que seja abolicionista, democrática, emancipatória. Ou melhor, trata-se de produzir um outro território (NASCIMENTO, 2022), uma reterritorialização, cujo movimento produz o CEMEV para além de uma normativa que se propõe democrática. Em suma, percebe-se uma produção em que o currículo-desejante coexiste com o discurso normativo da BNCC, isto é, um currículo fugitivo, um currículo-quilombo.

Currículo-desejante. Currículo-quilombo *cemeviano*.

O quilombo (...) é uma favela, uma manifestação de dança preta (...), um trem da Central, uma nova escola do subúrbio. Estando o negro com outro negro já é um quilombo. Num sentido mais amplo é o seguinte: esteja o negro com o negro americano, esteja com Pelé, ou consigo mesmo, e esteja com o branco se este não for o opressor (NASCIMENTO, 2022, p. 130 – 131).

O quilombo é a “estrada de chão”, o motor de sisal, as torcidas do Flamengo e América, o cuidado nômade, os rabiscos nas paredes e em toda a parte. O quilombo é o próprio CEMEV. O currículo-desejante é o quilombo inerente ao CEMEV, às improvisações performativas *cemevianas*. Digo, para criar um mundo além do que está posto no projeto *estruturado* pelas políticas curriculares, a negritude encena sua fuga. Rotas até então inexistentes. As letras de música estampadas nas paredes e os ‘@’ das redes sociais, conexões estabelecidas por linhas/rastros deste currículo aquilombado/desejante.

Em outros termos, diferente do currículo normativo e das propostas citadas acerca da BNCC, o currículo-desejante se faz no processo e nunca para de *se fazer*, considerando que um produto final, *anti-processual*, condiz com a destruição do desejo. Desejo, assim como

quilombo, coexiste com o processo de existir, no presente, como fuga. Currículo-quilombo *cemeviano*.

Por isso, os rabiscos ainda re-existem e continuarão re-existindo, continuarão também sendo apagados, deturpados, vulgarizados. “(...) como a história é facciosa, ainda se pensa que a escravidão foi a herança principal do negro brasileiro. Porque todos os documentos da historiografia omitem informações sobre o negro livre” (NASCIMENTO, 2022, p. 132). Ou seja, na impossibilidade de ser contida pela representação, a diferença (preta) condiz sempre com o mal (DELEUZE, 2021) para o discurso branco/normativo. Deste modo, um eterno tensionar de forças, uma disputa discursiva, micropolítica.

As rotas coexistem com os corpos-quilombos: corpo e negritude e performance e fuga... enquanto o mundo moderno-colonial existir, a fuga se faz necessária para a sobrevivência da negritude. No CEMEV, rotas de fuga estão sendo acionadas/mobilizadas/produzidas por caminhos instáveis, potentes e férteis.

3.3. “NOSSO DESTINO É O MOTOR”: CARTOGRAFANDO RASTROS DO CURRÍCULO-DESEJANTE CEMEVIANO

Existem pontos de intercessão por toda parte em Valilândia. O CEMEV é um deles. Um espaço desejante que se expande por várias linhas, ou melhor, por estradas cheias de bifurcações... com pedras e chão quente que quando chove, vira um lamaçal. Em grande parte do ano, galhos secos espalhados... caatinga. Nessas bifurcações, existem estradas para Santaluz, Valente e tantas outras que se espalham por algum lugar. Um grande rizoma em expansão – rastros do currículo-desejante e que estão por toda parte. Os rabiscos estão nas paredes brancas da escola e em toda parte do mapa: Qual a duração real deste currículo-desejante? Qual a duração desta escola? Qual o seu espaço-tempo?

Se é desejante, o CEMEV existe em duração (BERGSON, 2014). Fluxo desejante, *acontecimento* que coexiste a personagens mutáveis, personagens conceituais, personagens pretos, mulheres, *queers*, lésbicas, gays... personagens que borram a escola e performam a sua própria mudança. Enquanto psicólogo escolar, *estou* um personagem conceitual com a existência inerente ao CEMEV – por uma existência que depende dele. Enquanto estudantes, professoras, gestoras, merendeiras, porteiro... e rabiscos, fila da merenda, ônibus escolar, motorista, pátio, cheiros de sopa na cozinha e de urina no banheiro... *devires*, personagens conceituais que dependem do seu espaço, plano *cemeviano*.

Neste cenário, um *currículo-mapa* (PARAÍSO, 2005) em movimento e expansão. Logo, aciono o que Deleuze/Guattari (2010b) mobiliza como personagens conceituais para

sensibilizar alguns pontos que fazem esse currículo-desejante rabiscado no CEMEV se expandir. Isto é, acionar performances que são produzidas pela negritude do CEMEV e, assim, (re)criam constantemente um currículo-desejante por meio de (sempre novas) rotas de fuga: imagens performáticas, cenas que produzem gritos, borrões e luta antirracista em movimento, tencionando o fim do mundo e flertando com outras possibilidades de existência.

Em outros termos, performances de múltiplos quilombos, currículo-quilombo-desejante de uma escola do fim do mundo (SILVA; OLIVEIRA, 2023). Deste modo, movimento algumas linhas específicas que produzem o currículo-desejante *cemeviano*, ou melhor, partes de uma cartografia do desejo *cemeviano*, uma construção de mapa, currículo-mapa, rizoma, escola. Dentre essas múltiplas performances, mobilizo suas linhas rubro-negras e alaranjadas, (auto)eróticas, nômades, subversivas. Isto é, rotas de fuga que produzem uma escola a partir do afeto, escola negroafetiva.

I – PERFORMANCES NÔMADES: ESTRADA DE CHÃO, ESCOLA E MOTOR DE SISAL

Linhas nômades. Estudantes que pouco estão no espaço físico da escola e que não são encontrados com facilidade pela gestão. Logo, estudantes a serem buscados por meio de uma ação em conjunto: assistente social, psicólogo escolar, gestão escolar... Personagens que insistem em puxar múltiplas linhas do CEMEV a casas distantes do distrito de Valilândia, linhas que circulam perto dos motores de sisal em que parte da família trabalha.

Estudantes nômades, irmãos de mais 5, filhos de mãe solteira que pouco participa das reuniões da escola. Mãe preta, filhos/as pretos/as. Mãe que, com facilidade, é classificada como aquela que “não liga para os filhos” pelo modelo normativo do que é ser mãe, do que é cuidado, afeto, carinho... mãe preta relegada a *ninguém* (FERREIRA DA SILVA, 2014) por meio do crivo brancocêntrico e heteronormativo de família. Mobilizo, portanto, personagens nômades jovens, negros, com idade entre 15 e 18 anos, ambos se recusando a voltar para as aulas por “ver mais sentido no motor, trabalhando e ganhando o dinheirinho...”.

Neste contexto, performances que possibilitam o currículo-desejante: a escola entre muros, o discurso normativo, a linguagem taxativa com trabalhadores/as do motor, as disciplinas, os horários, o tempo limitado para ir ao banheiro... e a negritude que encena uma extensão do CEMEV até uma casinha no meio do nada, produzindo um currículo impossível de ser manejado por políticas curriculares: “Na escola, ninguém olha pra gente como se pudessemos nos tornar médicos”, dizem. O adolescente preto não cabe num jaleco. “Nosso

destino é o motor”, dizem. No mundo tal qual conhecemos, cujo currículo-norma é construído para manter a linguagem do sujeito transparente, o corpo preto só cabe no motor de sisal.

Assim sendo, para existir no mundo moderno-colonial, numa cena em que o corpo preto é *nada*, performances são necessárias para produzir re-existências. Quais linhas conectam o motor de sisal com uma escola do fim do mundo? Quais linhas conectam o motor de sisal com os rabiscos subversivos nos banheiros do CEMEV? Quais linhas conectam essa casa e essa impossibilidade de vestir jaleco ou ser professor com uma escola-preta-desejante? Rastros de um currículo-desejante. A negritude, aqui mobilizada a partir desses dois personagens, está produzindo qual currículo?

As linhas são elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos e, por isso mesmo, são constitutivas do currículo-mapa. Se o currículo-mapa é um sistema aberto, composto por linhas variadas, ele também compõe linhas, toma emprestado algumas, cria outras. O currículo-mapa é experimental, quer ligar multiplicidades, fazer conexões e composições (...). (PARAÍSO, 2005, p. 69)

O currículo-mapa em destaque por Marluce Paraíso é desejante. Um currículo aberto, quilombo, descolonial. Os personagens nômades em questão produzem este currículo-desejante na medida em que *esticam* a escola até não caber mais no espaço físico de Valilândia. Digo, o currículo-desejante, cartografado por meio de seus rastros e performado por jovens negros que fazem do CEMEV uma escola-motor-de-sisal, preta e anticolonial, movimenta-se por todas as vias, mantendo-se em confronto com uma estrutura curricular formatada com base no sujeito transparente da modernidade (FERREIRA DA SILVA, 2022a).

Em simultâneo, um outro personagem se manifesta, um garoto de 9 ou 10 anos, também negro e mais um dos filhos da mesma mãe. A equipe escolar que estava presente conhece ele – mais um corpo negro constantemente colocado em perspectiva na escola – o mesmo, estuda n’outra escola da região. O garoto prepara o cavalo de um colega que está no quintal, sobe em cima de um banquinho e monta no cavalo – deixando a equipe boquiaberta com a malícia e o “jeito de montar”. Um cavalo no currículo-desejante de outra escola? Quais linhas serão produzidas? Mais um filho da mesma mãe que chegará no CEMEV em 2024 puxando linhas das paredes brancas de Valilândia até os arredores de Itarerú. Currículo-quilombo-desejante. *Currículo-mapa*. Currículo im/possível. Performances da negritude que tencionam outras possibilidades de existir.

Logo, uma risada por parte do irmão e irmã: “Ali é mais esperto do que nós dois”, dizem. Em simultâneo, parte da equipe tenta centralizar nos jovens o discurso-normativo: “Vocês precisam voltar para a escola, uma garota tão bonita como você...”. Boooooom... Borrrrrrões

(Sic). Volta os olhares para o celular em mãos... Outra linha é produzida... personagens nômades que se movimentam sem sair do lugar. “A escola é legal, mas os meninos ficam me tirando do sério e acabo perdendo o foco... por isso, filo aula e de resenha...”, diz o garoto. A relação do jovem negro com a escola é sempre criminal e precisa ser, como diz Osmundo Pinho (2014) no prefácio brasileiro do *A Universidade e os Undercommons* de Stefano Harney e Fred Moten. O currículo-desejante é criminal, dado que se precisa burlar o currículo-norma para propiciar uma outra via.

O garoto com o cavalo puxa mais uma linha, o mapa se estende. A equipe acha bonito essa teia entre cavalo-quintal-cachorro-estrada de chão. “Menino inteligente, pena que não quer estudar”. O que é estudar? O que é currículo? Sinto que esses tensionamentos são necessários para fazer rachar alguns estratos curriculares e potencializar a insuficiência da escola de preto num mundo de branco. A garota mais velha diz que vai casar... já não quer ficar com a mãe. Desejo? Currículo-desejante? Mais uma linha cartografada em outro ponto de intercessão. “Minha irmã mais nova, 13 anos, já mora com o marido e ela é feliz”, diz a jovem. Mais uma estudante cemeviana... performances negras do CEMEV. Tantas linhas... nomadismo. E o garoto? Só quer ficar “de boa” ... “A música in/visível, a crença vista-dita, nos levará, eventualmente, à questão da ponte. (...) o que é autoanálise? ‘a música preta é isto: encontre o eu, então mate-o’ (MOTEN, 2023, p. 117).

Diante disso, um estranhamento em toda equipe que carrega no corpo uma farda e que se propõe pensar políticas educacionais – o que fazer com este currículo que não se vê, não se mensura, não se toca e que está vivo, manifestando-se ali, num lugar em que ninguém sabe qual o nome? *Currículo-nômade*: Nomadismo. Linhas que não param de se produzir e se replicar. Novas bifurcações do currículo-desejante. Personagens negros que performam o fim do mundo: “encontre o eu, então mate-o” personagens que performam rabiscos fora das paredes brancas da escola – os rabiscos a lápis, aqui, estão por toda a parte, riscam o rizoma, a partitura, o texto dissertativo, a estruturação, a gramática. Música preta, imagens em movimento, performances *nômades* da negritude.

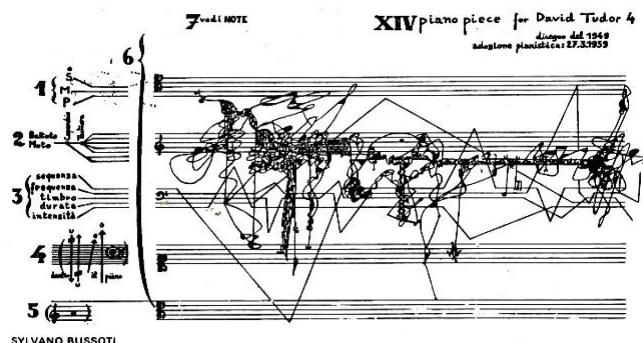


Imagem 1: retirada da internet e exposta em Mil Platôs, vol. 1. De Deleuze e Guattari (2011).

Com base nesses pontos *negroafetivos* mobilizados por meio destas *performances nômade*s que tensionam a normativa escolar, racham a estrutura das disciplinas, desterritorializam horários... Como pensar o CEMEV enquanto instituição a partir do currículo-desejante aqui sensibilizado? Digo, como desinstitucionalizar o CEMEV por meio destas *rotas de fuga*? Arrisco dizer que essa *desinstitucionalização* do CEMEV está sendo experimentada em cada performance negra que produz o currículo-desejante. Outras existências *acontecem*. Outros mundos *acontecem* ou pelo menos o fim deste.

Em suma, a cada jovem negro/a que expande o rizoma por meio de tantas “estradas de chão”, a cada pênis desenhado na cadeira do professor, cada ida ao banheiro como meio de filar aula, cada resenha na fila da merenda e manchas pretas nas paredes brancas, manifestam-se (novos/outros) currículos-desejantes, improvisativos, im/possíveis. Luta antirracista em movimento. O que a escola tem a ver com isso?

II – PERFORMANCES *PROIBIDAS*: EXISTE CAMISINHA PARA O PÊNIS DESENHADO NO BANHEIRO?

Eis o que são as máquinas desejantes ou o sexo não humano: não um, nem mesmo dois, mas *n* sexos. A esquizoanálise é a análise variável dos *n* sexos num sujeito, para além da *representação antropomórfica* que a sociedade lhe impõe e que ele mesmo atribui à sua própria sexualidade. A fórmula esquizoanalítica da revolução desejante será primeiramente esta: a cada um, seus sexos (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 390).

Linhas erotizadas... alguém desenhou um pênis na cadeira da professora com um corretivo branco. Por quê? Imagens sem significados: experimentação. Existe camisinha para o pênis desenhado no banheiro? Currículo-desejante. Junto com a assistente social da educação, *estou* como psicólogo na escola por conta de uma queixa: uma adolescente de 13 anos, negra, grávida e sem saber, segundo a gestão, quem é o pai da criança. Alguns jovens discutem sobre o caso nos corredores... “véi, você não lembra que a professora falou na sala sobre camisinha? Ela até ensinou a abrir e colocar”, diz um amigo para outro. Uma “pane” no sistema normativo curricular. Deve-se falar de sexo, mas como?

No CEMEV, assim como em várias escolas dos anos finais, símbolos sexuais se manifestam nas paredes brancas o tempo todo. Em outra escola, por exemplo, deparo-me com um pênis gigantesco na parede da sala de aula e com assinatura do autor da obra. *Mas*, por que um pênis? Sempre pênis e palavras que denominam ações sexuais – cu, bunda, pau, pica... rabiscos soltos e que se movimentam, invadem as salas de aula do 6º ao 9º, a cozinha, o

banheiro, as portas e janelas, as cadeiras e mesas dos professores e alunos. Dentre esses símbolos, vários nomes de garotos, garotas e garotes... existem também as classificações: gays, lésbicas, puta, gostoso e gostosa, pegador...

Voltando para a garota grávida, primeira personagem aqui mobilizada. Enquanto psicólogo escolar, chego na escola no turno vespertino e deparo-me com o grupo da gestão preocupada: “uma aluna está grávida, me contou ontem e fiquei arrasada, ela só tem 13 anos”. Todas manifestam muita tristeza pela menina e pelo/a bebê. “O que fazer, então?”. Primeiro, torna-se quase um corpo intocável, pois todos/as da escola já sabem... só se fala nisso. “Uma criança caída no chão”, mas num contexto distinto daquele que Thiago Ranniery e Jorge Cassal (2018) acionam. Agora, mais um corpo negro que, segundo a escola, precisa de cuidado. E toda a escola se mobiliza: “Você vai conversar com a menina grávida hoje? Ela precisa de ajuda” questiona a professora.

Estando psicólogo escolar, conheço a jovem. Pouco queria ficar na sala de aula e resistiu muito a algumas rodas de conversa que me propunha fazer. Corpo que vaga... performances negras, currículo-desejante. Performances sexuais/sexualizadas. Mãe solteira, mãe adolescente, mãe preta... marcações perigosas no mundo moderno-colonial. E a escola? O currículo-estrato, quando se trata dos *undercommons* (PINHO, 2014), propõe-se a tentar o aniquilamento iniciado pela concepção ontológica moderna – o sujeito *adesejante*, o sujeito que se conecta com o sexo normativo, ou o sexo da política curricular – e o que fazer com os *undercommons*? O que fazer com o pênis riscado no banheiro sem camisinha? O que fazer com o sexo experimentado entre jovens negros *não-humanos* que não tem direito à proteção? Mais um corpo negro que, segundo a escola, precisa de cuidado. E o que os *undercommons* estão fazendo com a escola?

Ainda em diálogo com Pinho (2014), Harney e Moten, o primeiro destaca sua experiência na cidade baixa de Salvador:

Em uma região de Salvador da Bahia, conhecida como Cidade Baixa, há uma aprazível vizinhança à beira-mar, cercada por comunidades pobres; é a praia da Ribeira. Jovens das redondezas reúnem-se nas noites de domingo para dançar no meio da rua ao som do gênero musical mais popular e odiado da cidade. O pagode. A música do gueto e da favela. (...) A festa é “fugitiva” e ocorre de improviso nas ruas. O som dos carros em alto volume. Adolescentes de ambos os sexos remexem todo o corpo freneticamente. A rua está lotada. A música é muitas vezes sensual, alguns dizem pornográfica. Mas também é a indiscutível “voz do gueto,” que exalta a identidade da favela, denuncia a violência policial e o preconceito. Em intervalos regulares, o carro da polícia dobra silenciosamente a esquina e atravessa a multidão, repentinamente imobilizada. A música cessa. Ninguém mais dança. Até que o carro dobra a esquina novamente e tudo recomeça. Seguimos fantasiando no porão. Juntos, “com e para” os “*undercommons*”. (PINHO, 2014, s/p).

Em Valilândia, nos fins de semana, jovens negros também se reúnem ao redor dos famosos “paredões”. Festa *fugitiva*, performances *proibidas*. A adolescente negra e grávida gosta do “paredão”, a professora negra também. Adultos negros também. No CEMEV, adolescentes negros também remexem todo o corpo, freneticamente. Performances fugitivas. As paredes também comportam riscos *fugitivos* tanto quanto o “pagodão” que toca nos fins de semana. O Currículo-desejante que se movimenta, se modifica e que o estrato tenta conter. E mais uma vez, o que fazer com o sexo experimentado por jovens negros *não-humanos* que não tem direito à proteção? É neste sentido que os *direitos humanos* não são suficientes, se pensados a partir do sujeito transparente (FERREIRA DA SILVA, 2022a).

No CEMEV, a cada caso como esse, vem à tona as lacunas do currículo-estrato e, por sua vez, as experimentações do currículo-desejante. O que resta para a gestão é improvisar... improvisação. Não à toa que as gestoras, a coordenadora, as professoras... mobilizam-se para lidar com este mundo pós-fim. Trata-se, portanto, de sobreviver *desinstitucionalizando* a escola, isto é, o currículo é improvisado/performado por vários corpos: A negritude que performa na gestão, coordenação, salas de aulas, na cozinha e nos banheiros da escola: uma teia mobilizada por todas/os que estão se movimentando para experimentar este currículo-desejante.

Logo, outra personagem se manifesta: “quero falar com o psicólogo”. Desta vez, sem a presença de uma assistente social. Sexualidades disruptivas, transversais. Performances *negroafetivas*. Uma garota de uns 12 anos se envolve numa discussão em sala de aula: “estavam me perturbando porque me viram beijando outra menina”. Currículo-desejante. A escola não pode saber, a família não pode saber, mas por algum motivo, o psicólogo escolar pode e deve saber. O que fazer então? Quando se fala sobre os principais *problemas* da escola hoje, os estudantes do CEMEV costumam sensibilizar o *racismo, a homofobia, o bullying, a violência física em forma de brincadeira...* linhas que se entrelaçam e se movimentam por todas as escolas. Logo, um corpo negro que produz desejo homoafetivo tensiona rachaduras.

E no currículo-desejante, existe gênero? Sim, mas fora dos confins da *identidade*, ou apesar dela. No currículo-desejante, o que resta é a improvisação... tudo está em movimento o tempo todo. Imagens frenéticas, festas *fugitivas*. E mais uma vez, o que fazer com o sexo experimentado por jovens negros *não-humanos* que não tem direito à proteção? Uma garota grita numa roda de conversa: “precisamos fazer algo na escola pra falar da homofobia” ... um rabisco a lápis na sala de aula usa as palavras *gay* e *viado* em tom pejorativo.

Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu, em nota, qualquer forma de patologização da homossexualidade... em 2018, um grupo de *psicólogos cristãos* formam uma chapa para concorrer ao mesmo conselho, visando regulamentar uma espécie de *cura gay*, ou

melhor, a *reversão de sexo em caso de escolha do paciente* (MACÊDO; SÍVORI, 2018). No CEMEV, também existe um tensionamento entre a macropolítica e micropolítica da sexualidade, dado que, ao mesmo tempo em que se torna perigoso falar sobre gênero, garotas são vistas se beijando na escola – escola-rizoma se expandindo por outras vias. Performances *proibidas*. Professores mais conservadores acham um absurdo, sentem um desconforto, em simultâneo há uma performance da coordenação para *despatologizar* o desejo – todo desejo é disruptivo, afinal. Currículo-desejante.

O fato é que, enquanto *acontecimento*, uma jovem abriu a janela da sala de aula e gritou que tinha beijado uma garota na escola e outras pessoas viram. Currículo-desejante o ato de beijar e o ato de falar – experimentação do *signo*, talvez seja essa uma das atividades do psicólogo, acessar os rastros do desejo por meio da linguagem, descer ao ordinário (DAS, 2020). Múltiplas linhas entrelaçadas ao ato de *descrever* um fato, mesmo com as lacunas da linguagem quando se trata da diferença: queremos acionar um inconsciente revolucionário, disruptivo, performático (DELEUZE; GUATTARI, 2010a).

Afinal, o pênis riscado na parede branca tem gênero? Pode se classificar em *significantes e significados*? Performances negras, *proibidas*, negroafetivas. Corpo sem órgãos e órgãos sem corpo... O currículo-desejante em movimento – o desejo é sempre disruptivo, porque a ele nada falta, tudo se cria. Trata-se de uma micropolítica antirracista em movimento no espaço-rizomático do CEMEV.

III – PERFORMANCES EM VERMELHO, PRETO, LARANJA E BRANCO



Imagem 2: Capa do disco *África Brasil* de Jorge Ben (1976).

Linhas rubro-negras e laranjas... você é Flamengo ou América? Todo o município de Valente é impulsionado pelo futebol. Seja em escolas da sede ou do espaço rural, desde os anos iniciais até os anos finais, tratam-se de crianças e adolescentes que respiram futebol. No CEMEV, deve-se tomar cuidado em vestir laranja ou vermelho, pois, segunda a gestão, “a galera de Queimada do Curral pode ficar chateado se você estiver com a camisa do América (Valilândia)”. Linhas que se espalham por todo o município ganhando tonalidades. Os personagens, desta vez, tornam-se uma só teia de relações... currículo-desejante, im/possível, improvisado, transformando todo o espaço escolar num campo lotado de futebol.

Ou melhor, os personagens conceituais que performam este currículo é uma grande massa vermelha, preta, laranja e branca, riscos que saem das quatro linhas do CEMEV. Currículo-mapa colorido: “o pessoal de Valilândia e Queimada do Curral respiram futebol”, dizem. Estrada de chão, camisas nas oficinas, nos quiosques, bandeirão, paredão com o hino do Flamengo de Queimada do Curral entrando em Valilândia: “Você soube que uma senhorinha entrou na briga entre torcedores e caiu na calçada?”. A negritude performando uma copa do mundo ou um fluxo esportivo-desejante.

Durante os intervalos da escola, a bola rola nos espaços *cemevianos*. Linhas que saem das paredes e invadem a terra quente de 10h00min e 15h30min. Alguns não se envolvem tanto quanto outros e dentro da secretaria, a equipe da gestão toma suas próprias preferências: “e o psicólogo torce pra quem? É Flamengo ou América? Para cartografar um espaço em expansão como o CEMEV, tendo em vista suas linhas, cores e (des)formas, torna-se inevitável não se conectar com alguns pontos que se misturam durante os campeonatos de futebol, esporte de preto, performances de preto. Como acionar o futebol a partir de uma ontoepistemologia moderna-colonial se o que está sendo performado dentre as quatro linhas são cenas performáticas da negritude? Desde o Flamengo ao América, nota-se pulsões *negrodesejantes* que tencionam uma escola-rizoma.

A experimentação do currículo-desejante do CEMEV perpassa pelos jogos do campeonato. A cada “baba” ou discussão mais breve nos intervalos, mundos são produzidos e a escola se transforma – currículo-mapa em movimento. O mundo preto do futebol simplesmente *acontece*. Currículo-acontecimento. Borrões de tintas se somam às linhas pretas, a cada movimento de um corpo, criações *negroafetivas*, sejam elas rubro-negras e americanas. Trata-se de um currículo que improvisa futebol – um futebol para além das grandes redes televisivas em que as apostas não passam pelas grandes empresas, mas sim por apaixonados nos bares e bancos de praça.

Em suma, o currículo-desejante permite a experimentação de um mundo para além do que está posto, em que o futebol, enquanto tensão de forças e intensidades, traz consigo uma ancestralidade preta, africana, atlântica. Performances negro-africanas que se manifestam no passado-presente do CEMEV, conectando-se com tantos corpos negrodesejantes que movimentam este rizoma. Logo, o futebol em seu aspecto subversivo, contracultural, que barra o ser transparente do currículo improvisado e que faz com que o corpo negro vista a camisa 10 e alce a bandeira brasileira.

Jorge Ben

Ponta de lança africano (Umbabarauma)

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

Joga bola, joga bola

Corocondô

Joga bola, joga bola

Jogador

Pula, pula, cai, levanta

Sobe, desce, corre, chuta, abre espaço

Vibra e agradece

Olha que a cidade toda ficou vazia

Nessa tarde bonita só pra te ver jogar

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

tererê, tererê, tererê, tererê, tererê homem gol

Tererê, tererê, tererê, tererê, tererê homem gol

essa é a história de Umbabarauma

Um ponta de lance africano (Umbabarauma

homem-gol)

Um ponte de lance decidido (Umbabarauma

homem-gol)

Umbabarauma (Umbabarauma homem-gol)

Um-baba-rara-mama-ê

(Umbabarauma homem-gol) mama-ma, baba-

rara-uma

(Umbabarauma homem-gol) mama-ê-ma

(Umbabarauma homem-gol) ô, baba-rara-uma-

maema

(Umbabarauma homem-gol) um-babarauma-

maema

(Umbabarauma homem-gol) Umbabarauma

No CEMEV, todo jogador é Umbabarauma, Pelé ou Sócrates. Em todo jogo, um corpo preto lança mão de cenas performáticas que potencializam o currículo-desejante. Destarte, dialogando com Sodré (2019), todo corpo negro, neste caso, no futebol Valentense/cemeviano, aciona a sua *arkhé*, tendo em vista que a origem do futebol jogado no CEMEV não é na Inglaterra, e sim no atlântico, nos terreiros, no samba... no pátio, na praça, no ginásio ao lado do CEMEV. Trata-se de um currículo improvisado pela negritude *cemeviana* que puxam suas rotas de fuga para os campos, as quadras e a rua.

O CEMEV, portanto, *torna-se* um imenso campo, um terreiro de samba e futebol. Uma linha cheia de curvas e que o expande até o continente-mãe: mãe do futebol e da cultura negra. Em resumo, a performance da negritude *cemeviana* conecta-se com o balanço do corpo preto africano – um terreiro em cada espaço expandido do CEMEV. Currículo-quilombo inerente ao chão sem calçamento, a praça, os rabiscos, as camisas vermelhas, laranjas, pretas e brancas, as

cercas, as plantações e a caatinga. Currículo-quilombo do futebol. Brasil-África cantado por Jorge Bem e por toda a torcida flamenguista e americana.

Currículo-negro-desejante experimentado, reinventado, movimentado, performático. Cheio de borrões. Diferença preta em movimento: algo escapou? Diferiu? Desceu como o suor do camisa 10 e alimentou a terra. Linhas rubro-negras, laranjas e brancas. É possível cartografar as linhas do currículo-desejante e no CEMEV, cada rabisco, uma cor: “Vem cá, psicólogo, afinal, você é Flamengo ou América”? África Brasil (Zumbi).

IV – PERFORMANCES DE CUIDADO: “EU TAMBÉM ESTOU SURTANDO, O QUE DEVO FAZER?”

No currículo-norma, um conceito ganhou notoriedade no passado-presente: o socioemocional. Conceito produzido por cartilhas base da BNCC e que vem sendo preenchido ainda mais pelo contexto pandêmico, cujo índice de manifestações de sofrimento psíquico aumentou (e continua aumentando) na escola. Estudantes que se cortam, gritam, choram, surtam... e que simplesmente se calam. Linhas que não passam despercebidas por uma cartografia *operada* por um personagem-psicólogo. No CEMEV, como em qualquer outra escola *pós-pandêmica*, um profissional de saúde mental chega como uma espécie de super-herói, cujo mal é o adoecimento emocional que se manifesta na escola e as professoras se dizem mal preparadas para lidar com essas situações: “afinal, também estamos surtando”, afirma uma professora.

Contudo, performances negras tendem a se manifestar criando novas linhas... linhas de cuidado e que não se qualificam como o que se *representou* a partir desta palavra. Pode existir uma *representação* do que é cuidado? O cuidado é improvisado. Existe uma improvisação do cuidado nos corredores, nos pátios, nas salas de aula. Uma garota negra numa sala de 6º ano que tira da mochila uma lâmina e começa a cortar os pulsos... a professora percebe e os colegas também... a turma toda entra em pânico... o psicólogo não está... a diretora tira a garota da sala de aula e leva para um lugar mais reservado enquanto a professora tenta lidar com os estudantes em pânico... sozinhas, a diretora fecha a porta e... abraça a garota. Dali, uma conversa se expande até que o psicólogo esteja por perto para mediar o conflito. Improvisação do cuidado.

Currículo-desejante? O desejo corta? O que produz um corte? Um corte no pulso, na barriga, nas pernas... o que um corte produz na escola? Currículo-desejante? Manifesta-se a improvisação do cuidado – o cuidado que não cabe na *representação* dos livros didáticos porque surge como *acontecimento*. O cuidado aconteceu. Outras linhas acabaram de ser produzidas. O que produz um corte no pulso? A estudante mostra todos os cortes que têm ao longo do corpo

negro. Corpo negro. Currículo-corpo. Para o desejo nada falta, dado as múltiplas existências que foram produzidas a partir destes cortes. O que fazer, portanto, com este currículo-corpo? Falar de saúde mental? Campanha do setembro amarelo? Elaborar folhetos sobre os riscos da automutilação na adolescência?

Em suma, o que fazer quando a representação da dor esmaga a produção desejante? Ou quando o corte, a dor, a angústia, é esmagada por uma noção eurocêntrica de saúde/doença? No currículo-desejante produzido por esta performance, o desejo cria rotas de fuga e tenciona um outro modo de fazer escola... tenciona uma outra forma de cuidar. “Mas, psicólogo, não sabemos o que fazer”, relata a diretora que improvisou o cuidado, que produziu linhas desejantes. O currículo é o tempo todo improvisado na escola – o CEMEV como um espaço de improvisação. *Cartografia: exercício de mapear esse espaço aberto, essas experimentações*. Por isso, a cartografia só acontece a partir de um mundo não-colonial, entre corpos *não-humanos*. Esses cortes também estão nas paredes da escola? Onde estão todas essas linhas de dor e angústia?

Neste cenário, a garota não fala muito. Mas o silêncio produz um cuidado performativo. A escola mudou, se expandiu. No CEMEV, alguns adolescentes se cortam. Desejos estão sendo produzidos. O desejo sempre fora de quaisquer linhas de análise moral. O que fazer quando alguém se corta mesmo sem querer tirar a própria vida? A dor está no corpo preto? O grito de tia Hester presente nas narrativas de Frederick Douglass (2021) vem do corpo. Há uma produção desejante a cada açoitado, a cada sangramento. Douglass sente afeto, um *negroafeto*, afeto doloroso, angustiante, cortante – desejo. O currículo-desejante se manifesta por meio desses gritos, o corte como uma performance para tensionar o fim deste mundo branco. O corte como uma performance para criar rotas de fuga para um mundo negro em que a diretora produza cuidado.

O que fazer, então? As professoras ficam desesperadas quando *estão* lidando com um cuidado *representado*, eurocentrado: “não posso ficar abraçando todo aluno que grita ou surta”, “não posso ficar absorvendo tudo”, “não consigo cuidar de todo mundo, tenho conteúdo pra dar...”. O currículo-desejante está sendo experimentado a partir da improvisação desses múltiplos corpos no pátio da escola, em situações nas quais linhas desejantes conectam dois corpos *não-humanos*. Trata-se de um desejo fora do campo da representação antropomórfica. Diante de um possível diálogo entre Deleuze/Guattari, Fanon e os personagens negros do CEMEV, saliento que se trata de um cuidado que vem do *não-lugar*, *por meio do nada*, *do não-ser*, portanto um cuidado *não-humano*. Por isso, experimentado por várias nuances.

Em outros termos, o cuidado também foi classificado por meio da concepção do *ser transparente* (FERREIRA DA SILVA, 2022a), mas no CEMEV, tratam-se de não-humanos turvos, em preto, riscados, borrados. Um corpo sem órgãos. Desorganizados. A garota continuou indo para a escola depois desta situação... permitiu-se mostrar os cortes para a diretora, pois algo *aconteceu* depois dos cortes – uma linha de fuga foi puxada, mobilizada, sensibilizada, assim como os pontos de intercessão surgiram a partir disso. O corte no pulso, em plena sala de aula, criou dentre tantas linhas, uma até os órgãos de cuidado em saúde mental. A escola que se estende ao CAPS. “Corpos em movimento, universo em expansão”, canta o Engenheiros do Hawaii (2000). Cartografias de um (ou vários) currículo-desejante *cemeviano*.

V – PERFORMANCES DE UM PERSONAGEM-PSICÓLOGO CEMEVIANO

Mais um personagem inerente ao espaço-rizoma do CEMEV. Um personagem que vaga, flutua, desdobra-se em várias linhas de força e intensidades distintas. Digo, um personagem que mobiliza o currículo-desejante a seu modo e que na lógica *representacional* do currículo-norma, torna-se figura de cuidado. Mas o que resta? O que escapou? O que significa estar psicólogo escolar num espaço como o CEMEV? Ou um psicólogo *cemeviano*? Outras várias linhas estão sendo produzidas a partir do momento que outro corpo-acontecimento é criado. Para o psicólogo existir, torna-se necessário improvisar, performar, dado que o cuidado do CEMEV se mobiliza a partir do diferimento – e, portanto, escapa às políticas de apoio psicossocial da educação.

Dentre tantos personagens (estudantes, professoras, diretoras, bailarinas, árvores e ônibus escolar), surge um até então estranho ao plano. O CEMEV foi quem primeiro puxou a linha por meio deste corpo que vaga... e assim, algo foi criado. Um grupo de professoras, neste contexto, buscando tencionar um cuidado para além da sala de aula ou flertando com palavras sensibilizadas a partir deste corpo-psicólogo. *Acontecimento*: “chama o psicólogo... pode ficar com a minha aula... fala sobre ansiedade, suicídio... ou como se organizar nos estudos”. Trata-se de mobilizar palavras que são criadas pelo currículo, mas improvisadas de outro modo... de algum modo.

Neste cenário, a pergunta sobre saúde e doença mental torna-se frequente. O que é saúde ou doença, afinal? Se a escola é *neurótica* por si (faça isso, faça aquilo, chegue no horário, se forme, estude, durma cedo, não passe do horário, vá pra casa, volte amanhã, sente-se, levante-se...), é, também, *esquizo* (tudo se mistura, tudo acontece...), logo, linhas de um mesmo ponto que produz tantos outros. O que faz o psicólogo escolar, neste caso, se a doença não pode ser vista? Se o sofrimento faz parte de todo este rizoma? Diz-se, portanto, que no CEMEV o

psicólogo pode tentar *acolher*, realizar uma escuta sensível, qualificada e, quando necessário, encaminhar a um serviço de saúde (CAPS, CRAS, CREAS...).

Currículo-desejante? Estando psicólogo, noto uma teia de estudantes negros que sonham, buscam meios para expandir o CEMEV ao mundo – digital ou físico. Estudantes que estão jogadores de futebol, professores, filam aula, quebram janelas, são líderes de sindicatos e movimentos estudantis, que querem conversar, estudantes que choram quando chega ao 9º ano e precisa traçar uma linha até a escola estadual. Mais rabiscos nas paredes, re-existências se espalhando por todos os lugares... por todos os buracos. Sem diagnóstico, a escola é esquizo... destrói, reconstrói, modifica-se, re-existe, recria-se. O currículo-desejante produz o psicólogo escolar por meio de tantas linhas: afinal, existe psicólogo escolar no CEMEV por uma linha (desejante) que foi produzida... de sofrimento, amor e subversão. Esquizo-escola.

E assim como todos os personagens, há um *q* de representação. Espera-se das políticas curriculares uma transformação destas linhas de cuidado em *dados* e dos alunos em números... mesmo que os personagens já não sejam mais os mesmos... *vir-a-ser*. “O que aconteceu hoje na escola?”, “Você *atendeu* quem?” – Não se trata de atender... e sim de produzir linhas. A quem o psicólogo produziu e por quem foi produzido? Por quantos corpos? Por quantas lágrimas, risadas, tensões? A pergunta é: qual o *acontecimento cemeviano* produziu este corpo que se chama de psicólogo (e em outro momento torna-se outra coisa)? E qual o destruiu?

Nesta perspectiva, esta teia *cemeviana* estende-se por toda a parte. O psicólogo é acionado por toda a parte – linhas exaustivas. Estudantes, professoras, família, gestão, secretaria de educação... personagens de um CEMEV em caos. *Caosmose*. Digo, o caos que movimenta o CEMEV, tornando-o máquina desejante. Através dessas improvisações, *acontecem* os campeonatos, as apresentações de teatro, as fotografias, os concursos de desenhos, as danças, as lutas... onde está o grêmio estudantil? Em qual movimento? Produzindo o quê? O grêmio *não-localizável*? Vale o destaque, o grêmio estudantil do CEMEV encontra-se desativado, justamente por conta da sua dispersão em várias linhas... o grêmio não se localiza por *estar* em linhas.

E agora, um psicólogo perdido no tempo-espaço cemeviano? “Mas psicólogo lida com o desejo também”, dizem. No entanto, até o desejo é colocado à prova, à norma e destoa do currículo-desejante do CEMEV. Isto é, o desejo anti-édipiano, como aponta Deleuze e Guattari (2010a). O próprio personagem psicólogo não se localiza pois *estar* em linhas, assim como a gestão que produz cuidado, aulas, linhas e pênis nas paredes... O que existem são planos, conceitos e personagens que produzem esses conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010b), ou melhor, que *estão-sendo* esses conceitos. O psicólogo escolar, deste modo, conecta-se com

outros conceitos, isto é, estrada de chão, estrada de terra, motor de sisal, cortes em pulsos, corpos desejanter, cuidado... diferença em si mesma.

Assim, o que resta aos personagens senão deixar viver... ou morrer? Quais *estão* sendo as próximas linhas puxadas, tensionadas, criadas em torno do CEMEV em expansão? O que uma escrita im/possível produz neste espaço? E como a pesquisa *estar sendo* produzida? Com quais personagens, conceitos, planos? Pesquisa im/possível. Psicólogo-pesquisador, como assim?

Em suma, trata-se de mais um ponto de intercessão... psicólogo escolar, professoras, gestoras, estudantes, borrões nas paredes, porteiro, riscos a lápis, *zoeira* no corredor, times de futebol, lágrimas e corpos cortados, automutilados, cheios de luz... Saúde e doença mental em metamorfose, em linhas, em rizoma. Assim, mais personagens produzidos por um (ou vários) currículo-desejante, im/possível. Improvisa-se um currículo, uma luta antirracista, rachaduras nas paredes brancas do *modo operandi* moderno. Puxam-se linhas, linhas pretas, borradas, improvisadas, performáticas. Quais serão os outros personagens que *estão sendo* criados pelo CEMEV? O que *estar* por vir? Quais linhas, pontos, riscos e borrões? *Currículo-mapa* em movimento, o CEMEV em expansão.

3.4. RASTROS CARTOGRÁFICOS: NOTAS SOBRE A DIFERENÇA PRETA CEMEVIANA

Uma linha foi produzida na parede branca: uma só? Como saber se só há uma linha, um risco, um ponto? Como saber que *aquilo é*, de fato, um círculo? Por que não um quadrado, retângulo ou uma nova forma fora do limite geométrico? Talvez uma antiforma ou uma desformação. E se *não-for*, então um *não-ser*? O rabisco produz algo... um fluxo *negrodesejante*. Risco preto que por si só já contesta a tese do ser transparente (FERREIRA DA SILVA, 2022a). Borrado, escrachado, sujo... Diferença em si mesma. Logo, um platô que mobiliza a encenação performática da diferença, diferença preta *cemeviana*.

Uma figura que preexiste “ao presente que passa e fazendo passar todo presente” (DELEUZE, 2021, p. 140). Se nas paredes, as pistas de um currículo-desejante se manifestam por meio dos borrões, aqui na escrita, aciono-o por meio da palavra, fazendo um movimento que Veena Das (2020) sinaliza como uma descida ao ordinário. Uma palavra borrada, *improvisação*. A improvisação da negritude que marca as paredes e sinaliza para um currículo-desejante recriado no CEMEV, uma performance da diferença preta na escrita.

Uma cartografia, deste modo, enquanto experimentação metodológica, se faz na medida em que a pesquisa existe – uma cartografia coexistente ao CEMEV. Portanto, uma escrita-

cartográfica-performática, especulativa e ficcional, tendo em vista que sua experimentação se manifesta como um novo meio que passou a existir a partir de outras conexões. O sempre-meio cemeviano que produz em seu plano um currículo-desejante, improvisado, *dançante*. Assumindo a diferença enquanto o que escorreu – o que desestruturou o plano de ensino, o projeto de vida, o currículo-norma, a BNCC, o regimento escolar... impossibilitou um corpo orgânico (organizado).

O CEMEV opera como um rizoma, assim como a estrada de chão, o universo, a horta no “quintal da escola”, os rabiscos, a vida, os times de futebol valentense, o humano e o não-humano (o equívoco do humano é a sua constante tentativa de conter a diferença através da representação, dado que o *não-ser* da negritude é o que escapou do representativo e, por isso, se manifesta como não-humano). Cenas de um currículo-mapa cemeviano, performances do currículo-desejante.

Em 2022, o filme de Daniel Kwan e Daniel Scheinert (2022), “*tudo em todo lugar ao mesmo tempo*” assume o rizoma: desorganiza o filme, o enredo, os personagens – tudo que existe no mundo e no mesmo tempo-espiral, encontra-se em movimento e expansão, desorganificados, desorganizados: dedos de salsicha e olhos espalhados por todos os lugares, em todos os buracos... contas para pagar e multiversos que fazem o passado e o presente coexistirem ao mesmo tempo. Por isso, o mapa se reconstrói constantemente – uma produção cartográfica é inerente à movimentação da diferença – uma diferença preta, então, em seu estado não-representativo, afirmativo, criador, exige assumir que um método cartográfico é sempre especulativo e experimental.

A improvisação, aqui, im/possibilita esse encenar performático da diferença. Improvisação em rabiscos, borrrrrrrrrrões (sic) in/traduzíveis (MOTEN, 2023). Os rastros dessas improvisações estão espalhados pelo espaço físico cemeviano: perto do portão principal, tem um nome rasurado, borrado, processos de subjetivação que desorganizam o sujeito moderno-colonial e produz outra coisa – diferença.

Vasculhando sobre diferença no YouTube, mobilizado pelas inquietações produzidas por Deleuze e Guattari, mas também por uma estética radical preta e pela negritude do CEMEV, encontro uma fala de Thiago Rodeghiero (2020) sobre diferença, em que o mesmo dispõe de três pontos para acioná-la e, por fim, mobilizar a cartografia como método de pesquisa: O primeiro ponto, a destruição de um *eu-pensante* na pesquisa, a partir de uma ética dos devires; segundo, uma busca constante por novos territórios existenciais, sensibilizando o nomadismo e; terceiro, uma reorganização do campo social através da diferença.

No entanto, tendo em vista que todo modo de acionar a diferença expõe uma dimensão especulativa/ficcional, inerente à improvisação da negritude do CEMEV, enceno uma pesquisa em que se conecta com esses três pontos a partir das produções estético-políticas da negritude do CEMEV. Digo, ainda em contato com Denise Ferreira da Silva (2022a) que as rasuras nas paredes brancas turvam a imagem do ser da transparência, o *homo modernus*, fazendo experimentar um corpo/pensamento sem imagem, pênis sem corpo, nomes sem donos, diferença em movimento.

NOTA I – O *EU-PENSANTE* SE PERDEU NAS PAREDES PRETAS DO CEMEV...

A figura humana parte de um exercício de representação: o que é o humano? *O humano é...* este é o primeiro exercício para responder a esta pergunta. O humano é alguma coisa, portanto. Coisa representada: o humano é um ser vivo com braços, pernas, telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor (FURTADO, 1989). Partindo dessa perspectiva, cada órgão que constitui esse humano ocupa um lugar (em extensão) e tem para si uma função.

Assim, um ser vivo organizado, perfeito. Ademais, este mesmo ser humano é representado, em imagem, com características específicas – pacífico, a imagem e semelhança de Deus, dotado de conhecimento e subjetividade. Não à toa que na psicologia, há uma ampla discussão sobre *o que é* a subjetividade, por ora, também representada – o que constitui o sujeito em particularidades. Subjetividade, neste sentido, é inerente à própria concepção de identidade. *Sou isto ou aquilo... gosto de música, filmes, futebol, novelas...* Em suma, a representação humana possibilita essa resposta acerca do “*quem sou eu?*”.

Nesta perspectiva, a escola, instituição que se propõe *formar* o sujeito, torna-se um espaço privilegiado para o estudo e consolidação de teorias sobre a identidade dos sujeitos: O que esses desenhos *representam*? O que eles apontam acerca da *representação* humana? Quais interpretações possíveis para essas representações? Questões que preconizam buscar um “significado verdadeiro” para as produções humanas. Em suma, ao acionar a diferença como *meio*, isto é, enquanto uma dimensão que escapa à representação, como então, acioná-la?

Com isso, através da improvisação da negritude do CEMEV, tendo em vista sua dimensão especulativa e não-representacional, nota-se uma espécie de rasura ou até desconstrução do humano tal qual é posto pelo discurso moderno-colonial. Ou melhor, mobilizando os rastros da diferença, por meio da improvisação preta radical do CEMEV, o *eu-pensante* está sendo comumente colocado a prova por um movimento inerente às performances – ao produzir traços sem formas e significados, a negritude *cemeviana* produz um espaço em que todo corpo que se encontra nele experimenta uma atividade não-humana que atesta a impossibilidade de representar.

Deste modo, se o *não-ser* produzindo um currículo-desejante e deixando rastros por meio de rasuras e borrões, sendo um *não-ser* não-representável, nota-se, portanto, que esses mesmos borrões produzem uma existência em que o próprio ato de representar torna-se inviável – ou simplesmente deixa de existir, restando o caos. Sem a representação, tentativa de conter a diferença em categorias restritas a um espaço imaginário ou real, não existe definições preexistentes e então tudo pode produzir qualquer território. Um mundo *queer*, desejante, cuja vida se re(des)organiza constantemente, um mundo monstro: sem gênero, sexualidade, raça ou etnia previamente estabelecida.

A improvisação da negritude no CEMEV, deste modo, permite uma experimentação desse mundo-caos, sem pontos fixos, justamente por abrir mão da representação de um *eu-pensante* e, conseqüentemente, assumindo uma perspectiva em que a linguagem sai de cena ou é utilizada como um recurso a ser experimentada sempre rasurada. Em outras palavras, os rabiscos *cemevianos* explicitam pistas de acessar/criar outros mundos para além do moderno-colonial, em que os corpos que nele habitam não precisam se adequar a um ideal brancocêntrico de humanidade.

Em outras palavras, os personagens conceituais produzidos pelo CEMEV, desde suas performances nas estradas de chão que tencionam linhas entre o CEMEV e o motor de sisal até às linhas performáticas nos campos de futebol de Valilândia, produzem um caos que coloca o *eu-pensante* para rachar. Umbabarauma e os diversos gols nos campos Society e quadras de Valilândia encenam um caos, cujo futebol *torna-se* experimentação, ebulição, fluxo desejante. Deste modo, tenciona-se uma outra espécie, um *não-humano* fora do crivo moderno-colonial do conhecimento.

Digo, linhas que estão sempre *meio*, ou melhor, no interior de um rizoma – nos corpos, nas paredes, nas estradas, nas linhas que separam um campo. Cultura colocada a prova, performances da negritude. Como sustentar, neste cenário, um *ser pensante*, dado que as improvisações performáticas do CEMEV desorganizam o mundo e promovem seu fim? Como sustentar um *ser pensante* se a possibilidade de *ser* não existe? E nem precisa existir, tendo em vista que o mundo moderno faz do futebol, da sexualidade, do cuidado, do gênero, da cor, etnia, rabiscos e borrões uma só estrutura, universalizada, eurocentrada.

No CEMEV, com seus próprios conceitos e personagens, o mundo experimentado é im/possível, in/visível, in/traduzível, pois se trata de outros movimentos – uma teia *entre-tecida* por fluxos não-humanos. O que vem do *nada*? Currículo-desejante. O *eu-pensante* se perdeu nas paredes pretas do CEMEV... rachou, rasurou. Os borrões acabaram com toda a luz, com toda a iluminação que a filosofia moderna-colonial propôs para o avanço da razão.

O que dizer dos cortes que alimentam a horta do quintal *cemeviano* com sangue e dor? Como a angústia e o sofrimento tencionam um mundo antirracista? Um currículo im/possível? Turva-se o *ser transparente*, torna-o preto, vermelho... e de outras cores. Digo, se as tentativas da ciência moderna em produzir um humano perfeito, iluminado, racional *funcionou*... logo a dor torna-se *não-humana* e produz mundos *não-humanos*... o desejo faz sangrar, faz sujar a parede branca, assim como traça linhas para a necessidade de experimentar um mundo outro, uma escola outra, um currículo outro. Improvisações *negroafetivas* em meio ao sufocamento produzido pela norma e por políticas curriculares que visam manter o ser transparente, branco, normativo, eurocentrado.

Esse turvamento do *ser transparente* produz tensão... a escola se mobiliza, o currículo-mapa se expande. As normativas escolares racham, tendo em vista que se trata de *outro* movimento – os borrões das paredes brancas também falam de dor e luz e negritude e performances e estratégias de sobrevivência e re-existências... O ser pensante, transparente, organizado, rachou... rasurou... assim como as paredes brancas *cemevianas*. Os riscos já estão lá... *estar sendo, vir-a-ser*. São quilombos... quilombos.

Deste modo, a subjetividade colocada em transparência por um currículo normativo entra em crise, dado que o seu principal pilar, a representação, torna-se insuficiente nesta caosmose produzida pela diferença preta *cemeviana*. A improvisação, portanto, encena um mundo negro não-representativo, uma possibilidade de vida no *nada* (MOTEN, 2021) através da destruição do *ego*. A negritude *cemeviana* deseja... desejo produz mundos e novas existências. Desejo é movimento. Logo, uma primeira nota (musical, visual, cosmopoética e cosmopolítica) da diferença condiz com essa destruição do *eu* a partir da improvisação *cemeviana* de novos modos de existir no mundo.

NOTA 2: OS RABISCOS IMPROVISADOS NAS PAREDES BRANCAS DO CEMEV SÃO LINHAS NÔMADES E FAZEM DO CEMEV UM PLANO SEMPRE EM EXPANSÃO.

Lugar nenhum	
Titãs	Não sou de São Paulo
	Não sou japonês
Não sou brasileiro	Não sou carioca
Não sou estrangeiro	Não sou português
Não sou brasileiro	Não sou de Brasília
Não sou estrangeiro	Não sou do Brasil
Não sou de nenhum lugar	Nenhuma pátria me pariu
Sou de lugar nenhum	
Não sou de nenhum lugar	Eu não tô nem aí, eu não tô nem aqui
Sou de lugar nenhum	Eu não tô nem aí, eu não tô nem aqui

Composição: Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer, Sérgio Brito, Charles Gavin e Tony Belloto.

A improvisação *cemeviana* nos convida a (outros) territórios físico, existenciais, políticos, estéticos e imaginativos. Assim, uma produção nômade e que se realiza no *por vir*, isto é, um meio para se perceber em *lugar algum*, um povo-meio, sem conexão com início ou fim. São as linhas que se movimentam para lugar algum e para descobrir o mundo negro em transformação. Em suma, um convite para criar um mundo que se sustenta na sua própria metamorfose, vida nômade, desterritorializada.

Os personagens conceituais do CEMEV são nômades, criam suas próprias estradas entre a caatinga valentense, entre-tecendo suas próprias linhas, seus próprios mapas e produzindo suas próprias estratégias para a desinstitucionalizar a escola. Nomadismo. Corpos sem órgãos performando um mundo *de chão de terra*. O “chão da escola” entrelaçado com o “chão da estrada” ... é a mesma escola? Escola nômade, sim! O que é ver, sentir, estudar, gozar, riscar uma escola? *Estou* pátio, merenda, fila, banheiro... corpo nômade... devir-intenso, devir-animal... devir-escola (DELEUZE; GUATTARI, 2012b).

Os filhos de uma mesma mãe negra, solteira e que falta as reuniões escolares estão nômades, assim como o próximo irmão que vaga pelas estradas de chão a cavalo. No CEMEV, vários personagens são (re)criados constantemente... “você viu aquele rapaz do 7º ano, não vem pra escola porque diz que está doente..., mas anda de moto o dia todo”, dizem. Currículo-desejante em cavalos mecânicos. Busca ativa escolar, políticas curriculares, “chama a assistente social e o psicólogo. Onde estão?”, perguntam. Transgressões nos banheiros, na portaria... “uma aluna da escola fugiu em horário de aula com o namorado”, dizem. Improvisações *proibidas*, nomadismo e a impossibilidade de manter a escola dentro dos seus próprios muros físicos. O currículo-desejante dança... performances que não param de pular, vagar, gozar... pulsar.

Qual o lugar do currículo? Como saber? O que fazer? O que resta são os seus rastros, suas linhas sempre pretas. Pretitude. O fato é que as raízes também são *meio*, por isso estão por todo o território existencial valentense. Um grande meio sendo entre-tecido. Um grande mapa sendo cartografado – a cartografia precisa ser nômade e, por si, produz outras linhas do *mapa*. Os personagens conceituais produzem a im/possibilidade de cartografar... experimentações nômades, portanto.

Neste cenário, um psicólogo-pesquisador, o que faz? Deseja. Todo personagem é negro e esta é a condição de cartografar linhas nômades... o motor de sisal precisa ser nômade. “rapaz, estudo a tarde porque acordo às 3h da manhã para trabalhar no motor, chego com fome”, dizem os jovens negros do CEMEV vespertino. Escuta qualificada, flutuante... ou produção do que é,

de fato, escutar, ver, sentir, gozar? Aciono, portanto, jovens negros que veem a escola como uma extensão do que já produzem no *aqui e agora*, nas suas próprias re-existências, e não como um espaço “para o futuro”, um espaço redesenhado pela BNCC do “projeto de vida”. “E esse ano tem SABE/SAEB, os meninos não estão nem aí”, dizem as gestoras... que dizem a coordenação do município... que dizem as secretarias do Estado.

Improvisações *negroafetivas* de todos/as esses/as personagens. Ou melhor, corpos em mutação para sobreviver e *burlar* a norma – relação criminal. “Mais IDEB significa mais dinheiro... e precisamos de dinheiro”, dizem. A relação com a escola é sempre criminal (PINHO, 2014), improvisações *negroafetivas*. “chama o psicólogo para fazer *oficina socioemocional para o SABE/SAEB*”.

Se a condição para existir no mundo moderno-colonial é imposta pelo próprio colonialismo, o que resta então é burlar, rachar, rasurar, performar o fim do mundo por meio de linhas subversivas... sejam em estradas de chão de Valilândia ou nas paredes brancas do CEMEV. Nesta perspectiva, sabendo da insuficiência do discurso representacional, faz-se necessário improvisar um existir operado por afetos. O afeto é nômade e os traços são pistas desse afeto – currículo-desejante.

Vale destacar que, assim como a concepção de humano, o afeto tem sua própria *representação* baseada na norma, tem as suas próprias correntes moderno-coloniais: o afeto enquanto um modo de cuidado, carinho, ternura, doçura, respeito... um afeto cristão, cuja organização se baseia numa representação moral baseada no dualismo *bem e mal*. Logo, um afeto sempre bom, sem cortes, sem sangue, afeto branco... a boa mãe é aquela que fica em casa para cuidar dos filhos, o pai, àquele que sustenta a casa. Homem e mulher, papai e mamãe, complexo de Édipo.

Por isso, o complexo de Édipo freudiano, baseado numa representação de afeto, sempre leva a um só ponto (sempre uma representação social de pai castrador e mãe que protege) (DELEUZE; GUATTARI, 2010a). Aqui, existe uma representação moral de afeto, bem e mal, amor e ódio. No entanto, tendo em vista um afeto nômade e que se distribui em (novos) territórios *cemevianos*, o mesmo passa a se manifestar enquanto intensidade que produz mundos e modos de existir. Afeto é dor, amor, prazer, gozo, tristeza, luto, toque, sexo... mas um amor sem órgãos, um sexo anti-édipiano, um (vários) gozo sem significado. Um afeto que rasura a representação por meio das linhas *cemevianas*, um afeto colocado à prova pelos seus personagens conceituais.

A improvisação da negritude no CEMEV, nesta perspectiva, é o próprio afeto em metamorfose, pois sempre que se conecta com outros corpos, produz uma desorganização, uma

nova estrada a ser explorada, uma *pulsão nômade*. Com isso, escapa de qualquer interpretação e existe em experimentação, um lançar-se no mundo, estando aberto a ele. A negritude *per si*, existe enquanto produção afetiva, desejante, inorgânica e, por isso mesmo, produz um currículo nômade. A mãe negra, solteira, *cemeviana* e que mora em alguma dessas bifurcações produz um afeto preto – um afeto com barulho de motor de sisal e cachorro latindo.

No CEMEV, o nômade é um personagem conceitual. Logo, existe enquanto processo de subjetivação, um empurrão em direção ao nada que está sempre à frente. Cada rabisco tensiona uma norma já estabelecida e produz outra coisa... um *isto*. É, ao mesmo tempo, um rastro do currículo-desejante e um novo currículo-desejante... um rastro de diferença preta e uma nova manifestação da diferença preta.

A improvisação da negritude opera em seu nomadismo. Cria um outro modo de existir, afeto sendo tudo em todo lugar ao mesmo tempo, desejante, fluido. A pergunta, portanto, é: o que pode um corpo negroafetivo? Qual escola está sendo produzida pelo afeto? O que existe para além do afeto? Além disso, o território que está sendo produzido é sempre novo, pois, na medida em que se percebe no presente, o corpo já se movimenta para um outro lugar e um outro tempo. Ou seja, nota-se nas paredes do CEMEV, imagens em desterritorialização e reterritorialização... e a negritude produzindo novos territórios.

Neste contexto, territórios que coexistem às movimentações da negritude só podem ser acionados na escrita se produzidos a partir de uma performance: um território desinstitucionalizado em que os corpos (*não-humanos*) se conectam livremente, sem classes, linhas, muros, sem Estado... o intervalo da escola é *nômade*: fisicamente, o CEMEV é composto por um pátio grande que, por sua vez, é constituído por salas de aula. As portas das salas ficam direcionadas uma de frente para outra e a direção fica, também neste espaço. A biblioteca, a sala de psicopedagogia, a sala de digitação, a sala dos professores... acopladas num mesmo *departamento*.

Este espaço fica no centro de um terreno com poucas árvores e um outro espaço, este de convivência, com algumas mesas e banheiros, próximo da cozinha. Durante os horários de aula, todo o espaço fica vazio, com exceção das salas de aula. Os rabiscos continuam lá dentro e fora da sala, denunciando o que *acontece* no intervalo da escola e nos horários vagos. No intervalo da escola, tudo se mistura... séries, conteúdos, disciplinas, hora de ir ao banheiro, nada disso existe. Os borrões nas paredes ganham novos *acoplamentos*, afetos nômades. Qual território *está sendo* produzido no intervalo da escola? E qual território *está sendo* produzido em sala de aula, mesmo com as portas fechadas e os pedidos de silêncio?

Segunda nota da diferença, ainda visual, auditiva, experimental. Agora, partindo do afeto inerente as improvisações performáticas da negritude, tenciona-se experimentação de territórios. Nomadismo. O que esperar dos afetos que *estão sendo* produzidos por quem *não-é* e que continua re-existindo?

NOTA 3: OS RABISCOS IMPROVISADOS POSSIBILITAM RE-EXISTÊNCIAS A PARTIR DE UMA REORGANIZAÇÃO (OU UM TENSIONAMENTO) DO MUNDO.

Como essas novas territorialidades *estão* operando no/através do CEMEV? Início com uma pergunta, pois, diante dessas artimanhas especulativas da diferença, territórios são produzidos e algo novo se manifesta. Como mobilizar, portanto, o *não-ser* operando outros mundos? O CEMEV se expande por todo território *negroafetivo* de Valilândia, distrito de Valente que possibilita novos modos de existir no mundo. O território físico, geográfico e político de Valilândia é, nesta via, o plano de imanência para que o CEMEV se manifeste enquanto um personagem – e em sua multiplicidade, ramificações se produzam.

Destarte, em sua macroexistência, Valilândia é considerado um dos distritos do espaço rural de Valente-BA mais povoado e, conseqüentemente, com maior número de alunos. O CEMEV é a terceira maior escola do município, ficando atrás, quantitativamente, de duas escolas da sede. Também, é um local muito conhecido por seu envolvimento nos campeonatos de futebol do município – no campeonato valentense, o América de Valilândia é um dos times mais tradicionais.

Ademais, a micropolítica do CEMEV é rizomática. O território existencial cemeviano, reterritorializado constantemente, tensiona a estrutura e a norma. Assim, a diferença preta se manifesta nos espaços que vão sendo entre-tecidos e, conseqüentemente, as territorialidades coexistem com esse jogo estético-político de transformação social. O espaço físico de Valilândia se transforma na medida em que o rizoma *cemeviano* se expande em existência – os rabiscos chegaram na quadra e no espaço de associação dos moradores. Os rastros de fuga produzem quilombos para além dos muros da escola, permitindo uma conexão com toda a comunidade.

Aqui, o jogo de intensidades, próprio da diferença, não fica restrito apenas aos muros físicos do colégio – a improvisação *acontece* nos becos e no bar, no novo comércio de açaí, no quiosque e nos espaços de cavalgadas de Valilândia. Portanto, aciono toda uma teia de relações que coexiste ao plano de imanência do CEMEV para mapear o currículo-desejante-improvisado. O afeto nômade chegou no motor de sisal? Está lá? Ou simplesmente *não-está*? Experimenta-se uma existência *negroafetiva* que se expandiu e chegou em algum lugar longe,

na fronteira. O território existencial do CEMEV, este em transformação e reterritorialização, *estar sendo* horizonte.

Nesta perspectiva, a diferença se expande a nível social e rompe com uma concepção estrutural de que a emancipação social/política é alcançada por meio de uma macropolítica. Nota-se, portanto, uma luta antirracista se manifestando a nível molecular, micropolítico, conectando-se por meio da diferença.

Um fluxo molecular, minúsculo no começo, depois aumentando sem deixar de ser inassinalável... no entanto, o inverso é também verdadeiro: as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 104).

Ou seja, os personagens *cemevianos* sensibilizam uma luta política antirracista que perpassa em suas dimensões, desde o molar ao molecular, do macro ao micropolítico, a partir do momento em que o *não-ser* tensiona a instituição, a política partidária, os dados, o IDEB, os serviços públicos... Em vários aspectos, estão personagens que operam um mapa outro, não-localizado numa visão macropolítica/territorial. Em suma, linhas que conectam todos os pontos a vários *meios*, um currículo-mapa descentralizado, uma micropolítica preta-existencial que rasuram o sujeito da política. Tratam-se de corpos-desejantes que sensibilizam movimento(s) des-organizados de re-existência – a *não-localização* dos movimentos juvenis de Valilândia indica um nomadismo que mexe com todo um campo social.

Em outros termos, a não-localização como ação política. O que o grêmio estudantil *cemeviano* produz *não-estando* localizado numa estrutura macro? Currículo-desejante? Ou seja, a diferença se manifesta em suas microrrelações, tensionando, mais uma vez, uma concepção estrutural/representacional de sujeito. A improvisação da negritude no CEMEV, portanto, mobiliza a diferença preta por meio de uma expansão molecular, possibilitando uma reorganização social do meio e efetivando, concretamente, a luta política antirracista. O que acontece com a escola que se alonga até os motores de sisal e com a multiplicidade de símbolos sexuais rabiscados no banheiro?

O que *acontece* quando a escola muda e as estradas não estão mais as mesmas? O que acontece quando um jovem negro puxa uma linha de fuga, cria suas próprias rotas, expandem o mapa e produz outros territórios? Algo mudou. Os rabiscos saíram do lugar, transpuseram os limites físicos e inventaram novos territórios existenciais. Valente em expansão... Valilândia em expansão. Logo, cada movimento, uma (nova) experimentação do mundo negro, um mundo do *não-ser*, pós-fim, um mundo esquizo-cemeviano.

Ele transpôs o limite, a esquizoza que mantinha a produção de desejo sempre à margem da produção social, tangencial e sempre repelida. O esquizo sabe partir: ele fez da partida algo tão simples quanto nascer e morrer. (...) mesmo deslocando-se no espaço, é uma viagem em intensidade, em torno da máquina desejante que se erige e permanece aqui. Porque aqui é que se acha o deserto propagado pelo nosso mundo, e também a nova terra e a máquina que ronca, em torno da qual os esquizos giram, planetas para um novo sol (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 177).

Toda performance, neste sentido, produz uma ação política, tendo em vista que a diferença rompe com uma classificação inerente ao olhar do outro. Trata-se de uma luta antirracista in/visível e invigiável (MOTEN; HARNEY, 2023), minuciosa, através de linhas que estão em todos os lugares ao mesmo tempo dando forma a um currículo antirracista, im/possível.

O CEMEV (re)criado por meio do seu nomadismo e dos múltiplos borrões da figura do sujeito (experimentando a própria morte do *ser*), aqui, heterogeneiza, descentraliza, implode as estratégias brancocentricas/racistas/fascistas de aniquilamento do corpo, da *arkhé*, do falo de Exú nas paredes (SILVA; OLIVEIRA, 2023), das performances, da estética da negritude *cameviana*. Estratégias estético-políticas sendo experimentadas por meio de linhas, pontos, rabiscos e borrões – sem palavras, mas recorrendo ao ordinário para poder falar a língua da norma, jogando o jogo dos ratos, como diz Raul Seixas (1974), para apontar/criar uma nova direção.

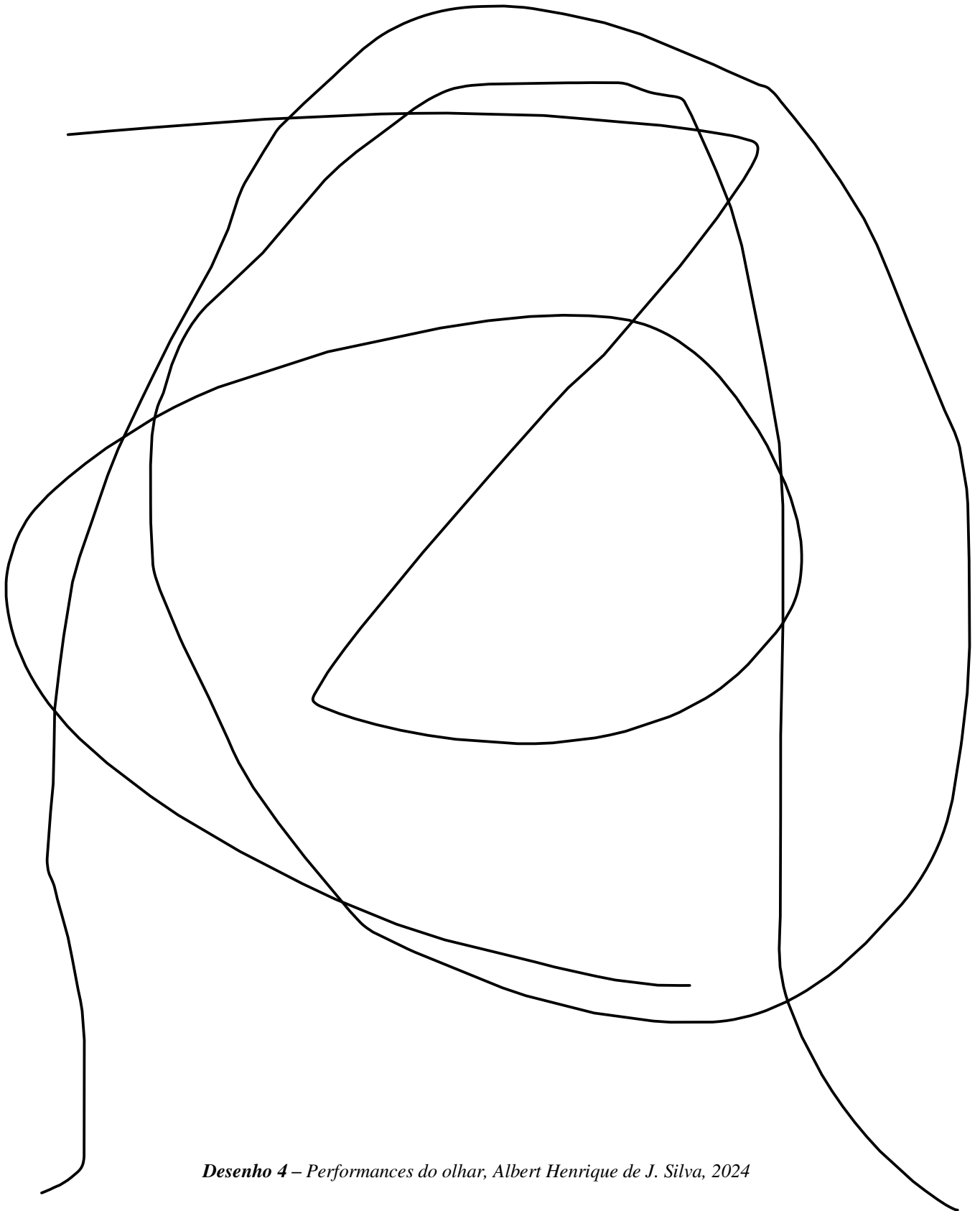
Uma constante re(des)organização social se materializa por meio das improvisações da negritude do CEMEV, atravessadas pela diferença preta. Sendo mobilizado por um afeto nômade e que descaracteriza o eu-pensante, as performances pretas tencionam uma produção que descentraliza o desejo e (re)cria mundos sempre-meio. Isto é, a diferença é sempre estética, social e especulativa... micropolítica.

Assim, o currículo-desejante, produzido pelo não-ser, nômade e que potencializa as modificações de todo um campo social, se expande de tal modo que sua existência se materializa sempre no meio... num espaço entre. Por isso afetivo, negrodesejante. Nesta perspectiva, a cartografia enquanto experimentação metodológica im/possibilita também a criação de (novos) territórios existenciais através das artimanhas de um mapeamento em des/re/territorialização constante.

Portanto, uma pesquisa cartográfica coexiste com a diferença. Por isso, instável, molecular, micropolítica, in/traduzível e im/possível, performática, improvisativa, negrodesejante. Improvisa-se um espaço entre, uma rasura do ser transparente, um (novo)

quilombismo, uma (ou várias) rotas de fuga. Cartografando, deste modo, tudo em todo lugar ao mesmo tempo.

4. PERFORMANCES DO OLHAR: RASTROS DO CURRÍCULO-DESEJANTE E LINHAS DE FUGA



Desenho 4 – Performances do olhar, Albert Henrique de J. Silva, 2024

4.1. RASTROS DE UM CURRÍCULO-DESEJANTE SEM/EM IMAGENS

No CEMEV, há uma série de traços/linhas visíveis de um/vários currículo(s) in/visível(is). Linhas pretas – performances proibidas, nômades e de cuidado. Como, então, um currículo não-localizado pode deixar rastros? As linhas que conectam os banheiros e as salas de aula com as quadras e campos de Valilândia, por meio dos cantos das torcidas do América e do Flamengo estão rastros de um *negrodesejo*... Currículo-movimento, desde os rabiscos nas paredes até as máquinas e motor de sisal operando no mesmo mapa... movimento que corre o chão quente, caatinga e mato seco. Jovens negros percorrem esses caminhos de moto, a pé e a cavalo... produção de mundos, desejo preto, diferença preta. Os riscos nas paredes, fora do campo representacional, são experimentados em linhas, formas, cor, a pretitude e o seu *nada*.

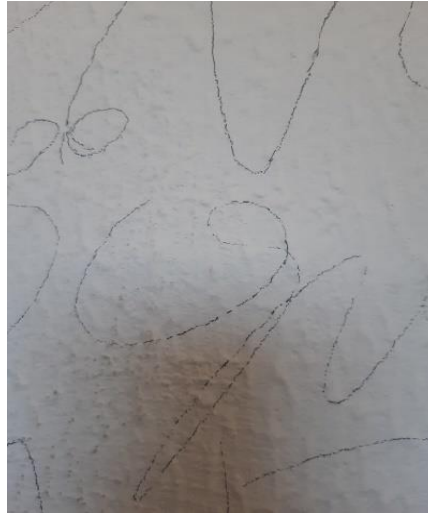
Aciono, portanto, imagens dos rastros que o currículo-desejante está deixando, imagens sem significação – experimentações imagéticas. Nota-se, neste cenário, uma experimentação de fotografias dos rastros do currículo-desejante, ou melhor, experimentação de imagens das múltiplas rotas de fuga que *estão-sendo* nas paredes e se estendem pelos campos, pelas estradas de chão, festas de vaquejada, paredões e pelos transportes escolares. *Ou melhor, como produzir estratégias de fuga por meio da fotografia dos rastros desejantes do currículo?* Destarte, linhas de fuga da negritude *cemeviana* em imagens experimentadas e em movimento, imagens que coexistem ao instante presente.

Afinal, o que essas imagens em movimento produzem? O que estão produzindo? Como pensar a escola a partir delas? Trata-se, portanto, de utilizar da fotografia como um meio para experimentar pontos de encontro de um currículo *negrodesejante* cemeviano. Ademais, mobilizo as pistas de um currículo sem imagens – o que resta é se acoplar a esses outros corpos, os rabiscos, as formas, os @'s... pontos em intercessão, linhas que vão sendo puxadas e estendendo o CEMEV por vias imaginativas/ficcionais.

Nada falta a esses rastros – o desejo produz mundos outros. Paredes brancas em rasura, o ser ontológico sendo rasurado, desorganizado, riscado. Aqui, o currículo-desejante forma um todo aberto, isto é, dialoga entre si numa de sucessão de imagens e, ao mesmo tempo, fazem escapar uma série de linhas para cada risco. A negritude performando o fim do mundo por meio das rasuras e borrões.

Logo, mobilizo o currículo-desejante por meio da experimentação de imagens dos rabiscos, borrões e pistas de sua coexistência com o plano *cemeviano*. Digo, possibilidades de acioná-lo por meio da fotografia, expondo linhas inerentes ao espaço/território físico e existencial do CEMEV, ou melhor, tendo em perspectiva os rastros de performances estético-

políticas da negritude *cemeviana*. Assim, em diálogo com Moten (2023), sensibilizo fotografias que questionam a própria ontologia do ser – o que fazer com imagens sem imagem, ou melhor, com o currículo-desejante sem imagens (à maneira de Deleuze (2021) ao acionar um pensamento sem representação), senão experimentá-lo em sua abertura total a criação de outros modos de existir?



Fotografia 2: *Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.*

Nesse contexto, cada imagem experimentada no CEMEV comporta, nela mesma, várias outras – a imagem existe no instante mesmo em que é acionada pelo olhar e, assim, faz do CEMEV um imenso mapa em movimento que materializa as rotas de fuga produzidas pela negritude. As paredes brancas, portanto, tornam-se uma via que localiza uma multiplicidade de rastros de um currículo-desejante não-localizado por meio do olhar.

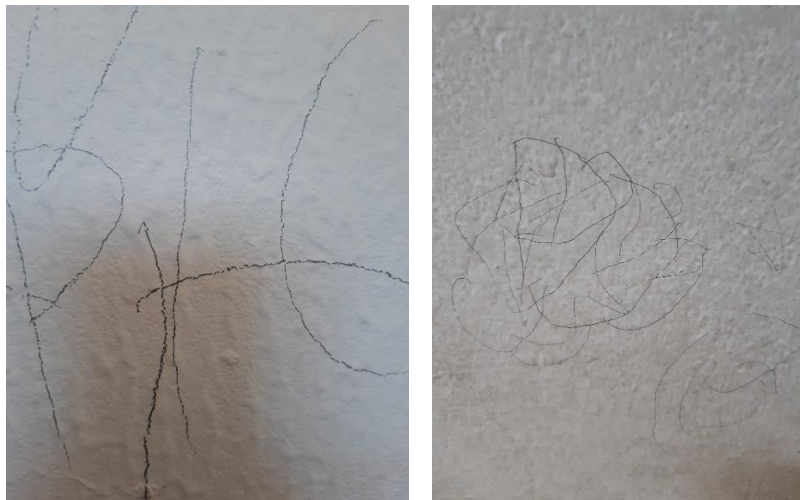
É possível, neste cenário, produzir um mapa por meio de imagens rasuradas do CEMEV? Trata-se de experimentar a cartografia de um (ou vários?) mapa em movimento por meio de imagens também em movimento – dado que o olhar sobre a imagem produz sempre uma nova existência, um novo instante, um novo tempo-presente do currículo. Eis, portanto, um mapa *cemeviano*, imagens que se espalham por todo território físico/existencial do CEMEV... contudo, fotografias sempre em aberto, em metamorfose e conectável por todas as pontas com outros acontecimentos que são produzidos por meio do currículo-desejante.

Seus rastros, por sua vez, produzem novas linhas do próprio currículo-desejante *cemeviano*, tendo em vista que a cada movimentação da negritude do CEMEV, novas rotas são produzidas e outros modos de existir no mundo *não-humano* tencionam fluxos desejantes – a experimentação do fim do mundo moderno-colonial coloca em tensão as paredes brancas deste mesmo mundo. Em outros termos, a cada passe na bola entre a negritude *cemeviana*, a cada ida

à escola depois do trabalho braçal no motor de sisal e a cada cuidado das professoras nos horários extraclasse mobilizam um mundo preto, mundo pós-humano.

Destaco, portanto, as linhas que conectam esses rabiscos com as múltiplas performances dos personagens conceituais *cemevianos*, isto é, jovens negros/as que encenam outras possibilidades de fazer educação no distrito de Valilândia, acionando fluxos que tensionam os muros da escola e percorrem todo o território existencial de Valilândia. Performances disruptivas, proibidas, nômades e de cuidado... performances em laranja, branco, vermelho e preto... performances negras nas paredes sem/em formas de pênis, coração, círculos, retângulos... “é falta de atenção dos pais”, diz uma das imagens.

O que essas imagens produzem? Quantas outras linhas não-localizáveis são/foram produzidas? Pensamento sem imagem, sem signos, currículo sem rosto – imagem-experimentação em movimento. O que fazer com os riscos nas paredes? Apagar? O preto não fica bem no branco das paredes *cemevianas*? Cada imagem coexiste com o instante do olhar – experimentadas, capturadas, produziram mais um ponto de intercessão e... *não-ser* em movimento. O que esperar, senão outros riscos, outros fluxos, outros currículos sendo improvisados, performados, encenados? Imagens em movimento.



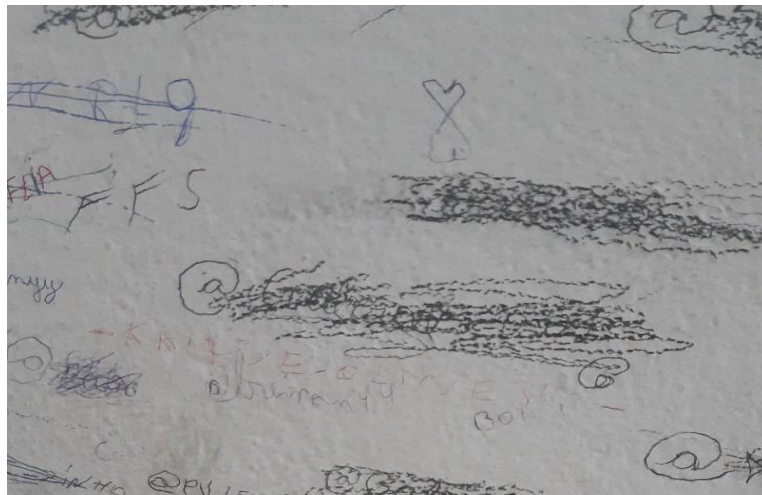
Fotografia 3 e 4: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.

Em suma, tenciono performances fabulatórias por meio do mapeamento dos rastros do currículo-desejante *cemeviano*, desde os rabiscos nas paredes até as linhas performativas nas estradas de chão e nos demais pontos de intercessão do CEMEV. Trata-se de experimentar a multiplicidade de pontos do rizoma *cemeviano* por meio de imagens sem/em movimento – fotografias ficcionais, desejantes, im/possíveis.

4.1.1. IMAGENS SEM/EM IMAGEM, FOTOGRAFIA E (RE)CRIAÇÃO DE ACONTECIMENTO(S): PERFORMANCES DO OLHAR.

A rasura do *Ser-pensante*, ontológico, branco, eurocêntrico se dá por meio de linhas pretas, dado que as performances ficcionais da negritude é quem promove a sua morte (ontoepistemológica). Isto é, um currículo-desejante em devaneio no espaço escolar, (re)criando-o a cada instante. A cada novo instante, uma nova escola é produzida... plano de imanência e seus personagens conceituais (DELEUZE; GUATTARI, 2010b). Neste sentido, os rabiscos aqui se apresentam em suas possibilidades de se manifestar por meio da fotografia, sendo esta, uma via de fabular o mundo moderno e, a partir disso, produzir algo novo, um mundo novo, mundo preto.

Em suma, as performances que se manifestam por meio das imagens permitem uma via entre a vida e a ficção, entre o atual e o virtual, possibilitando a invenção de outros mundos para habitar (MELCHIOR, 2015). Deste modo, as fotografias de um CEMEV performado pela negritude torna-se ficção na medida em que essas imagens produzem novas linhas que se espalham e (re)criam espaços, tempos... *acontecimento*. Digo, uma fotografia possibilita a (re)criação de novos acontecimentos por meio do olhar – neste contexto, *olhar* vai muito além da questão perceptiva, mas o próprio acontecimento em si, *olhar performativo* em que a realidade é produzida com base numa concepção estético-política preta.

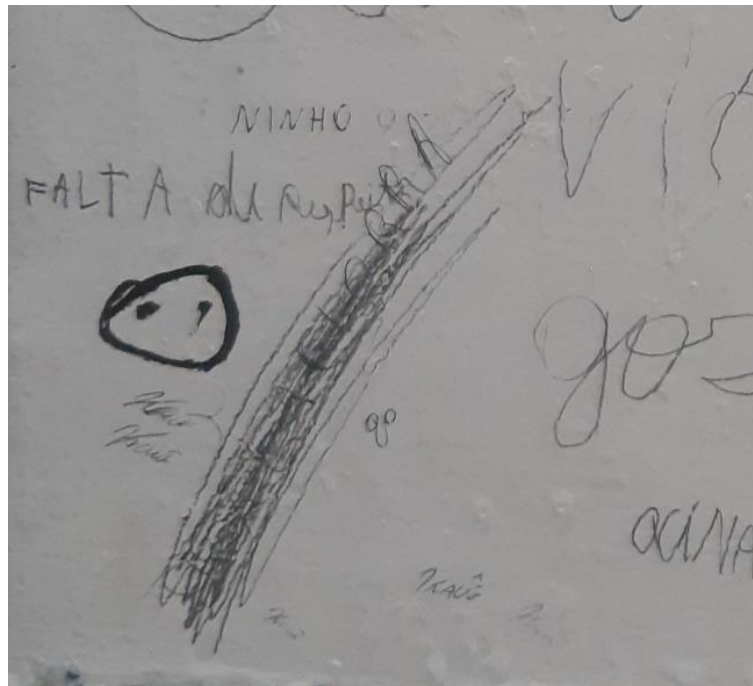


Fotografia 5: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. *Imagens em movimento.*

Neste sentido, o rabisco se manifesta como um mundo em devir, aberto ao im/possível e que abre a possibilidade de experimentar uma outra concepção de escola para além do *modelo proposto* pela filosofia moderna. Ou melhor, uma escola que assume a impossibilidade de um currículo normativo, representado por signos próprios da branquitude, em que o preto está nos

pelourinhos e nos quilombos, apenas. Valilândia é produzida pela negritude. O corpo preto está nas bifurcações de Valilândia, performando linhas que *estão-meio* nas paredes brancas do CEMEV e nas estradas de chão. Por isso, imagens sem imagem – qual a dimensão *não-representacional* destas linhas?

Há também símbolos, palavras, formas geométricas... palavras fora da norma culta da língua portuguesa... *palavras de baixo calão*, dizem. Palavras que não estão nos livros e fora do currículo normativo – por que estão nas paredes? Por que estão nos rastros deixados pelo currículo-desejante? O mundo negro é feito de quê? Palavras que assumem uma *representação* suja, proibida, erótica... machista, racista, *heteronormativa*... e subversivas, que rasuram qualquer possibilidade de deixar o conhecimento *transparente*. O que essas palavras estão dizendo fora do que dizem? Como se destituir de toda a linguagem e mesmo assim, experimentá-las? Performances que estão ficcionando outros modos de existências.



Fotografia 6: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. *Imagens em movimento.*

O que resta é fabular. Experimentar um mundo inventado e que crava a *morte da linguagem*. A fotografia, neste sentido, “recria um acontecimento com base no que nos é presente” (OLIVEIRA; FARIAS, 2010, p. 132) e, por isso mesmo, subverte a lei do tempo linear, já que coexiste com o presente... ficção – a imagem *cemeviana* produz ficção na medida em que rasura a realidade eurocêntrica/moderna-colonial. Por isso, as fotografias das linhas que racham o currículo normativo tencionam o fim do mundo como conhecemos (FERREIRA DA

SILVA, 2022b) através do rompimento com a lógica da sequencialidade, isto é, parte da tríade da modernidade (FERREIRA DA SILVA, 2019) e que reduz o tempo a uma linearidade absoluta, fragmentando-a em passado, presente e futuro.

Logo, um movimento se forma em torno dos rabiscos expostos com o intuito de classificá-los a categorias fechadas... perversão, falta de educação, rebeldia... enquanto provocam tensionamentos no próprio ato de interpretar seus símbolos... *o que estão dizendo cada um desses “desenhos”?... não sei!* “Assim, o que o pensamento é forçado a pensar é igualmente sua derrocada central, sua rachadura, seu próprio impoder natural (...) o pensamento é uma maratona que nem sempre existiu” (DELEUZE, 2021, p. 201). Ou melhor, as imagens fotografadas dos rastros de um currículo im/possível tensionam justamente essa derrocada – como lidar com rabiscos sem se apegar a uma direção proposta pela tríade da modernidade (determinabilidade, sequencialidade e separabilidade)?

Ao captar a imagem desses rastros por meio de uma câmera fotográfica, portanto, vê-se em suas complexas movimentações, vê-se em expansão, ao ponto que *ver* também é uma performance impulsionada pela experimentação de linhas pretas, linhas que partem do *nada* e transformam o espaço escolar num imenso *não-lugar* que Fanon (2008) menciona. Imagens sem *imagem*: “Artaud persegue em tudo isso a terrível revelação de um pensamento sem imagem e a conquista de um novo direito que não se deixa representar” (DELEUZE, 2021, p. 201).

Neste cenário, *ver* uma imagem fotográfica em que a interpretação fica como pano de fundo de uma experimentação *negrodesejante* produz novas bifurcações nas estradas de chão produzidas pela negritude cemeviana – a negritude performando o im/possível por meio das rachaduras que promove no currículo normativo também cemeviano. Assim, *ver* torna-se um meio de subverter a linha do tempo linear e criar um tempo que existe no instante presente, ou melhor, passado-presente.

Logo, tendo em vista que o currículo-desejante *per si* torna-se in/visível a cada nova movimentação e, portanto, coexiste com a experimentação que se faz dele, os seus rastros podem ser captados por olhares performáticos... olhares que produzem o movimento entre o real e o fictício. As premissas que o afropessimismo aciona, em sua tese de fazer morrer os *humanos* e encenar outras possibilidades de mundo (FREITAS; MESSIAS, 2018) encontra uma saída nos atos performáticos do currículo-desejante cemeviano, sejam por meio dos seus rastros nas paredes brancas ou pelas movimentações produzidas *fora* do espaço físico da escola.

Personagens rabiscados e que produzem suas próprias linhas... rastros de um currículo-desejante em imagens... fotografias das pistas de como tencionar o fim do mundo e

experimentalizar *outra coisa...* pistas... o que resta é ficcionar... *ver/performar* o fim do mundo como um programa, como uma via para o *não-lugar*. Cenas de um mundo pós-humano.

4.1.2. PERSONAGENS CEMEVIANOS SEM/EM IMAGENS

Onde está o corpo que aqui estava? Os personagens *cemevianos* acionados ao longo desta pesquisa-experimentação produzem suas próprias performances para se destituir de uma lógica ontoepistemológica moderna-colonial. Deste modo, performances que desvirtuam uma perspectiva branca e heteronormativa que constitui o ser humano – performances que produzem linhas heterogêneas no espaço do CEMEV a partir seus próprios corpos pretos. Assim, gênero e sexualidade escapam de quaisquer tentativas de representação – a identidade é colocada para dançar... identidade dançante... e apenas diferença preta em si mesma. Abertura para o mundo... mundo negro.

Mas, e o grande *falo* riscado na parede? Por que sempre um pênis? É sempre um pênis? O que é um pênis? Ou *estar-sendo* um pênis? Pistas para uma estrutura falocêntrica... ou uma micropolítica do *falo*... e experimentações de uma sexualidade que escapa às políticas normativas de currículo. Logo, como pensar essa multiplicidade de pênis riscados nas paredes a partir da diferença? Performances da negritude em conexão com outras linhas, portanto. Experimenta-se, neste contexto, imagens que estão expandindo o CEMEV como rastros de um currículo-desejante e, por isso, manifestam-se em sua dimensão subversiva, ou melhor, enquanto possibilidades de um mundo im/possível.

Mobilizo, deste modo, o in/visível nessas imagens. O não-dito. Tendo como perspectiva os espaços *entre* pontos que constituem o mundo moderno-colonial: o que há entre o racismo/colonialismo e a heteronormatividade? Quais são as linhas que ligam um ponto a outro? Além disso, como esse mesmo pênis enquanto experimentação de rasura... experimentação de borrar o que é branco... pode produzir um mundo que rompe com essas linhas de norma? O que resta é se destituir dos símbolos – rabisco do pênis em seu devir... fabulação de devires. O mundo negro é proibido como tudo que se produz no submundo. As performances (auto)eróticas do CEMEV produzem um mundo negro proibido, disruptivo, revolucionário.

Os riscos são negros... as paredes são brancas. O que está sendo rasurado é o pênis branco, colonizador. São sempre pênis? A dimensão in/visível nas imagens... ou as imagens sem imagem desses rastros é que rasura o que está dito, escancarado, carimbado. O que está dito é o poder que o *falo* tem no mundo moderno-colonial, trata-se aqui de *representação*. Mas,

ainda com o movimento de Artaud, mobilizado por Deleuze (2021), o in/visível nas paredes do CEMEV sensibilizam outra coisa... “o quê? Não sei!”, pensamento sem imagem. Currículo-desejante em movimento... o que é, já foi! Resta a experimentação – como o corpo normativo experimenta o risco? Dimensão performativa que Moten (2023) coloca em destaque por meio de uma estética preta radical.



Fotografia 7 e 8: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. Imagens em movimento.

Por isso, as fotografias desses rastros são sempre performativas... estão constantemente colocando em perspectiva outros modos de existir. A imagem em movimento e coexistente ao instante em que é experimentada se estende até a sala em que a professora ensina como colocar uma camisinha e alerta sobre os cuidados em relação ao ato sexual. Enquanto isso, discursos normativos são produzidos lá fora: “a professora está induzindo os meninos a fazerem sexo”, dizem. Enquanto isso, performances de cuidado na sala de aula, nas paredes e no “chão da escola” que vai de uma ponta a outra de Valilândia... performances proibidas, performances laranjas, brancas, vermelhas e pretas... o pênis riscado na parede tem camisinha?

A imagem impulsiona um olhar performativo, estético-político... requer improvisação. Uma fotografia que recria acontecimentos, ou melhor, produz uma repetição sempre diferente... sempre em diferença. O que uma sucessão de imagens pode produzir? Um filme? Um documentário imaginativo/ficcional? Um fotolivro? Imagem-movimento (DELEUZE, 1992). Deste modo, tenciono a experimentação de se conectar com imagens e criar mundos a partir delas, logo, produzir uma quebra por meio da performance... da improvisação. Os personagens cemevianos produzem imagens... sem imagem. Performance. Improvisação. Nada significa um risco preto na parede branca e, ainda assim, um risco se conecta ao desejo e produz uma escola – o CEMEV *estar-sendo* riscos que se entrelaçam.

Assim sendo, cada rabisco, múltiplos personagens. Cada pênis riscado na parede, vários personagens distintos – o que a escola tem a ver com isso? Currículo-desejante. Questiono, portanto, enquanto mais um personagem inerente ao CEMEV, o que pode fazer a fotografia de um único instante na escola? E quando, a partir dessa imagem, é possível ficcionar uma escola do fim do mundo? E as fotografias formando um todo aberto, uma sucessão de imagens que coexiste a duração, passado-presente, o que produzem? É arte ou simplesmente *não-é*? E se for, quais sensações é capaz de provocar? Imagem-acontecimento.



Fotografia 9: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. *Imagens em movimento.*

Aciono, a im/possibilidade de produzir uma série de fotografias de um CEMEV cheio de rastros do currículo-desejante performado pela negritude, tendo em vista que a imagem fotográfica produz suas próprias teias entre o real e a ficção, movimento em si mesmo. A diferença, neste contexto, escapa à própria imagem, manifestando-se assim, imagens sem imagem, ou melhor, traços, linhas e borrões sem representação. Cada rastro possibilita a conexão com novas (e sempre outras) pistas de um currículo-desejante, improvisado, im/possível. O que fazer, então, quando a imagem existe enquanto mais um corpo? O que fazer quando uma imagem se movimenta criando novas linhas para um rizoma? Imagem-experimentação que desvirtua um tempo-linear na medida em que coexiste com o instante mesmo em que é vista.

Além disso, riscos que saem das paredes brancas de um CEMEV em movimento e percorre as estradas de chão de Valilândia – como fotografar o motor de sisal sem perceber, nele mesmo, linhas pretas que *borram* toda a parede branca do CEMEV? O currículo-desejante deixa rastros também por lá, mesmo mapa, mesmo rizoma... *sempre meio* e em expansão. O

corpo que deseja produz novas linhas e faz surgir novos modos de existir para além do que está posto pela norma moderno-colonial. Personagens cemevianos sem/em imagens... Performances de um currículo-desejante que escapa e flui.

4.2. LINHAS DE FUGA SEM/EM IMAGENS: TRAÇANDO ROTAS DE FUGA

4.2.1. IMAGEM RASURADA POR IMAGENS EM MOVIMENTO

Walter Mitty: Quando você irá tirar a foto?

Sean O’Connell: Às vezes eu não tiro a foto. Se eu gostar do momento, para mim, particularmente, eu não gosto de ter a distração da câmera. Eu apenas gosto de estar nele.

Walter Mitty: Estar nele

Sean O’Connell: Sim. Bem ali, bem aqui.

Diálogo presente no filme *O segredo da vida de Walter Mitty*, de Ben Stiller (2013).

O diálogo de Walter Mitty e Sean O’Connell no filme de Ben Stiller produz, por meio da imagem, uma experimentação do que não é registrado, mas produzido num instante presente. Aciono este diálogo para sensibilizar outras performances que *estão* acontecendo em visitas domiciliares e movimentos no plano *cemeviano* em que imagens foram produzidas e não-materializadas. Refiro-me a um conjunto de imagens que foram experimentadas/ficcionadas por meio de olhares performativos, ou seja, rastros do currículo-desejante que estão *fora* das paredes brancas e percorrem os demais espaços produzidos pelos personagens *cemevianos* aqui acionados.

Logo, ao acionar imagens ficcionadas do território existencial *cemeviano*, sensibilizo também as linhas que estão sendo produzidas pelos corpos, sem a presença do lápis e da caneta – os rastros não fotografados, mas experimentados. Trata-se de rastros que, assim como o currículo-desejante, *estão* não-localizados, *estão* opacos. Ou ainda, estão riscados de outras formas... *estão* enquanto mundos outros. *Estão* rotas de fuga que vão além da fotografia. O que está em jogo, portanto, é como o visível e o in/visível, a imagem fotografada e a não-fotografia imagética produzem um mundo fictício e desejante.

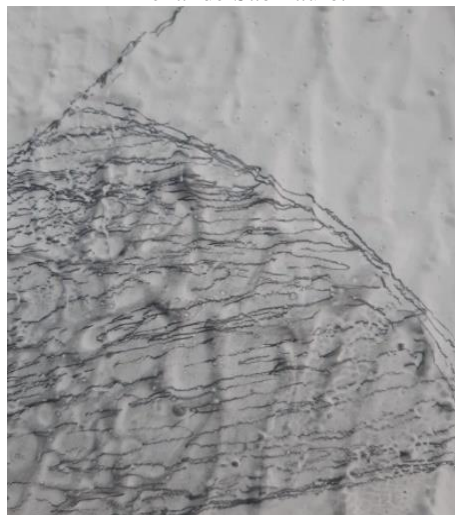
Em suma, trata-se de mobilizar as estradas de chão por meio de borrões que tencionam um mundo preto/opaco, um mundo fantasmagórico, monstro, esquivo, queer. O corpo que risca e é riscado, a parede que corta e o corpo cortado, as manchas que sujam a parede e o corpo preto que rasura o *ideal de ego* (SOUZA, 1983) ... o que resta é ficcionar para romper com o rigor filosófico/científico proposto pelo iluminismo. As imagens produzidas por Jota Mombaça

(2021) rasuram o Museu de Arte de São Paulo, imagens sem imagem em que a própria autora experimenta romper com a lógica representacional. Assim, um novo modo de expor uma obra é produzido – um outro museu, cuja obra é experimentada.

Em simultâneo, as imagens produzidas no CEMEV rasuram a educação formal, o projeto de vida, o ideal criado pelo iluminismo em que a educação salva o mundo, rasura o sujeito, a epistemologia, a filosofia, a ontologia... assim, produz uma outra coisa que pode ser acionada como *educação*. O currículo-desejante está sendo experimentado no CEMEV e produzindo outros (novos) acontecimentos... então, para quê expor seus rastros? Para que a universidade ficione ontoepistemologias dissidentes... e rasure os códigos, as leis, o método.



Imagem 3: 2021: Feitiço para ser invisível (spell to become invisible). Jota Mombaça (2021) na 34ª Bienal de São Paulo.



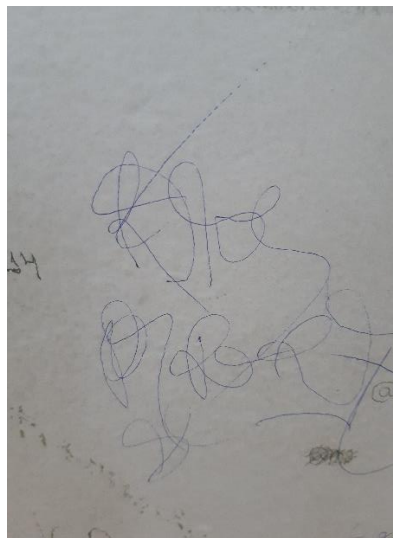
Fotografia 10: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. *Imagens em movimento.*

Neste cenário, uma exposição que estar borrada, rasurada, turva, tenciona a experimentação e a fabulação de mundos outros. Por isso, o que pode uma sobreposição de

imagens rasuradas, riscadas, marginalizadas? A fotografia como múltiplas performances que, em simultâneo, produz outras múltiplas performances. A negritude sensibiliza o fictício por meio das suas linhas de fuga. O currículo-desejante e seus rastros também desejantes. A experimentação *acontece* a partir do momento em que outros acontecimentos são criados, recriados, ficcionados.

4.2.2. UM LIVRO-EXPERIMENTAÇÃO? IMAGEM-MOVIMENTO? O QUE PODE AS IMAGENS DOS RASTROS DO CURRÍCULO-DESEJANTE?

Quantas dobras *cabem* numa só imagem? Quantos caminhos são produzidos por uma mesma linha, ora reta, outrora curvada? Os rastros do currículo-desejante, *per si*, produz outros modos de fazer educação – educação para o fim do mundo. Os rastros ficcionados pela imagem fotográfica, portanto, tornam-se meio para uma *quebra* ontoepistemológica, isto é, um meio para romper/rasurar/destruir um ideal de ego (SOUZA, 1983) inventado pelo mundo moderno-colonial. Aqui, os rastros de um currículo cemeviano são experimentados em suas múltiplas rotas de fuga. Logo, a imagem desses rastros (des)encontram-se no meio... *sempre-meio*... de um mundo em rasura e a experimentação de um mundo preto – *negrodesejo* em movimento.



Fotografia II: Rabiscos nas paredes físicas do CEMEV. Experimentações do(s) currículo-desejante. *Imagens em movimento.*

Neste contexto, busco tencionar a im/possibilidade de estender uma experimentação *cemeviana* por meio das performances ficcionais produzidas pela fotografia. Se imagens (sem imagem) espalhadas nas paredes do CEMEV produzem desejo e são produzidas por ele, fazendo existir um mundo negro, o que podem, então, nas paredes brancas do *Mount Olympus* do conhecimento? O que *acontece* se o quilombo chega à sala de estar da casa grande? E se os

rabiscos chegam nas universidades por meio de imagens/fotografias (para além de uma escrita im/possível)?

Em suma, sensibilizo uma exposição de imagens que tencione olhares performáticos para além do território físico de Valilândia – imagens que fazem criar dobras no espaço-tempo e expanda o rizoma cemeviano até os pátios da universidade. Logo, imagens dos rastros do currículo-desejante nas paredes brancas, nas estradas de chão, nos campos de futebol, no motor de sisal e suas bifurcações. E se os rabiscos pretos rasuram as paredes brancas da universidade? E se a sala de estar da casa grande também se vê borrada, rasurada? Rabiscos nômades, personagens que vivem no/pelo fim do mundo. “Nessa travessia, seria mais importante nos encontrarmos, ou nos perdermos no jogo com a imagem?” (LEITE, 2015, p. 126).

O diálogo aqui se produz por meio desses instantes em que se encontrar não faz o menor sentido. Quando os personagens cemevianos produzem uma escola no motor de sisal ou nos campeonatos de futebol, uma linha é tencionada e novas imagens são experimentadas – uma imagem produz dobras – movimento, tempo, desejo... imagens sem imagem. Assim, a sobreposição de imagens desses rastros pode produzir o questionamento do próprio currículo-normativo, na medida em que cada dobra produzida por suas linhas produzem uma “outra lógica do sentido” (DELEUZE, 1974) por meio de uma exposição labiríntica, inventiva, fictícia. Instantes que se reinventam a cada (novo) olhar e que faz rasurar a visão, a percepção, a neurociência do olhar, para fazer surgir uma performance diferente... diferença.

Assim, busco encenar uma exposição que rasure as paredes brancas de outros espaços por meio de imagens fotografadas no CEMEV. Para isso, faz-se necessário o uso da câmera fotográfica para experienciar a captura de rastros que se estendem até às estradas de chão de Valilândia, isto é, imagens que sensibilizem um currículo-desejante em movimento, meio de criação de um espaço-rizoma cemeviano. Logo, imagens sem imagem e que despontam por múltiplos meios – de Valilândia à Queimada do Curral, Itareru, Valente, Santa Rita de Valilândia... sendo traçadas por corpos negros.

E quando os rastros rasuram as páginas brancas de um livro? Um fotolivro *negrocemeviano*, então? Um livro que se manifesta enquanto invenção, im/possibilidade de experimentar o currículo-desejante... mais um *platô* cemeviano. Exposição fotográfica... fotolivro... imagens de rastros do currículo-desejante. Desejo. Um livro-experimentação. Imagem-movimento... o que pode ser criado a partir da sobreposição de imagens?

Rabiscos, borrões, pênis, cortes, sangue, sexo, futebol, sisal, gênero, cavalo, beijo... palavras, parte visível do currículo in/visível... e a fotografia produzindo diferença... produzida pela diferença preta. “Teatro sem nada fixo ou labirinto sem fio. A obra de arte abandona o

domínio da representação para se tornar *experiência*, empirismo transcendental ou ciência do sensível. (...) a um mundo complicado, sem identidade, propriamente caótico” (DELEUZE, 2021, p. 87). Fotografia caótica, livro caótico. Caos que coexiste com o mundo preto.

Em Moten (2023), nota-se uma fotografia que produz som, fotografia preta, o que se vê é a improvisação da mãe de Emmett Till ao expor a foto do rosto mutilado do filho que está deitado no caixão. Emmett Till, garoto preto, morto por homens brancos nos EUA em 1955. Improvisação ao sensibilizar a fotografia que ficciona o caos. Fotografia que expõe e faz experimentar a dor, o luto, o gemido (MOTEN, 2023).

Nota-se, portanto, a im/possibilidade de performar linhas de fuga por meio de imagens – o que pode um corpo? O que pode uma imagem? As rasuras nas paredes do CEMEV produzem luto, dor, alegria, gozo, desejo... estão produzidas por tudo isso. Os rastros que são deixados nas estradas pelo cavalgar do cavalo produzem e são produzidos por desejo. Personagens inerentes a criação de conceitos do CEMEV.

A escrita de Douglass (2021) produz e é produzida por desejo. Os riscos de Mombaça (2021) produzem vida para a negritude, inventa um mundo em que o futuro é possível para o corpo negro e, assim, produz um presente-futuro, uma *duração* em que futuro, palavra sem significado, *estar* (no) presente. Os borrões rompem com a representação. A *arte* se manifesta como experimentação do im/possível – viver um mundo sem tempo, sem espaço, sem cidade, sem representação. As imagens *cemevianas* manifestam-se como meio para ficcionar o fim do mundo moderno-colonial, portanto.



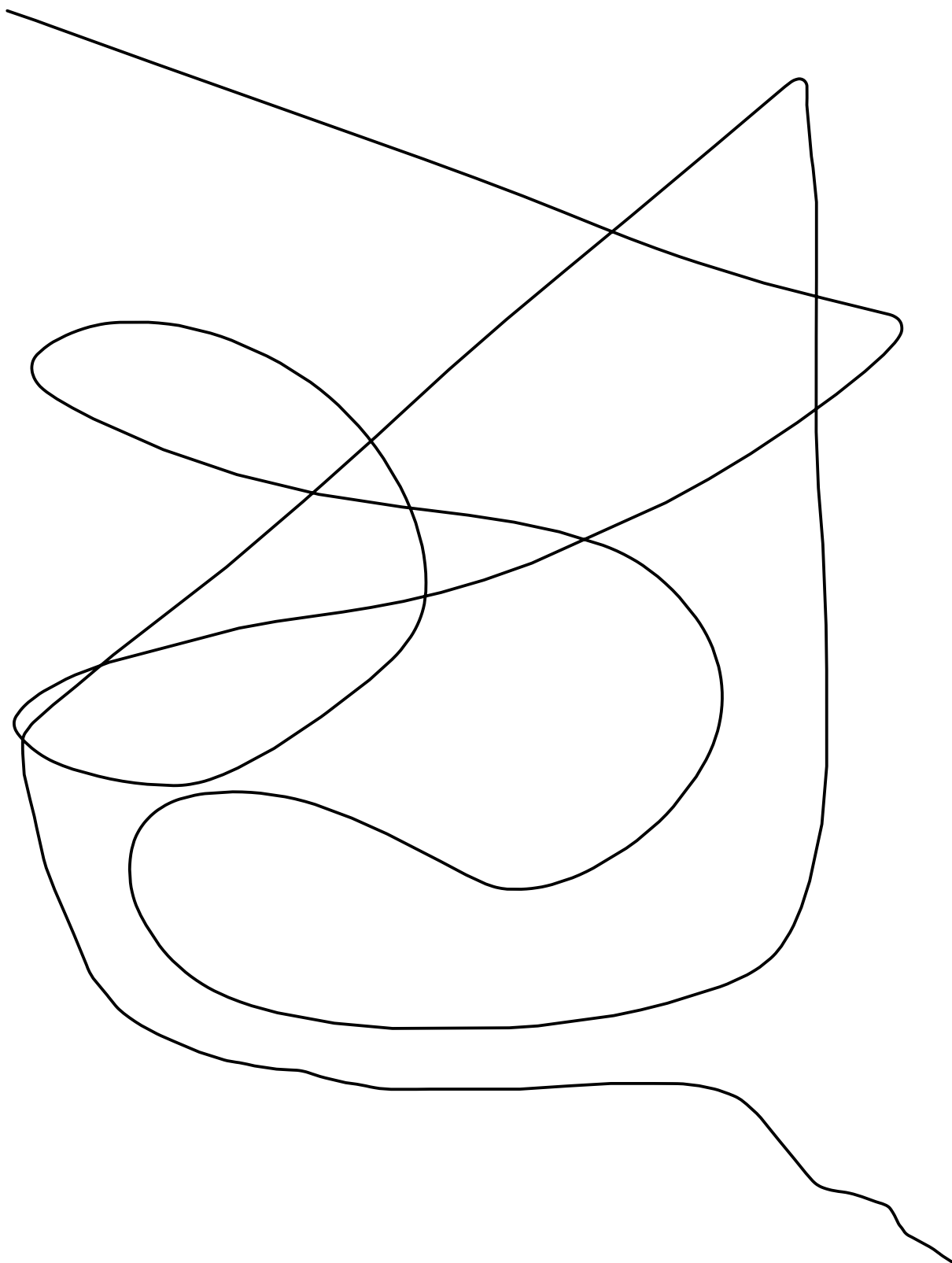
Imagens 4 e 5: 2021: Feitiço para ser invisível (spell to become invisible). Jota Mombaça (2021) na 34ª Bienal de São Paulo.

Experimenta-se rabiscos como rastros do que escapou... diferiu... diferença. O currículo-desejante in/visível do CEMEV. Fluxo desejante. Por isso, a fotografia, performances e improvisações rasuram o *ser* ontoepistemológico. Fotografia de rastros que se manifestam como meio para rasurar o sujeito... para matar o sujeito. E assim, produzir outra coisa...

devaneios *queers*. Parte de uma caosmose, performances do olhar. Cenas de uma exposição de olhares... experimentação. Cenas de uma sucessão de imagens sem imagem... experimentação. Cenas de um livro borrado, rasurado, rizomático... experimentação. Cenas de um CEMEV em expansão.

Assim, as linhas de fuga se estendem por todos os lados. O currículo-mapa-desejante se expande – em duração. Devaneio rizomático-temporal. Tempo que se movimenta ao som dos atabaques (SODRÉ, 2017). E a cartografia está sendo produzida como meio de existência de um desejo que produz um espaço *entre...* o real e a ficção. O que estar nesse espaço? Performances da negritude *cemeviana*. Desejo preto. O que pode um corpo senão produzir um mundo só dele? Por meio dos rabiscos, Mombaça (2021) aciona Evaristo e grita que *a gente combinamos de não morrer*. Por meio dos rastros do currículo-desejante, a negritude *cemeviana* grita... estamos aqui, ali e em qualquer lugar. Corpo coexiste ao afeto, *negroafeto*. A escrita é sempre im/possível quando se trata de desejo e a imagem é sempre ficção quando se trata do *negrodesejo cemeviano*.

5. CENAS DE FICÇÃO E DESEJO: O QUE PODE UM CORPO?



Desenho 5: Cenas de ficção e desejo, Albert Henrique de J. Silva, 2024

5.1. O UNIVERSO CEMEVIANO EM EXPANSÃO (E DURAÇÃO)

O que se passa? Segue acontecendo... o que? Desejo, improvisação, performances, negritude, corpos pretos, sexualidades, futebol, motor de sisal, psicólogo escolar, estrada de chão, motorista, porteiro, professoras/es, gestoras... cuidado... cortes e pulsos desejantes... *negrodesejante*. Imagens performativas... olhares performativos. E o mundo branco, brancocêntrico, eurocêntrico, moderno-colonial... e o opaco se manifesta, atravessa os corpos e por eles são produzidos. E os rastros ficam... em traços nas paredes, em borrões, manchas, riscos...

Cada personagem produz o seu mundo e vários outros. O universo todo existindo num único instante. Produz-se imagens, fotografias, música, teatro, performances, *happening*, gozo, vida... os rabiscos invadem o espaço, criam o espaço e são criados pelo plano de imanência, inventam o tempo em um só, passado-presente-futuro... coexistência. Terra, corpo e mar. Corpo transatlântico em água doce. E os rastros do currículo-desejante continuam sendo produzidos... as paredes continuam borradas, sujas, opacas, pretas.

No CEMEVI, encena-se outros mundos em cada nova bifurcação que é produzida. Em cada pé de pau, em cada umbuzeiro e plantação de sisal, cenas são produzidas e outros mundos são inventados, performados, improvisados. O que acontece agora com o garoto negro que montou a cavalo? E o que se recusa a voltar pra escola? E a garota grávida aos 13 anos? Tudo em todo lugar ao mesmo tempo. Novas imagens são produzidas para compor o filme – filmografia *cemeviana*. Quantas produções cinematográficas até então? Várias ou uma única sucessão de imagens que *estão-sendo* produzidas até então? Parte das pessoas que trabalham no CEMEVI estudaram no CEMEVI e, por isso mesmo, encenam numa zona fronteira entre o atual e o virtual: o que é memória?

Voltando às imagens que se sucedem ou que produzem outro filme... ou que fragmentam o CEMEVI em unidades... ou que *estão* CEMEVI neste instante. O que se passou? As imagens dos riscos nas paredes se conectam com o garoto preto na janela de casa que recebe a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC)... e vai até um menino a cavalo... até a camisa laranja que coexiste com o homem negro na oficina vizinha a escola, imagens que compõem uma cena ou várias cenas... várias cenas em uma só. As linhas são curvadas, dobradas, desconexas com as outras partes de um mesmo rizoma. *Sempre-meio*, o universo em expansão.

E as linhas dos cortes no corpo, umas secas, outras ainda latejantes... todas vermelhas. Essas linhas estão nas paredes? Montagem cinematográfica: a mudança de uma fotografia para outra... Um filme ou uma série de imagens em relação... as duas coisas. Os riscos nos braços,

pernas e barriga de uma adolescente negra *cemeviana* e os cortes nas paredes brancas da sala, do banheiro e do muro. Montagem cinematográfica... imagem-movimento (DELEUZE, 1992). Uma imagem produz outra e outra e outra... Não para de se produzir. São imagens que se sucedem e mundos que se (re)criam – o universo se move constantemente. E os passes na bola, o gol do América no intervalo da escola e a aula que a professora produz fora da sala de aula... as artimanhas do im/possível criadas pela intercessão entre professora-aluna-gestão-escola.

O currículo-desejante produziu um outro rastro. A escola está vazia em janeiro e, ainda assim, cheia de traços, riscos... cheia de linguagem e rompendo com a linguagem. O acontecimento CEMEV coexiste com o tempo-acontecimento presente. O risco produz o tempo, produz a performance, produz o mundo, produz a escrita...

O Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (UNEB/Campus XIV) é mais uma imagem produzida pelo currículo-desejante... mais uma imagem dentre tantas em movimento. O rabisco do pênis e os banheiros da universidade, os borrões epistemológicos, as estripulias – tem sisal na UNEB. Tem caatinga. Tem bifurcações. Estradas de chão. As dobras do CEMEV produzem a universidade. Tudo em todo lugar ao mesmo tempo.

Uma personagem fugiu da escola com o namorado... foi para sede do município. O CEMEV se movimentou e uma linha *estar-sendo* tencionada por toda a estrada. O atual e o virtual: estou voltando para Valente numa terça-feira por volta das 18h00min, o rádio do carro está ligado, as professoras conversam no banco de trás... No rádio, a música de Santa Luzia começa a tocar e produzo Santa Luz, minha terra natal, naquela estrada de chão... o rádio de vovó... vovô foi fazer o jogo do bicho, mas está voltando com pão quente... o sol se pondo... desejo. Jogo do Bahia mais tarde e agora. Tudo em todo lugar. Currículo-desejante. O que é memória? Performances do tempo – tudo ao mesmo tempo em todo lugar.

As imagens sobrepostas desvirtuam a linearidade. O que resta é a performance, um tempo sempre presente, um tempo-fronteira (não passou nem será... tudo *estar-sendo* e *vir-a-ser*). Tem muita poeira na estrada. Minha mãe trabalha numa escola de espaço rural em Santa Luz – o currículo-desejante deixa rastros por toda parte.

Personagens fictícios... corpos sem órgãos... fabulação de devir. As paredes do banheiro do CEMEV continuam cheias de rastros, o banheiro masculino cheio de pênis, por quê? “Já não existe, por lá, muitos pênis? Por que tantos outros?”, pergunta a gestora de outra grande escola do município. São rastros e imagens que estão sendo vistos e performadas pela/a partir da diferença: a repetição se move e se modifica... a repetição nunca é a mesma. Performances do olhar.

Esquizo... as imagens *estão* sobrepostas numa esquizografia. Imagens sem palavras e sem imagem. Imagens sem representação. Esquizoimagens. Imagens que produzem ficção – um mundo em outro e outro e outro. Afinal, o mundo moderno-colonial acabou? Chegou ao fim? O fim é performado e as imagens (re)criadas no CEMEV *estão* acionando o fim do mundo... imagens do fim do mundo. Imagem e palavra (GODARD, 2018) cemeviano: uma esquizografia sem palavras, imagens postas em ficção, imagens desejantes. Esses borrões na mesa da professora e que escorrem pelo chão do pátio estão sendo experimentadas e acopladas em outros borrões – mais imagens sem imagem, borrões rasurando o sujeito ontoepistêmico.

E os personagens continuam produzindo suas próprias esquizografias. A escrita é produzida por imagens ficcionadas e por borrões que se manifestam como performances do fim do mundo. Na medida em que a filosofia moderna tende a ordenar o mundo, fragmentando-o em períodos temporais, os rabiscos *cemevianos* denunciam o caos – caos criador... cosmopoética *cemeviana*. Caosmose, ato de criar um mundo outro... um mundo em que a vida seja produzida por bifurcações – personagens cosmopoéticos, cosmopolíticos... jovens negros que produzem um espaço conectivo entre motor de sisal e pátio da escola.

Na fila da merenda, adolescentes se misturam, formam um único corpo desordenado como vários pontos em posições tão próximas que visualmente não se separam. Linhas curtas, fugitivas e desejantes. Logo, toca o sinal e todos se dispersam... hora de ir ao banheiro. E outras linhas são inventadas. Invenção. Um mundo produzindo outros, universo em expansão. Volta o motor de sisal, produção material, trabalho braçal, desejo, dinheiro... os jovens do vespertino se sentem respeitados por ter dinheiro e a relação criminal com a escola recomeça, trata-se de re-existência. Cenas que atravessam o fim do mundo moderno e criam um mundo preto, *negrodesejante*. Tudo em todo lugar ao mesmo tempo.

Como, então, cartografar o caos? O que resta é reinventar a cartografia... ou re...re...re...produzi-la, desterritorializá-la... cartografia em movimento, modificando-se a cada instante. A cartografia é produzida na medida em que é reinventada, trata-se de um *traçar* de linhas, criar um mapa e produzir desejo. Existem múltiplos modos de cartografar os rastros do currículo... o plano de imanência *cemeviano* produziu a sua própria cartografia. O que resta é reinventar, ficcionar o mapa.

O mundo está acabando neste instante. Experimenta-se o fim a todo instante. Experimenta-se mundos em que o fantasmagórico e o in/traduzível está sendo vida. O currículo-desejante produzindo seus rastros. Linhas pretas nas paredes brancas. Qual a especificidade do CEMEV? Devir plano de criação de todos esses universos im/possíveis: experimentação da caatinga, mato, sisal, futebol, arame farpado, cabeça de touro, estrada de chão, canção de Santa

Luzia, horta no quintal da escola, memória, sopa às 10h00min, sopa às 15h30min... tudo em movimento, sucessão de imagens em uma só. Um e vários corpos. Conceitos inerentes ao CEMEV.

O currículo-desejante deixa seus rastros. O que pode um corpo? Produzir tudo a partir de um *não-lugar*, produzir tudo a partir do *nada* em que foi colocado. O currículo produzido pelas performances negras *cemeviana* está em movimento, desvirtuando a linguagem, desvirtuando significantes e significados... implodindo signos ou produzindo um novo modo de operar os *signos*. A imanência entre performances negras e currículo-desejante – linhas traçadas, rotas de fuga... corpo fugitivo. O currículo-desejante é fugitivo – rompe com a representação por meio do que é turvo, borrado, opaco. As paredes *cemevianas* apontam para uma direção incerta, in/traduzível.

Choveu no sertão e a lama da estrada atola algum motorista desavisado, o caminho é sempre instável, seja no sol ou na chuva, seja por *costelas de vaca* ou pelas poças de água que escondem a profundidade. O currículo-desejante está instável e, por isso, seus rastros *estão* em subversão... em dissonância com a linguagem... em difração. Deste modo, uma escrita im/possível, uma pesquisa im/possível, uma cartografia que produz um mapa im/possível. O que produz um corpo? O que pode um corpo? Quais linhas estão sendo produzidas por uma esquizografia em imagens? Como produzir o seu próprio corpo sem órgão? Performando... improvisando... desejando.

REFERÊNCIAS

ANZAÚDUA, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 04/2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10/2022.

BERGSON, H. **Aulas de Psicologia e de Metafísica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

BERGSON, H. **A Evolução criadora**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

BUTLER, O. **Kindred: Laços de Sangue**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

CALOU, A. L. F. et. al. Esquizoanálise e teoria queer: Intersecções teóricas de analíticas pós-estruturalistas para pensar uma possível articulação clínica. **Saúde Mental: Interfaces, desafios e cuidados em pesquisa**. Vol. 1, 2023. Disponível em: <https://www.cientifica.digital/artigos/esquizoanalise-e-teorias-queer-intersecoes-teoricas-de-analiticas-pos-estruturalistas-para-pensar-uma-possivel-articulacao-clinica>. Acesso em: 10/2023.

CHAAR, C; PARAÍSO, M. Passos para acionar e efetivar um currículo-dançante. **Série-estudos**, Campo Grande, MS, v. 26, n. 58, p. 33 – 54, set/dez. 2021. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1596>. Acesso em: 08/2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na Educação Básica**. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-na-educacao-basica/>. Acesso em: 10/2023.

DAS, V. **Vida e palavras: A violência e sua descida ao ordinário**. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, G. **Cinco proposições sobre Psicanálise** (1973). Disponível em: http://robertexto.com/archivo17/deleuze_proposicoes.htm. Acesso em: 10/2023.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 3º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34. 2010a.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010b.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

DOUGLASS, F. **A Narrativa de vida de Frederick Douglass e Outros textos**. 1º ed. Editora: Penguin, 2021.

ENGENHEIROS DO HAWAII. **Novos Horizontes**. Álbum: 10000 destinos, 2000. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LV1ELq7DXtY&ab_channel=EngenheirosVEVO. Acesso em: 01/2024.

FANON, F. **Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA DA SILVA, D. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política Living Commons, 2019.

FERREIRA DA SILVA, D. Ninguém: Direito, racialidade e violência. **Meritum**. V. 09, nº 01, Jan/jun, 2014. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/2492>. Acesso em: 01/2024.

FERREIRA DA SILVA, D. **Homo Modernus: Para uma ideia global de raça**. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022a.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Não há modernidade sem violência racial. In: SOMBINI, Eduardo. **Folha de São Paulo**, 2022b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/12/nao-ha-modernidade-sem-violencia-racial-diz-denise-ferreira-da-silva.shtml>. Acesso em: 04/2023.

FREITAS, K. MESSIAS, J. O Futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente. **Revista de La Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**. Nº 17 - 2018. Disponível em: <http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/225>. Acesso em: 07/2023.

FOUCAULT, M. **História da Loucura: na Idade Clássica**. 9º ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: A história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANGELLA, R. C. P. “Muitos com Um”: Políticas curriculares, justiça social, equidade, democracia e as impossibilidades de diferir. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 6, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75647>. Acesso em: 08/2023.

FURTADO, J. **Ilha das flores**. Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=60zZ5RcugII&t=45s&ab_channel=AprendendoemCasa. Acesso em: 11/2023.

GADELHA, J. J. Habitar a escuridão: materialidades negras, o olho e a quebra. **Concinnitas**. V. 21, n. 29, Rio de Janeiro, set. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/49593>. Acesso em: 10/2023.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2012.

GODARD, J-L. **Imagem e Palavra**. 2018. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-253724/>. Acesso em: 02/2024.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolíticas**: Cartografias do Desejo. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: SPILLERS et. al. **Pensamento Negro Radical**: antologia de ensaios. 1º ed. São Paulo: Crocodilo, 2021.

JORGE BEN. **África Brasil** (1976). Álbum completo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2avTXIDO-t4&ab_channel=Sonzeira. Acesso em: 01/2024.

KWAN, D; SCHEINERT, D. **Tudo em todo lugar ao mesmo tempo**. EUA: Diamond Films, 2022. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-270743/>. Acesso em: 11/2023.

LEITE, A. M. P. Fotografia, dobra e educação. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, São Paulo, v. 33, n. 65, 2015. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2317-09722015000200115&script=sci_abstract. Acesso em: 01/2024.

LIBERATO, M. T. C; COSTA, E. A. G. de A; BARROS, J. P. P. O sujeito como campo problemático: contribuições de Foucault e Deleuze. **Revista Polis e Psique**. V. 9, n. 1, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2019000100006. Acesso em: 09/2023.

MACÊDO, C. M. R; SÍVORI, H. F. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de “psicólogos cristãos” brasileiros no século XXI. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, V. 18, n 4, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451859498020/451859498020.pdf>. Acesso em: 01/2024.

MACÊDO, E; RANNIERY, T. E depois do pós-estruturalismo?: Experimentações metodológicas na pesquisa em currículo e educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 941-947, set./dez. 2018a. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12446/209209213151>. Acesso em: 09/2023.

MACÊDO, E; RANNIERY, T. Políticas Públicas de Currículo: Diferença e a Ideia de Público. **Currículo sem fronteiras**. V. 18, n. 3, p. 739 – 759, set./dez. 2018b. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss3articles/macedo-ranniery.html>. Acesso em: 10/2023.

MELCHIOR, L. Fotografia de Poesia: Devires de fabulação, durações em expansão e movimentos do instantâneo. **Aniki: Revista Portuguesa de Imagem em Movimento**, vol 2, n. 1, 2015. Disponível em: <https://aim.org.pt/ojs/index.php/revista/article/view/110>. Acesso em: 01/2024.

MOMBAÇA, J. **2021: Feitiço para ser invisível**. 34º Bienal de São Paulo, 2021. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/artistas/7328>. Acesso em: 01/2024.

MOTEN, F. **Na Quebra: A estética da tradição radical preta**. São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2023.

MOTEN, Fred. Ser prete ou ser nada. In: SPILLERS et. al. **Pensamento Negro Radical: antologia de ensaios**. 1º ed. São Paulo: Crocodilo, 2021.

MOTEN, F; HARNEY, S. **Tudo Incompleto**. São Paulo: GLAC edições, 2023.

NASCIMENTO, A. **Quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. **O negro visto por ele mesmo**. São Paulo: UBU editora, 2022.

NASCIMENTO, B; GERBER, R. **Ori**. São Paulo, 1989. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori#:~:text=Extras-,%C3%94r%C3%AD%20documenta%20os%20movimentos%20negros%20brasileiros%20entre%201977%20e%201988,prematuramente%20no%20Rio%20de%20Janeiro>. Acesso em: 09/2023.

OLIVEIRA, I. V. Giras de Escrevivências: Miragens Metodológicas para Pesquisa Pós-estrutural no campo do currículo. **Revista espaço do currículo** (online). João Pessoa, v. 14, especial, p. 1 – 20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/61164>. Acesso em: 08/2023.

OLIVEIRA, I. V. Tem dendê na Base? Vidas negras e o Currículo Bahia. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 181-202, set./dez. 2020b. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1467>. Acesso em: 11/2022.

OLIVEIRA, R. L. S; FARIAS, E. S. Esboço teórico sobre a leitura da imagem fotográfica. **Latitude**, vol 4, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/844/pdf>. Acesso em: 01/2024.

PARAÍSO, M. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo no Brasil. **Educação e Realidade**, vol. 30, n° 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/23005>. Acesso em: 09/2023.

PINHO, O. Prefácio: Undercommons no Brasil. New York, 2014. Disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/emisferica-11-1-decolonial-gesture/11-1-essays/the-university-and-the-undercommons.html>. Acesso em: 11/2023.

RANNIERY, T. **Currículo-Teatro: Uma Cartografia com Antonin Artaud**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belorizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-966JYU>. Acesso em: 08/2023.

RANNIERY, T. Educação Após a Intrusão de Gaia: O que o queer tem a ver com isso? **Revista e-curriculum**. São Paulo, V. 17, n. 4, p. 1436 – 1457, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/45962>. Acesso em: 05/2022.

RANNIERY, T. Vem cá, e se fosse ficção? **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, V. 13, n. 3, p. 982 – 1002, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/11787>. Acesso em: 01/2023.

ROLNIK, S. Episódio #8: Suely Rolnik. **Psicanalistas que falam**. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y0SDyvf71kc&t=3097s&ab_channel=PsicanalistasQueFalam. Acesso em: 11/2023.

RODEGHIERO, T. **Três pontos sobre a diferença** - [cartografia como método de pesquisa]. abr. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=14g_MwYSIOY&ab_channel=ThiagoRodeghiero. Acesso em: 11/2023.

SANTOS, M. A. dos. Tradução im/possível. In: MOTEN, F. **Na Quebra: A estética da tradição radical preta**. São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2023.

SEIXAS, R. **As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor**. Álbum: Gita. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=izBUsaO5H4g&ab_channel=Neutrols. Acesso em: 01/2024.

SILVA, A. H. J; OLIVEIRA, I. V. Currículo-quilombo na escola do fim do mundo. **Revista Teias**. V. 24, n 75, out/dez, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/79085>. Acesso em: 01/2024.

SILVA, P. de T. B; MACEDO, E. Pesquisa pós-qualitativa e responsabilidade ética: Notas de uma etnografia fantasmática. **Revista Práxis Educacional**. v. 17, n. 48, p. 40 – 59, Out./Dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8902>. Acesso em: 08/2023.

STILLER, Ben. **A vida secreta de Walter Mitty**. Produção: Samuel Goldwyn Films; Red Hour Films; New Line Cinema, 2013. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-206710/>. Acesso: 02/2024.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade:** A forma social do negro-brasileira. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

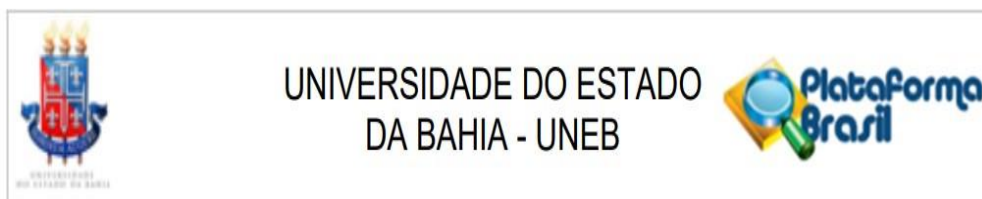
SODRÉ, M. **Samba:** O dono do corpo. 2º ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TITÃS. **Lugar Nenhum.** Álbum: Jesus não tem dentes no país dos banguelas, 1987. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xh39SR91cCs&ab_channel=corbari901. Acesso em: 11/2023.

WILDERSON III, F. **Afropessimismo.** 1º ed. São Paulo: Todavia, 2021.

ANEXO I



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O QUE PODE UM CORPO? CURRÍCULO-DESEJANTE E LUTA ANTIRRACISTA NO CONTEXTO ESCOLAR

Pesquisador: ALBERT HENRIQUE DE JESUS SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 71102023.0.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.330.248

Apresentação do Projeto:

A pesquisa vincula-se ao Curso de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – PPGED - MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED do Campus de Conceição do Coité- Campus XIV -Universidade Estadual da Bahia. Sob a orientação da professora Dr^a Iris Verena de